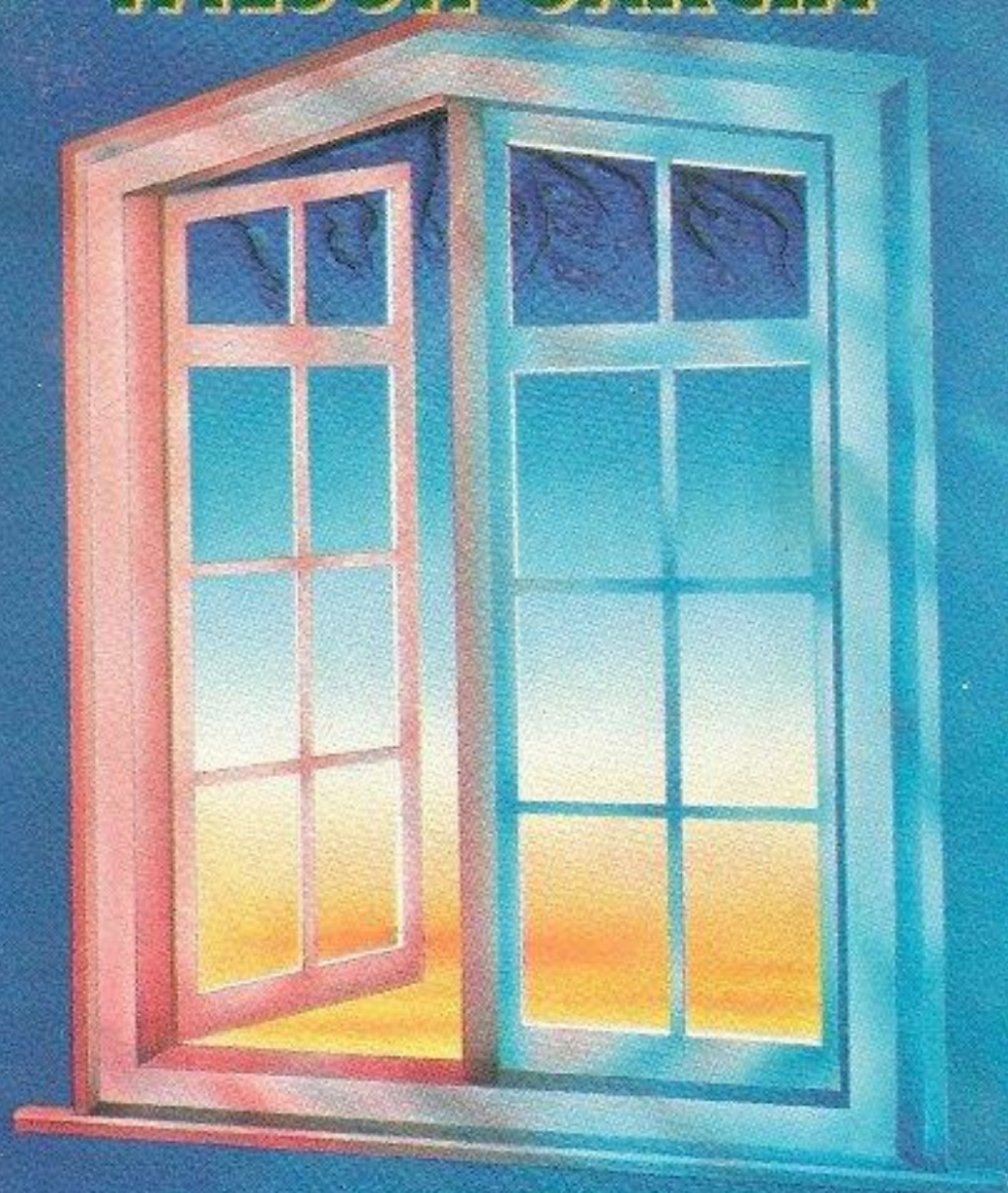


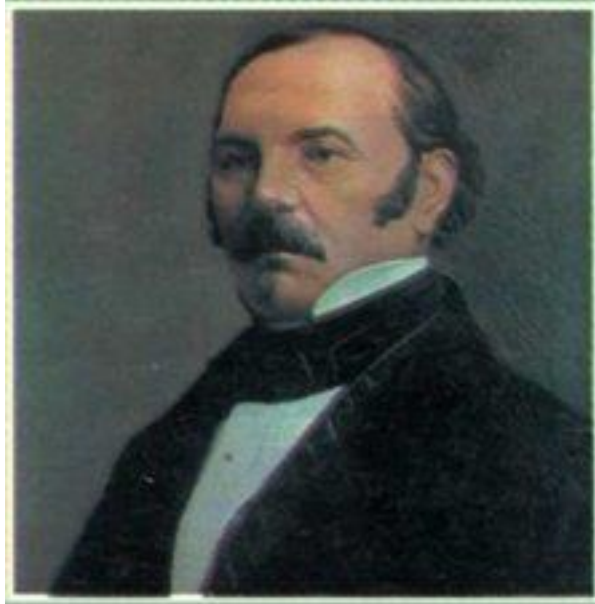
WILSON GARCIA



UMA JANELA PARA

KARDEC

**UMA JANELA PARA
KARDEC
WILSON GARCIA**



Nas sombras dos vícios e das paixões vicejam as barreiras que impedem o desenvolvimento pleno da verdade. Impossibilitados de viverem com desprendimento e

altruísmo as informações contidas na Doutrina Espírita, muitos homens acabam por transformá-las em instrumento de sua própria realização, encontrando no movimento espírita ensejo para obterem sucesso pessoal. As conseqüências disso poderão ser vistas no futuro, quando, cansados de

lutar por objetivos medíocres, estes homens se encontrarem diante da multidão de desorientados, com a consciência de precisar rever seus próprios caminhos, para privilegiarem a felicidade do próximo sem as máculas que trazem em si mesmos.

ÍNDICE

Informações necessárias
Grandes batalhas de Allan Kardec
Kardec: um farol para o próximo milênio
Espiritismo, doutrina da moderna informação
Os princípios da liberdade na "Revue" de Allan Kardec
Kardec e as teses inúteis de sua reencarnação
Kardec e a Maçonaria
A influência dos Espíritos seria um erro de Kardec?
Kardec e o desafio da identidade dos Espíritos
Médicos-Médiuns — uma previsão de Allan Kardec
Perispírito, termo também inventado por Kardec.
O encontro de Coelho Neto com Allan Kardec.....
Cores e sensações do mundo dos Espíritos
Kardec, as instituições e o Espiritismo
A importância da história do movimento espírita nos
 cursos doutrinários.....
As Federações e seu papel no movimento espírita

INFORMAÇÕES NECESSÁRIAS

A questão da pureza doutrinária tem sido colocada de duas maneiras no movimento espírita: a primeira corresponde aos interesses daqueles que não se contentam com o que é oferecido na Codificação e, por isso mesmo, condenam toda e qualquer atitude a que denominam "ortodoxia espírita"; a segunda diz respeito aos que se fecham totalmente em Kardec, de forma linear, e não aceitam absolutamente qualquer coisa que possa alargar o campo de estudos e práticas doutrinárias.

São ambas nocivas!

Nesse campo minado aparecem aqueles que fazem da mediunidade um instrumento de divulgação atabalhoada de teorias e informações duvidosas, assentadas na crença de que os Espíritos que com eles trabalham são — pelo simples fato de serem Espíritos — seres insuspeitos e que não podem ser contrariados.

O Espiritismo, portanto, navega nas ondas do pensamento humano. Os homens fazem dele o que desejam, na expectativa vã de que não importa o que fazem nem como fazem: o importante é estar envolvido com ele. Essa ilusão, a deixá-la prosseguir assim, pode lhes custar caro, mas, antes disso, vai causar estragos em muita gente boa, que se ilude com as fantasias e promessas desses falsos estudiosos e os seguem quase às cegas.

Os que lutam para que o Espiritismo incorpore tudo quanto lhes parece interessante não atentaram para o perigo de tornar a doutrina uma colcha de retalhos, numa descaracterização progressiva, o que terá reflexos imediatos na prática dos centros espíritas e, portanto, dos adeptos.

Os que navegam nas águas superficiais da doutrina e não permitem nada que não passe pelo seu particular entendimento, negam a característica evolutiva do Espiritismo e contribuem para sua paralisação no tempo, contrariando as previsões do Codificador quanto ao seu progresso.

Todos eles constituem entraves a serem removidos. E revelam o desconhecimento não apenas de conteúdo como também dos objetivos do Espiritismo. E mais: demonstram não estar a par das orientações deixadas por Allan Kardec, sobre os métodos que devem ser observados para o progresso doutrinário.

A doutrina não é ortodoxa, mas também não está aberta à aceitação de todas as coisas, indistintamente. Não importa de onde venham as novidades — se dos Espíritos, se por força de conclusões pessoais. As bases para incorporação na doutrina de qualquer novidade estão bem definidas na Codificação. Além de uma lógica irretorquível, é preciso comprovação científica e a sanção do controle universal dos Espíritos.

Neste livro, procurei reunir alguns trabalhos já publicados na imprensa espírita e outros inéditos, preparados especialmente para esta obra. *Uma Janela para Kardec* é um brado de alerta para quantos se preocupam em manter o Espiritismo escoimado dos enxertos que a vaidade e orgulho do homem tentam insistentemente introduzir. É também um esforço no sentido de lembrar que os abusos da mediunidade têm feito chegar ao público um sem número de livros "psicografados", com informações duvidosas ao lado de outras pueris, infantis, ingênuas e ilógicas.

Uma Janela para Kardec é ainda resultado da luta para derrubar as barreiras dos preconceitos e dos interesses pessoais ou grupais que às vezes se disseminam no movimento espírita, instalando um campo propício para forja de um contingente de adeptos apáticos, medíocres e místicos, presos a um comportamento de submissão completa aos

ditames de líderes incapazes de entender e ensinar o conhecimento libertador que brota intenso da Doutrina Espírita.

No momento em que se constrói tantas janelas, onde se instalam criaturas plenas de espírito de sistema, e por onde fluem informações suspeitíssimas consumidas em larga escala, é preciso abrir *Uma Janela para Kardec*, para que o mestre possa de lá remeter o seu olhar firme, lembrando obras e conteúdos de uma doutrina que o homem, ainda hoje, praticamente desconhece em toda sua extensão.

Seja!

O AUTOR

GRANDES BATALHAS DE ALLAN KARDEC

O Codificador do Espiritismo só pode ser bem compreendido se estudado em sua vida de lutas imensas, morais e intelectuais, para dar ao homem as luzes dos conhecimentos novos, trazidos pelos Espíritos. No tempo dos egípcios, os homens legavam seus conhecimentos através do uso de códigos hieroglíficos; Kardec serviu-se da cultura de uma outra realidade mais avançada, mas teve de enfrentar sofrimentos imensos para concluir sua tarefa.

André Moreil¹, biógrafo de Allan Kardec, afirma que para compreender o Espiritismo, "a sua verdadeira natureza, sua definição genuína assim como suas incursões filosóficas, é necessário volver ao fundador, àquele cujo nome continua a somar todas as tendências...". Se cada homem tiver de Allan Kardec a compreensão básica, após analisar suas imensas lutas, sem qualquer sombra de dúvida teremos grande facilidade em entender a própria Doutrina Espírita.

A visão que temos dos grandes homens nem sempre confere com a realidade, principalmente quando entre nós e eles existe um tempo secular. Ou eles nos aparecem excessivamente míticos, como os deuses do Olímpio, ou excessivamente diáfanos, como os anjos dos católicos. Em ambos os casos, a visão estará deficiente, já que ficarão à parte os fatos indispensáveis para entender o homem.

Devemos combater essa situação entendendo que o conhecimento dos fatos em sua realidade intrínseca, na sua forma histórica perfeita, é um instrumento indispensável ao entendimento profundo de qualquer doutrina. No nosso caso, da Doutrina Espírita.

Diante do Codificador do Espiritismo estamos, também, diante de uma vida tão repleta de acontecimentos e ao mesmo tempo tão pouco

conhecida. Repleta de acontecimentos porque umbilicalmente ligada à doutrina que recebeu dos Espíritos e desconhecida talvez pelas mesmas razões. Um mergulho na vastidão dessa obra talvez contribua para reavivar a memória de uns e aumentar o grau de convicção de outros. Talvez sirva também para corrigir a interpretação do entendimento doutrinário de uns e revitalizar a disposição para a causa daqueles que num dado instante de sua existência não se sintam com tantas motivações para viver o Espiritismo com o entusiasmo da juventude.

Grandes foram as lutas, inumeráveis, quase, os desafios enfrentados por este Espírito que reencarnou no País das luzes, com a principal missão de traduzir com a fidelidade possível a doutrina que viria revolucionar os conhecimentos espirituais do homem ocidental. Criativamente, Herculano Pires nos informa que "Allan Kardec nasceu a 18 de abril de 1857 em Paris. Sua certidão de nascimento não foi passada em cartório, mas impressa nas oficinas do editor Didier e exposta ao público na sua livraria. Cada cidadão que adquiria um volume da nova obra, tomava conhecimento da existência de um novo escritor, que surgia do longínquo passado gaulês: o sacerdote druida Allan Kardec, então reintegrado na vida moderna da antiga e misteriosa pátria".

Allan Kardec, pois, nascia ali, com a sua primeira obra, "O Livro dos Espíritos", no alto dos seus 50 anos e utilizando a mesma estrutura óssea do já então ex-professor Denizard Hippolyte Leon Rivail. Trocava as



lâureas consagradas ao pedagogo pela desconhecida vida de um missionário, disposto a enfrentar com a coragem dos grandes as grandes lutas contra o preconceito grassante nos meios folosóficos, religiosos e até! _ científicos. Segundo Herculano Pires, "duas maneiras de encarar a realidade estavam em luta — ou melhor, em guerra aberta — no tempo de Kardec. A humanidade passava por uma fase de transição, semelhante a outras que já havia enfrentado anteriormente, mas dessa vez de forma mais dramática e perigosa. De um lado estavam os místicos e de outro os racionalistas. Os místicos se enfileiravam no campo religioso, os

racionalistas no campo científico. Aqueles tinham a supremacia numérica e o prestígio da tradição. Estes contavam com a supremacia da lógica e o prestígio da inteligência. Kardec reconheceu as razões e os

Allan Kardec, o codificador.

direitos de ambos os contendores e se colocou na terra de ninguém, enfrentando o fogo cruzado de uma guerra que ainda hoje continua acesa".

É fácil, pois, imaginar a posição do Codificador e as batalhas que precisaria travar para não ser engolido nem por místicos nem por racionalistas. Daí, a partir do seu nascimento em abril de 1857, a guerra passou a contar com mais vim interessado, com a diferença de que, se antes os místicos se batiam com os racionalistas, a partir de agora os dois, mesmo sem se unirem oficialmente, partiriam contra o inimigo considerado comum. Kardec lutou homericamente, realizou embates colossais e teve às vezes de se voltar contra os próprios adeptos, mais claramente, contra os falsos adeptos, quando estes ameaçaram corroer a estrutura do movimento. É ainda Herculano Pires quem afirma: "Tantas outras personalidades, vigorosas da época, dotadas de inteligência e cultura iguais ou superiores às dele, não foram capazes de ver com a devida precisão e de agir com tanta firmeza e desinteresse pessoal".

CODIFICAÇÃO, A PRIMEIRA

A primeira grande batalha de Kardec foi, sem dúvida, elaborar a Codificação da Doutrina Espírita. Quando os Espíritos lhe disseram que este trabalho aguardava o seu concurso, Kardec confessou: "Para cumprir essa missão como a imagino, são necessários meios de execução que ainda não estão ao meu alcance". Mas os Espíritos procuraram tranquilizá-lo, dizendo: "Deixe que a Providência cumpra a sua obra e ficarás satisfeito".

Mais tarde, quando a obra estava quase terminada, Kardec reconheceria que a razão estava com os Espíritos. Repetiu-se com Kardec exemplos de fatos que fazem a história da humanidade: o simples, até mesmo o óbvio é onde se encontra a chave das grandes descobertas. Quem poderia ver no movimento das mesas fundamentos de uma nova doutrina senão um Espírito acima da média? Foi algo semelhante o que ocorreu com a descoberta da lei da gravidade e com a força do vapor, para citar apenas dois exemplos.

O gênio humano parece cumprir uma sina curiosa:



J. Herculano Feres, o talento a serviço da divulgação espírita.

destronar os orgulhosos com a arma da simplicidade. As grandes conquistas acabam se asentando, invariavelmente, sobre as bases das observações mais comuns, enquanto os que seguem caminhos complexos acabam vencidos, sem alcançar a glória que imaginam.

As mesas gi-rantes poderiam levar ao nada e o nada parecia ser o seu caminho mais lógico. O gênio de Kardec impediu que esse grande movimento ficasse soterrado na inutilidade: descobriu nele a surpreendente presença da inteligência humana, a partir do que compilou informações que reuniu com bom-senso e lógica, segundo os

conhecimentos pedagógicos de que dispunha. A dimensão desse trabalho não conhece medidas reais. Pode-se imaginar o esforço que o Codificador desenvolveu; pode-se pensar sobre suas palavras, reuni-las com a dos Espíritos e daí tirar algumas conclusões interessantes, mas a medida verdadeira daquilo que fora preciso reunir no gênio para que o gênio pudesse empreender o trabalho, partindo da quase banalidade das mesas que giravam e falavam, essa foge completamente ao comum dos mortais.

A inteligência genial está sempre à frente do seu tempo e isso é perfeitamente aceitável. O que o mundo, ainda hoje, não compreende é que possam os gênios estarem assessorados por outros gênios e tornar sua atividade, por isso mesmo, insuperável. Kardec não só viu essa face tão misteriosa então, como nela acreditou e acabou por propagá-la. Mas sua inteligência invejável, resultado da soma de experiências inumeráveis, foi capaz de conviver com a verdadeira sociedade espiritual e distinguir nela aqueles caracteres tão diferentes, com suas qualidades distintas, podendo usar a experiência para tornar o feito melhor aproveitado.

Se quer o homem entender a sociedade dos Espíritos, diria ele, procure entender a dos homens na terra. A semelhança é evidente. Ora, trabalhar com inteligências diferentes, com caracteres contraditórios e

interesses particulares constituiria para qualquer homem um terrível perigo. A situação se torna ainda mais desafiadora quando as inteligências de que se trata surgem das brumas e se manifestam desde o invisível, podendo portar-se com comportamentos tão enganadores quanto surpreendentes. Aí também o gênio revelou-se extraordinário, a ponto de não ter sido, ele, Kardec, jamais igualado por qualquer outro que se relacione com o mundo dos Espíritos.

Entre tantas circunstâncias que a Codificação do Espiritismo oferece à análise do homem, a da reunião das informações em tão larga escala é das mais intrigantes. O pesquisador comum costuma passar anos em busca da formulação de uma simples teoria e, quando consegue completá-la fica à mercê de modificações quase imediatas, o que torna seu trabalho profundamente desgastante. Pois Kardec trabalhou sobre uma enorme quantidade de teorias, agindo como agiria um cientista profissional diante das experiências repetidas e anotadas em milhares de pequenos papéis. Ao cabo de simples 15 anos de dedicação intensa, onde não poucas vezes fez de tudo o que se pode imaginar (de garoto de ofícios até secretário), deixou ele não uma, mas inúmeras teorias perfeitamente fundamentadas na lógica e comprovadas por experiências.

Ali, onde muitos se perderiam, tomando rumos desastrosos, o gênio soube organizar-se psicologicamente; ali onde o terreno se mostrava movediço foi capaz de segurar o imenso desejo de aplicar suas próprias convicções para deixar vaziar aquilo que o bom-senso aprovava. Nenhum homem, repetimos, ninguém dentre aqueles que o secundaram na imensa batalha pela verdade faria em sua ausência o que fez ele, com a mesma qualidade e no mesmo período de tempo. Seu gênio foi tão presente no trabalho que pôde realizar a própria missão e ainda interferir nas atividades dos auxiliares quando estes deixavam-se levar pelos caminhos dos devaneios ou das conclusões ilógicas, para tão só impedir que elas deslustrassem, com uma só vírgula, a obra maior. E Kardec não lidou com inteligências comuns, mas com tantos homens de gênio, como Camille Flammarion, Leon Denis, Gabriel Dellane e outros, reencarnados e, sem dúvida, predispostos à mesma obra geral.

A precisão do trabalho de Kardec há de ser vista, com muito maior prazer e deslumbramento pelos séculos afora!

NA IMPRENSA, AS CHACOTAS

Lançadas as bases da Doutrina Espírita, a guerra estava declarada. Como o Cristo, que um dia se referiu à espada impiedosa que atravessa

os preconceitos e por isso abre feridas capazes de fazer rugir os mais corajosos homens ("Eu não vim trazer a paz, mas a espada"), "O Livro dos Espíritos" foi a excalibur que feriu fundo a sociedade, os místicos e os homens de ciência. E o primeiro tiro contra o Espiritismo partiu via imprensa. O próprio Codificador iria afirmar, mais tarde: "Quando certos autores da imprensa periódica, nos seus momentos de lazer, se dignaram ocupar-se dele (o Espiritismo) não o fizeram senão para o ridicularizar".

Kardec não esperava a aprovação de ninguém para o livro primeiro. Tamanha ousadia não lhe passou pela cabeça. Sabia, mais do que outro qualquer, que a obra causaria profundas indignações na razão direta de que tocava as estruturas podres da ciência e da religião. Não poderia, portanto, esperar que lhe fossem oferecidas flores. Desejava, entretanto, o mínimo de dignidade no trato com a nova doutrina, por parte da imprensa, conforme anotaria depois.

A imprensa, porém, traduzindo de imediato o preconceito arraigado em certa parcela poderosa da sociedade, assestou seus instrumentos sobre o Espiritismo e, utilizando às vezes de informações discutíveis, buscou lançar Kardec ao ridículo, desejando afirmar que a doutrina não passava de uma brincadeira momentânea. Não acreditou que o trabalho pudesse vencer o tempo e ultrapassar as fronteiras da França gloriosa.

Avisado pelos Espíritos, Kardec logo compreendeu que os ataques se transformariam num meio de divulgação fácil do Espiritismo. Por isso, ao invés de debater-se com pessoas pouco sérias, interessadas mais no sensacionalismo que na verdade, Kardec deixou-os falando sozinhos. Somente nas ocasiões em que a polêmica poderia servir, em vista da seriedade do articulista, saía ele em defesa dos princípios espíritas.

E aí, devemos convir, demonstrava com coragem toda sua convicção. Para defender a doutrina Kardec não tinha meios termos, não tergiversava, nada o atemorizava. Sua cultura humanística, forjada ao longo dos estudos com Pestalozzi e amadurecidas nas lides de pedagogo, era usada a serviço da nova causa. E, ainda hoje, um exemplo para as gerações.

Moreil registrou: "É evidente que uma mente positiva e metódica como aquela de Allan Kardec esforçava-se em demonstrar aos filósofos que o Espiritismo não é uma doutrina abstrata; à igrejas, que não é uma nova seita; enfim, à ciência, procura demonstrar que o campo do

Espiritismo é tão natural quanto aquele da física, da biologia ou da química".

A IGREJA ENTRA NA GUERRA

Kardec empenhou-se com sacrifício na luta. Deixou o trabalho profissional, abandonou os sonhos materiais. Desde cedo, os representantes do clero romano o espreitavam. E não tardou a entrarem na luta. A imprensa era o meio quase sempre por eles utilizado para atacar as idéias que Kardec fazia chegar ao povo.

Até determinada ocasião, as críticas permaneceram no campo dos fenômenos. A partir de um certo momento — e isto ocorreu em 1861 — não conformados com a popularização das informações dos Espíritos, na França e outras partes da Europa, com estragos até nos mais fechados redutos católicos, o clero passou a promover ataques à moral do Codificador.

O instrumento foi a revista "La Bibliographie Catholique", pelas mãos de seu redator Georges Gandy. Este, desejando convencer os leitores e postando-se como defensor das pobres almas enganadas na Terra, apresentou deturpadas interpretações da Doutrina Espírita. Adulterou transcrições de "O Livro dos Espíritos", numa atitude própria das almas mais desonestas, para conduzir o leitor.

Kardec respondeu às críticas do famigerado redator, mostrando todos os pormenores de sua atitude. Escreveu ele um longo trabalho na Revista Espírita de janeiro de 1861, no qual às vezes se utiliza do tom jocoso para responder ao crítico desonesto, como se observa nesta passagem: "Mas eis que surge um novo campeão, pretendendo esmagar o Espiritismo por outro meio: é o Sr. Georges Gandy, redator de La Bibliographie Catholique, que se atira num corpo a corpo, em nome da religião ameaçada. Esta é boa! a religião ameaçada por unia coisa a que chamais de utopia".

A brilhante defesa escrita por Kardec aponta os erros cometidos pelo opositor e conclui que o tiro mais uma vez sairia pela culatra, ou seja, ao invés de esmagar o Espiritismo iria divulgá-lo ainda mais, despertando a curiosidade naqueles que ainda não haviam tomado conhecimento da nova doutrina. Foi o que se viu.

ACUSAÇÃO DE ENRIQUECIMENTO ILÍCITO

A ação dos místicos enfileirados na religião, com especial destaque para o catolicismo, espalhando-se por toda a França e utilizando-se de todos os meios na vã tentativa de breçar o avanço do Espiritismo, iria manifestar-se de outras maneiras. Na cidade de Lion, o púlpito da própria igreja passou a ser usado pelo padre, durante o sermão dominical, para denegrir levianamente a figura honestíssima de Kardec.

Acusou-o o clérigo de enriquecimento ilícito, tudo à custa do Espiritismo, além de estar enganando os espíritos fracos com seus livros. O pároco foi longe demais. Disse que Kardec andava de carruagem própria, possuía milhões e em sua casa tudo brilhava; sua mesa era fartíssima!

Kardec respondeu com fatos. Demonstrou de onde lhe vinham os parcos recursos, com os quais mantinha-se e à esposa amiga. Diz, a certa altura: "Que diria o Sr. vigário se visse minhas mais suntuosas refeições, nas quais recebo os amigos? Achá-las-ia muito magras, ao lado das magras refeições de certos dignatários da Igreja, que as repeliriam, talvez, para as mais austeras quaresmas".

Mais tarde, ao apresentar o relatório da Caixa do Espiritismo em 1865, Kardec reforça a sua posição: "De todos os tempos temos tido de que viver, muito modestamente, é verdade, mas o que teria sido pouco para certa gente nos bastava, graças a nossos gostos e hábitos de ordem e economia. (...) Fi-lo por meu próprio movimento e minha mulher, que nem é mais ambiciosa nem mais interesseira do que eu, concordou plenamente com meus pontos de vista e me secundou na tarefa laboriosa, como o faz ainda, por um trabalho por vezes acima de suas forças, sacrificando sem pesar os prazeres e distrações do mundo, aos quais sua posição de família a tinham habituado".

O FAMOSO AUTO-DE-FÉ EM BARCELONA

Os ataques católicos acirravam-se, contudo a resistência de Kardec era grande. O auto-de-fé de Barcelona foi um episódio lamentável, inquisitorial, promovido pelos representantes do clero romano em terras da península ibérica. Maurice Lachâtre, escritor e editor francês, refugiado à época em Barcelona, amigo de Kardec e admirador da doutrina fizera uma encomenda de 300 livros e brochuras espíritas ao Codificador. O destino, porém, dos livros foi a fogueira, por determinação dos bispos espanhóis. O fato marcou para sempre o despotismo dos senhores padres.

Ante a notícia, Kardec exclamou: "Espíritas de todos os países! Não esqueçais a data de 9 de outubro de 1861!" Mais tarde, diria, ainda: "Podem queimar-se livros, mas não se queimam idéias: as chamas das fogueiras as superexcitam, em vez de abafar".

Esta batalha foi ganha pelos adversários do Espiritismo, mas a guerra o Espiritismo ganharia. O Codificador tinha, mais uma vez, razão, pois as chamas daquela fogueira iluminaram a mente de muitos homens, despertando neles o interesse pelo novo conhecimento.

O próprio bispo, autor da ordem para a destruição dos livros espíritas, retornaria depois do túmulo, com Kardec ainda encarnado, para arrepende-se de seu próprio despotismo.

A INFILTRAÇÃO DE TEORIAS ESTRANHAS

Os ataques dos católicos prosseguia. As vezes, com a colaboração dos espíritas orgulhosos e ignorantes das questões doutrinárias. Kardec chamava a atenção para os perigos da mediunidade mal conduzida, por ver aí a porta de entrada de teorias estranhas ao corpo doutrinário.

A Kardec, unicamente, cabia a condução do Espiritismo na sua fase inicial. Em reforço disso veio a informação dos Espíritos: "Era necessário,

pois, que fosses o único em evidência, até que o trabalho de elaboração estivesse terminado; precisava-se de uma bandeira, em torno da qual todos os adeptos pudessem se reunir; era preciso que te considerassem indispensável, para que a obra saída de tuas mãos tivesse mais autoridade no presente e no futuro...".

Apesar das evidências, aqui e ali apareciam mensagens mediúnicas recebidas à margem da Codificação e espalhadas em nome do Espiritismo. Nenhuma, entretanto, superou a que foi coordenada por Jean Baptiste Roustaing, cujo ponto central atribuía ao Cristo um corpo fluídico, diferente, portanto, dos demais seres humanos.

Kardec condenou a obra com veemência, como demonstro em meu livro "O Corpo Fluídico". Roustaing morreu na França, ele e seus livros, que jamais passaram de uma única edição. Os seus discípulos se rebelaram contra Kardec e mantiveram a divulgação da nefasta obra por algum tempo, até que ela foi transportada para o Brasil, onde ganhou as benesses da Federação Espírita Brasileira e se manteve. Foi, portanto, o primeiro e maior cisma dentro da doutrina, em França, e o maior e principal motivo de divisão dos espíritas brasileiros.

- Os espíritas verdadeiros, porém, continuam com Kardec!

DESERTORES - OS FALSOS ESPÍRITAS

Pode-se incluir no rol das grandes batalhas de Kardec, sem qualquer dúvida, a que ele enfrentou dentro das próprias hostes. Considerava ele que o falso espírita era mais prejudicial à causa do que os adversários mais ferrenhos.

O seu biógrafo André Moreil destaca: "Foi ele o primeiro a denunciar os falsos espíritas, os embusteiros, os interessados que se servem de uma doutrina séria, sem possuir a graça divina". Em junho de 1862, pela Revista Espírita, Kardec diria: "Aliás, poderá acontecer que, entre os Saul do Espiritismo de hoje, mais tarde surjam os São Paulo; esperamos não ter que registrar os Judas".

Pela mesma Revista, em junho de 1865, asseveraria: "O Espiritismo, cujos princípios têm tantos pontos de semelhança com os do

cristianismo, também deve ter os seus Judas, para que tenha a glória de sair vitorioso dessa nova prova".

Não podemos nos esquecer que é de Kardec a máxima, hoje tão divulgada e à espera de praticabilidade, que diz: "Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que faz para dominar suas más tendências".

Falando em "Obras Póstumas" sobre os desertores, Kardec posicionou de modo claro os motivos que levam as pessoas ao abandono da doutrina: "Há o recuo ante o sacrifício do bem-estar, ante o receio de comprometer os interesses materiais, ante o medo do "que dirão"; há o ser-se abatido por uma mistificação, tendo como consequência, não o afastamento, mas o esfriamento; há o querer viver para si e não para os outros, beneficiar da crença mas sob a condição de que isso nada custe".

Enfim, Kardec lutou o tempo todo para que ficasse claro que os verdadeiros espíritas seriam fiéis, dóceis, compreensivos, desprendidos, amáveis, amigos dos fracos e dos pobres.

AS DUAS ÚLTIMAS GRANDES LUTAS

Após tantas batalhas, Kardec tinha o corpo físico um pouco abalado em 1868. Assim, vamos encontrá-lo diante de dois desafios: o primeiro de ordem íntima e o segundo de caráter administrativo sobre os caminhos da doutrina. Ambos, por certo, resultantes do pressentimento da proximidade do fim de sua missão na Terra.

Kardec aproveitava algumas ocasiões de lazer para, do fundo de sua alma gaulesa, meditar sobre a doutrina e o que ela lhe oferecia em termos espirituais. O Espiritismo não fora codificado apenas para os outros; ele, talvez mais do que ninguém, sentia sua força e o compromisso de observar seus preceitos. A caridade! Este tema levava-o a muitas reflexões. E sobre ser praticante dela, não tinha dúvidas, como observava em suas anotações: "Estes princípios para mim não existem apenas em teoria, pois que os ponho em prática..." E, mais adiante: "A esse respeito, trago tranqüila a consciência; e a ingratidão com que me hajam pago em mais de uma ocasião não constituirá motivo para que eu deixe de praticá-lo (o bem)".

Ao lado dessa notável batalha, Kardec desenvolvia a luta para deixar aos futuros interessados pelos destinos do Espiritismo um plano a que denominaria Projeto 1868: "Um dos maiores obstáculos capazes de retardar a propagação da doutrina seria a falta de unidade. O único meio de evitá-la, senão quanto ao presente, pelo menos quanto ao futuro é formulá-la em todas as suas partes e até nos mais mínimos detalhes, com tanta precisão e clareza, que impossível se torne qualquer interpretação divergente".

. O Projeto continha a Constituição do Espiritismo, por ele publicada em separado na Revista Espírita. Este plano geral entrava em detalhes interessantíssimos, e o futuro comprovou que Kardec tinha plena razão em esmiuçá-los, porque, apesar disso, alguns espíritas vaidosos teimaram em criar interpretações divergentes e em contrariar os preceitos estabelecidos pelo Codificador.

A oportunidade de contar com uma boa e bem localizada sede, sem "luxo desnecessário", mas também "sem penúria"; o estabelecimento do ensino espírita, a publicidade da doutrina, a preparação de missionários para viagens, o sério problema das divisões internas, a que chamou de "cismas", a condução dos destinos do Espiritismo, que deveria ficar nas mãos de uma direção central, todos estes e inúmeros outros pontos tomaram o tempo e exigiram muito esforço de Kardec.

Mas, Kardec não desejava apenas deixar estes pontos claros. Tinha em mente evitar que o Espiritismo fosse alcançado por um número

considerável de pessoas que não viam na doutrina senão a oportunidade de extrair dividendos pessoais, pois que não a amavam de verdade. Não eram os espíritas verdadeiros e somente a estes a doutrina deveria atender. Asseverou, pois: "Criamos a palavra *Espiritismo* para atender as necessidades da causa; temos, pois, o direito de lhe determinar as aplicações e de definir as qualidades e as crenças do verdadeiro espírita". Essa batalha, aliada a outras menores, de acerto de detalhes das obras, como pequenas revisões em "A Gênese", consumiram os últimos momentos do grande missionário: "...de forma nenhuma me inquieto e só me ocupo com o que, para mim, é o essencial: o acabamento dos trabalhos que me restam".

Teve ele tempo ainda de escrever o Credo Espírita, documento de grande importância e pouco difundido na modernidade, onde asseverava: "Os males da Humanidade provêm da imperfeição dos homens; pelos seus vícios é que eles se prejudicam uns aos outros". Mas não pôde, lamentavelmente, desenvolver os "Princípios fundamentais da Doutrina Espírita, reconhecidos como verdades inconcussas", como queria.

Na manhã do dia 31 de março de 1869, ambos, Denizard Hippolyte Leon Rivail e Allan Kardec deixavam o campo de batalha com a certeza de haver vencido a grande guerra do estabelecimento de uma doutrina moderna, informativa, de duração imprevisível. Seu coração "detém-se para sempre, em consequência da ruptura de um aneurisma", diria seu biógrafo André Moreil.

Nem um nem outro, contudo, deixaria as páginas da história mundial: o primeiro, por suas obras pedagógicas e o segundo pela coragem e grandezas intelectual e moral, que o levaram a deixar no mundo a extraordinária Doutrina dos Espíritos.

KARDEC: UM FAROL PARA O PRÓXIMO MILÊNIO

Uns de forma velada, outros abertamente tentam passar a ideia de que a Doutrina Espírita esteja superada, principalmente no que diz respeito ao seu aspecto científico. As novas descobertas e a não comprovação de certas afirmações contidas nas obras básicas seriam os pontos de

confirmação da superação doutrinária para tais observadores. Esses que assim falam apenas repetem hoje o que já diziam alguns, pouco tempo depois da chegada da doutrina. A questão é, portanto, antiga.

Leon Denis, na França, Ernesto Bozzano, na Itália, e Deolindo Amorim, Herculano Pires e Carlos Imbassahy (o velho) no Brasil, entre tantos outros que poderiam estar aqui citados viram-se de frente com este problema. Enfáticos, uns mais outros menos, demonstraram à evidência que a questão da superação doutrinária estava mais para o interesse particular de alguns do que para a realidade. Em épocas que muitas vezes se distinguiam, estes estudiosos abordaram os mesmos pontos e puseram em destaque a falácia da questão.

Com pouco menos de um século e meio de existência codificada, a Doutrina Espírita é ainda — vale reproduzir o pensamento de Herculano Pires — a grande desconhecida. Raros a estudam com profundidade e poucos a compreendem além dos contornos de seus traumas e ranços religiosos. Significativa parcela daqueles que a olham pelo seu aspecto puramente racional, tentando cotejar as questões ditas científicas e buscando a frieza das comprovações quantificadas se deixa levar por deduções superficiais e, não raro, imediatistas. Não encontrando aquilo que premeditadamente procuram, deixam de alcançar interpretações que a pressa não comporta.

A Doutrina Espírita é conhecimento para mais de mil anos. Esta verdade se põe em contradição com aqueles que pregam a sua superação, pois desejam que tudo nela esteja oficialmente comprovado em menos de 150 anos. Não contentes, ainda, alguns outros pedem a recomprovação do que já foi comprovado, em evidente má vontade para com o Espiritismo. De olhos postos em terminologias utilizadas por evidentes razões em função da época da codificação, há quem diga que tal e qual coisa não confere com isto e aquilo que a ciência descobriu. Vão além: não permitem que os termos doutrinários e os científicos possuam um mesmo significado, pois se o fizessem estariam jogando por terra as suas próprias afirmações.

Doutrina superada é aquela que nada mais tem a oferecer ao ser humano. Sob este ponto de vista, as mais antigas doutrinas filosóficas e religiosas constituem, ainda hoje, bases para o estudo do ser humano e da sua parte espiritual. O componente "novidade", isto é, o conhecimento que nelas se encontra formalizado não se esgotou porque ultrapassa à capacidade do homem de absorver completamente aquele conhecimento.

As novidades na Doutrina Espírita encontram-se em quantidade ainda maior. Diríamos, sem medo de errar, que o Espiritismo é mesmo uma doutrina congestionada de novidades e, portanto, eivada de entropia. Pode-se constatar essa realidade na imensa dificuldade que têm os adeptos de todas as latitudes, de compreenderem com perfeição as informações obtidas na Codificação. O reflexo disso apresenta-se na prática doutrinária: é aí que o homem mais demonstra a precária capacidade de penetração das novidades, pois transfere o conhecimento para o dia-a-dia de forma insegura, incompleta e não raro deformado.

A entropia que preenche a filosofia espírita não chega a constituir um mal para a doutrina. Fora inevitável que a entropia aparecesse, visto que, em dado instante da história da humanidade, as inteligências superiores precisaram reunir-se em larga escala, num formidável movimento universal, e transferir para a esfera terrena uma série de informações desconhecidas e imprescindíveis. A entropia apareceu aí, de forma evidente, já que essas informações não poderiam ser trazidas em pequenas parcelas; isto iria comprometer o todo, o conjunto doutrinário, impedindo, mesmo, que a doutrina fosse formulada de maneira ampla.

O que parece indiscutível é que o conjunto doutrinário se constitui de partes que se interligam formidavelmente. Não se poderia, por exemplo, centralizar o fornecimento de informações sobre a mediunidade sem ligá-la à reencarnação; parece ser impossível desenvolver o conhecimento sobre reencarnação sem estabelecer ramificações com as leis naturais, a vida no



Deolindo Amorim, um dos grandes defensores da doutrina codificada por Allan Kardec.

espaço, as influências recíprocas dos seres nos dois planos da vida e assim por diante.

Isso explica, com clareza, a imensa quantidade de coisas novas que a doutrina apresenta e que determina a entropia nela. Ora, a entropia não impede o acesso do estudioso ao conhecimento e à novidade, em parcelas assimiláveis. Mas responde com precisão sobre a necessidade de ter o homem, por muitos séculos ainda, de vasculhar esses conhecimentos, para só então poder assimilar as novidades (informações novas) com a devida precisão, formalizando-as na sua vida prática.

É pelo bom-senso e pela lógica que o ser percebe que o Espiritismo precisará de muitos séculos para ser absorvido e, afinal, ultrapassado. Atualmente, o que dele já retirou o homem não é senão um filão ínfimo de todo o ouro filosófico-moral que ele contém. É verdade que o brilho desse filão tem embevecido a muitos e tornado outros despeitados, mas isto se explica pelo imenso atraso moral do próprio homem.

Quanto tempo levará o homem para esgotar essa formidável mina não se pode precisar. O progresso científico e intelectual do ser, todavia, vem demonstrando que as teorias espíritas, longe de se contradizerem, cada dia mais se afirmam por comprovações inequívocas. Aquilo que em determinados momentos pareceu ser derrubado, foi no instante seguinte confirmado. A pressa e a incapacidade de entender a doutrina têm feito muito mais estrago do que qualquer prova levantada contra as afirmações que a doutrina faz sobre os diversos setores da existência humana.

Com tal quantidade de novidades, que explicam a entropia e respondem sobre as práticas imperfeitas, só podemos esperar que o Espiritismo se esgote após muitos séculos de estudo sério, profundo. Por isso, a doutrina será o farol do futuro, iluminando não apenas caminhos, mas, acima de tudo, consciências.

ESPIRITISMO, DOUTRINA DA MODERNA INFORMAÇÃO

A sociedade de hoje tem na informação a sua grande força. Aquele que detém mais informação é quem está mais preparado para vencer. A qualidade da informação e a capacidade de usá-la é que fornecem poder e domínio. «O Livro dos Espíritos é o código de uma nova fase da evolução humana». O termo código, utilizado por Herculano Pires no pensamento acima, significa coleção de leis, regras e princípios. Em resumo, isto quer dizer um conjunto de informações

importantes e necessárias ao homem moderno, para sua evolução, ou seja, seu progresso no estágio atual da humanidade.

Embora próximo dos 140 anos de vida e vivendo atualmente a inimaginável era da comunicação, onde a informação tem a velocidade da imagem e do som, "O Livro dos Espíritos" é o grande documento sobre a vida, o destino e o universo que a humanidade jamais conheceu.

Um século atrás, o homem tinha suas necessidades circunscritas física e intelectualmente ao produto da terra e da mente, que se restringiam à lentidão de suas descobertas tecnológicas. O homem de hoje não apenas acrescentou a essas necessidades o produto informação, mas encontrou nele importância muito maior do que as demais matérias-primas.

Em 1900, em quatro mil metros quadrados de terra no Japão, precisava-se de 100 dias de trabalho para produzir 15 sacas de 60 quilos de arroz. Em 1980, bastavam 30 dias para produzir 26 sacas. A diferença entre o agricultor do início do século e o de hoje chama-se informação.

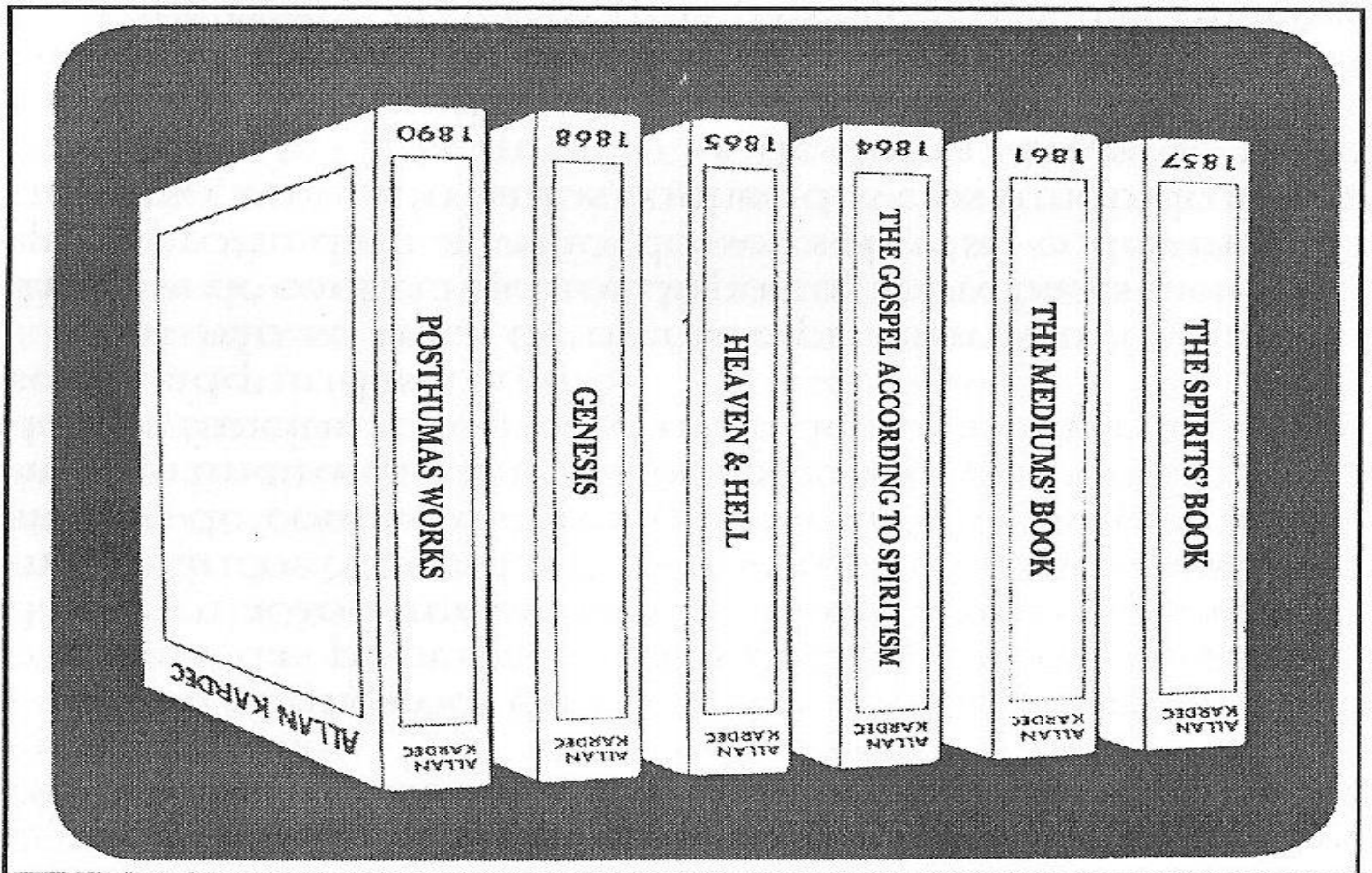
O avanço da tecnologia está todo calcado no conhecimento. O percentual de informação nos produtos de hoje é tão elevado que a própria matéria-prima da qual são feitos passa a ter presença quase insignificante em sua composição. O carro produzido no início do século tinha cerca de 90 por cento de matéria-prima e apenas 10 por cento de informação. Um semicondutor produzido hoje, para se ter uma idéia, contém 99 por cento de informação e somente 1 por cento de matéria prima.

Em termos espirituais, como se explica a presença do homem na sociedade moderna? Do mesmo modo que não pode este homem viver na sociedade sem a informação, porque é a informação que o posiciona, precisa ele do conhecimento de si mesmo para completar-se e se ajustar ao contexto.

Os 30 milhões de excluídos que existem em nosso país são, em síntese, a grande parcela do povo à qual é negada a informação. O nível de seus conhecimentos é tão baixo que não lhes resta outra alternativa senão viver às 24 horas do dia na luta contra a fome. As demais necessidades são todas elas também sacrificadas. O instinto de preservação da vida é a primeira de suas manifestações.

A tecnologia avança sobre a sociedade humana como uma tormenta desenfreada, produzindo todo tipo de preocupações. A maior delas, contudo, centra-se na necessidade de deter, cada vez mais, informação, não só para poder preservar a capacidade de produzir adequadamente, como também para acompanhar esse novo estágio. A velocidade das descobertas parece, entretanto, ser maior do que a velocidade da aquisição de conhecimento pela massa.

. Em vista disso, mesmo nas sociedades mais destacadas, as do primeiro mundo, o fantasma assombroso deste final de século se chama desemprego. Não há como esconder essa realidade, nem negá-la. A máquina, hoje produzida pelo homem informado e detendo ela tais níveis de conhecimento, toma o lugar do trabalhador, excluindo-o das linhas de produção, dos postos de serviço, enfim, do contexto produtivo.



Essa exclusão é similar ao que ocorre no aspecto espiritual. Mas, agrava-se aqui pelas ocorrências materiais, ou seja, a situação em que vive o homem no contexto social e os problemas que não consegue solucionar aí estendem-se para além do meramente físico, indo alojar-se na alma.

O homem desinformado sobre sua realidade espiritual, sobre a verdade de sua existência e sobre as leis do Universo exclui-se a si mesmo do contexto extrafísico, pelo menos daquele mais avançado. É por isto que se torna chocante ver-se um líder religioso, como o auto-intitulado pastor Edir Macedo, vir a público e afirmar que «a razão humana não pode ser encontrada em estado natural (...) Quem

gosta de julgar os outros à luz da razão deste mundo deve considerar que esta não fornece a única nem a verdadeira visão da vida».

As 1018 questões do Livro dos Espíritos formam hoje o extrato das principais necessidades humanas no campo da informação inter-existencial. Este é apenas um número matemático. Na verdade, as

questões são em si mesmas a síntese de conhecimentos que tendem a complementar, num primeiro instante, as necessidades do homem, para depois funcionar como gérmen de novas informações, a serem adquiridas à frente.

Mas não se trata de meras e primitivas informações. Trata-se de conhecimentos dispostos sobre bases racionais, que aprofundam a visão do ser sobre si, o destinada universo, reunindo dados conhecidos e os fundindo a uma nova visão. Cada questão se desdobra, à luz da razão individual, em inumeráveis outras questões, por ser uma síntese em si mesma.

Aqueles que já detêm uma parcela dessas informações constituem hoje a prova mais efetiva de sua importância. É, contudo, interessante observar que a capacidade de interpretar os conhecimentos espíritas define a qualidade do uso das informações. O homem melhor informado consegue produzir resultados melhores, em termos de vida segundo a doutrina.

É o que ocorre de forma geral com a informação. Não basta detê-la em quantidade, mas ter capacidade de utilizá-la de forma efetiva. As diferenças que se observa na produtividade são resultantes da melhor ou pior aplicação da informação. Uma empresa consegue apresentar melhores produtos que outra em razão da quantidade e do uso da informação.

A realidade espiritual, segundo as informações colhidas em fontes seguras, demonstra que a qualidade de vida dos Espíritos se prende à quantidade de informações que cada um detém e à maneira como emprega esses conhecimentos. Isso se aplica aos mais diferentes aspectos dessa vida, indo do poder de se comunicar pelo pensamento à capacidade de se locomover sem necessidade de uso de meios físicos.

Em se tratando de uso dessas informações na sociedade terrena, os resultados também se prendem a condições semelhantes. O ser bem informado profissionalmente se completa com as informações que obtém sobre si, sua realidade psicológica como ser de muitas existências, que integra uma sociedade mais ampla, composta de outros seres que não vê mas existem e permutam influências das mais diversas qualidades.

O atual estágio de evolução explica-se, também, pela existência desse contingente de seres que não se contentam apenas com as informações aceitas oficialmente, obtidas nos estudos regulares e nos cursos de aperfeiçoamento. Esse contingente é cada vez mais representativo em termos estatísticos, porque formado por seres ávidos de integração cada vez maior na natureza.

Para eles, pois, a doutrina funciona como o repositório de informações que completam exemplarmente suas necessidades e, mais do que isso, estimulam sua capacidade de produzir socialmente.

Os PRINCÍPIOS DA LIBERDADE NA "REVUE" DE ALLAN KARDEC

A liberdade que os tempos modernos reivindicam, como nunca, para a imprensa, era respeitada pelo Codificador como um bem precioso e capaz de oferecer resultados excelentes. A Revista Espírita é o repositório de material extraordinário, de onde desponta essa inigualável liberdade, preparado pela pena invisível de Espíritos que se digladiavam com a espada das letras.

Um dos livros ainda em falta em nossas estantes é, sem dúvida, aquele que mostra o Codificador do Espiritismo em sua interessante atividade jornalística. A "Revue Spirite", fundada por Kardec, foi para ele o instrumento de realização de uma faceta de sua personalidade à qual seus biógrafos não se referiram e o leitor quase nunca percebe. O Kardec jornalista, um dia escrito, há de mostrar o homem em sua mesa de trabalho diante de centenas de escritos, analisando, comentando e publicando o pensamento humano.

O exemplo mais forte que esse trabalho ressaltará, será o do homem que conseguia estender suas vistas para além dos limites de seus próprios estados psicológicos e de seus interesses particulares, deixando a Revista levar, em sua inteireza, o pensamento muitas vezes contraditório, discutível.

Só mesmo uma personalidade bem formada é capaz de respeitar o labor alheio, suas formas de expressão do pensamento, sua maneira de ver e raciocinar, sem exigir-lhe a coerência que parece própria a quem exercita o jornalismo. Kardec demonstrou, também, este lado grandioso, ao publicar na Revista Espírita, além de milhares de informações de naturezas diversas e diretamente ligadas aos estudos espíritas, a palavra de Espíritos polêmicos. E o que veremos.

LAMENNAIS, BUFFON E OUTROS

EXPERTS" DA PALAVRA

Famosos quando encarnados, centenas de Espíritos participaram dos trabalhos da Codificação do Espiritismo através de mensagens que escreveram via médiuns, boa parte delas na Sociedade Parisiense de

Estudos Espíritas, fundada e dirigida por Kardec. Não era raro que uma mensagem dada por um respeitável Espírito levasse outros a escrever contraditando seus pensamentos.

Eis como, na edição de setembro de 1861, Kardec se refere a uma das mais famosas polêmicas, envolvendo diversos Espíritos:

"Na sessão da Sociedade, de 19 de julho último, o Espírito de Lamennais deu espontaneamente a dissertação que segue, sobre o aforismo de Buffon: *O estilo é o homem*, por intermédio do médium Sr. A. Didier. Julgando-se atacado, Buffon replicou, alguns dias depois, por intermédio do Sr. D'Ambel. Depois, sucessivamente, o Visconde Delaunay, Bernardin de Saint-Pierre e outros entraram na liça. É esta polêmica, tão curiosa quanto instrutiva, que reproduzimos na íntegra. Notar-se-á que nem foi provocada nem premeditada e que cada Espírito veio espontaneamente dela participar. Lamennais abriu a discussão e os outros o seguiram".

Após a explicação, Kardec publicou os textos que cada Espírito produziu sem fazer nenhuma interferência na polêmica. Essa posição curiosa do Codificador pode ser perfeitamente explicada por sua forma de entender que o leitor deve analisar, por si, o que lê e tirar suas próprias conclusões. Kardec isenta-se, pois, da posição incômoda — e muitas vezes desnecessária — de oferecer ao leitor as suas observações e com isto provocar uma interferência na liberdade que ele deve ter de apreciar a seu modo os escritos.

A mensagem espontânea de Lamennais, que gerou a polêmica, observa a certa altura: "Disse o Sr. Buffon: *O estilo é o homem*. Infelizmente esse grão-senhor do estilo e da elegância viu bem todos os autores através de si mesmo. Aquilo que podia perfeitamente aplicar-se a ele está longe de ser aplicado a todos os outros escritores. (...) Em nossa opinião, o estilo será a maneira elevada, a forma mais pura pela qual o homem apresentará suas idéias. (...) Muitas vezes, lendo as obras de alguns dos grandes gênios de um ou de outro século, nós dizemos: Que pureza! Que sensibilidade! Que profunda crença no progresso! Que grandeza! Depois se sabe que o autor, longe de ser o *autor moral* de suas obras, é apenas o *autor material*, imbuído de prejuízos e de idéias preconcebidas. Aí está um grande fenômeno, não apenas humano, mas espírita."

A assertiva: "fenômeno... espírita", escrita por Lamennais merece uma explicação. Queria ele dizer aí que as influências do mundo espiritual sobre os homens, que mais tarde Kardec desenvolveu com extrema felicidade, era algumas vezes a causa das obras escritas pelos grandes gênios, os quais, no entanto, não conseguiam reproduzir em suas vidas privadas aquilo que expressam nas obras. Eis porque disse o Espírito que eles eram os autores materiais e não morais das referidas obras. Elas, na verdade,

foram produzidas sob a influência do pensamento alheio, ou seja, dos Espíritos!

A insatisfação de Buffon, o Espírito criticado por Lamennais, surgiu numa mensagem por ele escrita através do médium D'Ambel. Sua pena produz, na verdade, uma verdadeira incisão no corpo da apreciação feita por Lamennais, usando, inclusive, fortes termos. Vejamos:

"...Eu sempre preferi as *ruelles* e os *boudoirs* (*ruelles*: serões literários nos quartos das damas ilustres, no século XVII e princípios do XVIII. Os *boudoirs* ou toucadores eram usados para o mesmo fim — notas da tradução brasileira), os cabarés às balbúrdias de baixa categoria. (...) Vejamos, padre. Não vos ofendais se tomo a vós mesmo como exemplo. Vossa vida mal assentada não se reflete sempre em vossas obras? E da *indiferença em- matéria de religião às Palavras de um crente*, que contraste, como dizeis! Não obstante, vosso tom doutoral é tão cortante, tão absoluto, numa como noutra dessas obras. Sois bilioso, padre, concordai, e destilais vossa bile em amargos lamentos em todas as belas páginas que deixastes. Em sobrecasaca abotoada, como sotaina, ficastes desclassificado, meu pobre Lamennais. Vejamos — não vos zangueis — mas convinde comigo que *o estilo é o homem*."

A seguir, Buffon passa a relacionar autores e obras, sentimentos e estilos, a fim de reforçar o seu pensamento. Vale a pena acompanhar essa extraordinária referência. Vamos lá, pois.

"Se de Lamennais passo a Scribe, o homem feliz se reflete nas tranqüilas e pacíficas comédias de costumes. Ele é alegre, feliz e sensível: semeia a sensibilidade, a alegria e a felicidade em suas obras. Nele jamais o drama, jamais o sangue: apenas alguns duelos sem perigo, para punir o traidor e o culpado.

"Vede a seguir Eugène Sue, autor *dos Mistérios de Paris*. É forte como seu príncipe, Rodolfo, e, como ele, aperta na luva amarela a mão calosa do operário; como ele, é o advogado das causas populares.

"Vede o vosso Dumas vagabundo dissipando a vida e a inteligência; indo do pólo sul ao pólo norte tão facilmente quanto seus famosos mosqueteiros; fazendo-se conquistador com Garibaldi e indo da intimidade do Duque de Orléans às dos mendigos napolitanos; fazendo romances com a História e pondo a História em romances.

"Vede as obras orgulhosas de Victor Hugo, esse tipo do orgulho encarnado. *Eu, eu*, diz Hugo poeta; *eu, eu*, diz Hugo em seu rochedo de Jersey."

Depois de fazer outras alusões a autores famosos e relacionar suas obras, Buffon se volta para Lamennais e conclui:

"Caro padre, não tereis confundido a forma e o fundo, o estilo e o pensamento? Mesmo assim, tudo permanece ligado."

A mensagem de Buffon causou viva impressão nos presentes à sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, principalmente porque o Espírito de Buffon, há muito tempo longe do cenário terreno, demonstrou estar a par daquilo que acontecia no ambiente literário da Terra.

Kardec não o deixou ir-se. Fez-lhe duas perguntas, a primeira exatamente sobre essa atualidade de Buffon, ao que o Espírito respondeu longamente, mas cuja síntese pode ser vista na seguinte frase: "...Deveis compreender que cada um de nós fique fiel às suas preferências terrenas. Eis porque nós, escritores, estamos atentos ao progresso realizado pelos autores vivos, ou que estes pensam realizar na literatura".

Na segunda pergunta, que Buffon afirmou não poder atender, Kardec quis conhecer uma nova apreciação dele sobre Bernardin de Saint-Pierre, já que, encarnado, o Espírito havia condenado.

A polêmica, porém, não parou na resposta primeira de Buffon. Em defesa do ex-padre Lamennais veio Visconde Delaunay, que, como se sabe, outro não era senão a conhecidíssima Delphine de Girardin, utilizando-se do médium D'Ambel. Após as considerações iniciais, disse o inteligente Espírito:

"Senhor de Buffon, vós manejaís lindamente o epigrama; vê-se que vindes do grande século. Mas, por mais elegante escritor que sejais, um visconde de minha raça não teme levantar vossa luva e cruzar a pena convosco. Vamos, meu gentil-homem! fostes muito duro para esse pobre Lamennais, que trataste como desclassificado! E culpa desse gênio transviado se, depois de haver escrito com mão de mestre esse estudo esplêndido que lhe censurastes, se voltou para outras regiões, para outras crenças? Certamente, as páginas da *ndiferença em matéria de religião* seriam assinadas com ambas as mãos pelos melhores prosadores da Igreja; mas se essas páginas ficaram de pé quando o padre foi desarvorado, não reconheceis a causa, vós tão rigoroso? Ali! olhai Roma e lembrai-vos de seus costumes dissolutos e tereis a chave dessa reviravolta que vos espantou. Ora! Roma está tão longe de Paris!"

Madame de Girardin se mostrava educadamente rude com Buffon, talvez até mais incisiva que ele. Fazia-o, porém, na defesa de um homem que, encarnado na figura de padre, padeceu as agruras do honesto homem de sentimentos elevados. Sua peça é toda ela uma página de grande saber, invejável e profunda. Ao mesmo tempo em que defende Lamennais, põe à mostra as mazelas de Buffon mas não deixa de lhe reconhecer valores onde ele realmente os tem. Vejamos mais este alvéolo de Girardin:

"Oh! certamente teve razão para se lamentar esse grande Espírito doente que, para evitar a sujeira de um século material, havia esposado a Igreja Católica e que, depois de casado com ela, encontrou a sujeira sentada nos degraus do altar. E falta sua se, lançado jovem entre as mãos dos clericais,

não pôde sondar a profundidade do abismo onde o precipitavam? Sim, ele tem razão de soltar seus lamentos amargos, como dizeis. Não é a imagem viva de uma educação mal dirigida e de uma vocação imposta?"

Buffon não ficou insensível a tudo isto. Mas sua nova mensagem é um tanto enigmática senão mesmo irônica. Vejamos o trecho seguinte:

"..Obrigado! eu me retiro: tenho mais do que preciso; pois ainda estou todo marcado pelos golpes do Visconde. Concordareis que, embora me tenham sido generosamente, muito generosamente administrados pela graciosa mão de uma mulher, não são menos cortantes.

Ah! senhora vós me lembrastes a caridade de maneira muito pouco caridosa. Visconde! sois muito temível: entrego as armas e humildemente reconheço meus erros. Concordo que Bernardin de Saint-Pierre foi um grande filósofo. Que digo eu? Encontrou a pedra filosofal e eu não sou, como não fui, mais que um indigesto compilador!"

Agora seria a vez de Bernardin de Saint-Pierre participar do banquete. E ele aparece fazendo uma meia defesa de Buffon e dizendo que se ele, Buffon, não fora feliz ao criticar sua obra, quando encarnado, nem por isto deixava de ter méritos. Mas, acrescenta:

"Não obstante, sou de opinião inteiramente contrária à sua e, como Lamennais, digo: Não, o estilo não é o homem. Disto sou uma prova eloqüente, eu, cuja sensibilidade estava inteiramente no cérebro e que inventava o que os outros sentem. Do outro lado da vida julgam-se com frieza as coisas da vida terrena, as coisas acabadas. Não mereço toda a reputação literária de que gozei. *Paulo e Virgínia*, se aparecesse hoje seria facilmente eclipsado por uma quantidade de encantadoras produções que passam inapercebidas. É que o progresso de vossa época é grande, mais do que vós, contemporâneos, o podeis julgar. Tudo se eleva como o nível do mar na maré montante, e os marinheiros que estão ao largo não o podem julgar. Estais ao largo."

Devo fazer notar, leitor, que antes de Madame de Girardin escrever a defesa de Lamennais, o Espírito de Gérard de Nerval, citado na polêmica, produziu uma peça filosófica denominada *Fantasia*, na qual não entra no mérito do ataque que lhe foi dirigido. Trata-se, porém, de uma página interessantíssima.

A polêmica chegou ao fim. Os contendores se retiraram. Erasto, Espírito, fala que aquele certame atraiu a atenção de grupos numerosos de Espíritos eminentes: "Ah! certamente se vos tivésseis tornado videntes instantaneamente, teríeis ficado surpresos e confusos ante esse areópago superior"

As palavras finais desse embate literário do Além, realizado na sala do Aquém da Sociedade Parisiense, ficou para o mesmo Erasto. Fez ele questão de assinalar a oportunidade da grande discussão, lembrou a

necessidade de tirar proveito de tudo pelo lado das virtudes morais e assentou, sobre a personalidade e os afazeres dos Espíritos que participaram do certame:

"Buffon, Gérard de Nerval, o Visconde Delaunay, Bernardin de Saint-Pierre conservam, como Lamennais, os gostos e a forma literária que notáveis neles, quando vivos. Creio útil chamar vossa atenção sobre essa condição do nosso mundo de além-túmulo, para que não venhais a crer que a gente abandona instantaneamente as suas inclinações, costumes e paixões, ao despir as vestes humanas. Na Terra, os Espíritos são como prisioneiros que a morte deve libertar. Mas assim como aquele que está nas grades tem as mesmas propensões, conserva a mesma individualidade quando em liberdade, também os Espíritos conservam suas tendências, sua originalidade, suas aptidões, ao chegar entre nós. Contudo, salvo aqueles que passaram, não por uma vida de trabalho e de provas, mas por uma vida de castigo, como os idiotas, os cretinos e os loucos. Para estes, as faculdades inteligentes, mantidas em estado latente, não despertam senão à saída da prisão terrena. Isto, como pensais, deve entender-se do mundo espírita inferior ou médio, e não dos Espíritos elevados libertos da influência corpórea".

Outros tipos de polêmicas semelhantes aconteceram durante os trabalhos da Codificação realizada pelo grande Allan Kardec. Importa, contudo, deixar patente a profundidade e o Espírito sem preconceitos do Codificador, que as aproveitou e tornou conhecidas dos leitores da Revista Espírita, qual muito raramente acontece em nossos dias, por causa do espírito de sistema e da existência de um preconceito nocivo que vigora entre aqueles que fazem a maioria dos nossos veículos de imprensa.

Infelizmente, a preocupação em guardar aparências tem feito muito mal aos espíritas, impedindo-os de alargarem seus conhecimentos e exercitarem seu raciocínio com informações importantes!

KARDEC E AS TESES INÚTEIS DE SUA REENCARNAÇÃO

É velha a discussão sobre a reencarnação de Kardec. Não se pode precisar quando começou. Com certeza não foi antes do lançamento do livro "Obras Póstumas", organizado após a morte do Codificador, poise neste livro, precisamente, que aparecem as predições sobre o seu retorno à terra.

Desde então, aqui e ali, com menor ou maior intensidade, surgem notícias sem comprovação sobre a reencarnação daquele que Flammarion denominou "bom-senso reencarnado". Aliás, este título, colhido pelo sábio francês certamente num momento de rara inspiração, deveria constar de todas as pesquisas sobre as personalidades a quem indicam ser o mestre lionês. Fosse-o e muito trabalho inútil teria sido evitado...

Até mesmo espíritos, por muitos admirados mas também criticados, se põem às vezes a fazer afirmações sobre as vidas do Codificador. É o caso de Ramatis. Diz ele que na Caldeia, Kardec foi Shiranosostri, tendo ainda reencarnado na Atlântida, no Egito (com o nome de Amenófis), na Índia, na Grécia, na Assíria, na Pérsia e... na Escócia. Quando a afirmação de que esta ou aquela personalidade é Kardec reencarnado não parte de outros, vem da própria pessoa interessada. Na década de 60, por exemplo, correu nos arraiais espíritas a notícia de que Oswaldo Polidoro, em São Paulo, se dizia a reencarnação de Kardec. Mas não ficava aí. Segundo as notícias, ele afirmava ter sido em vidas anteriores Moisés e... pasmem! o próprio Cristo.

O companheiro Erasto de Carvalho Prestes, de Niterói, escreveu um livro que, por falta de editores ele mesmo publicou em edição simples. Nele, afirmava já no título: "Eu conheci Allan Kardec Reencarnado". Segundo o autor, seu próprio pai teria sido a reencarnação de Kardec. Mas a argumentação de Erasto é fraca.

A VOLTA DE KARDEC

Com o título de "Primeira notícia de uma nova encarnação", Kardec aborda o assunto de seu retorno à vida na terra em um escrito publicado apenas após seu desencarne, no livro "Obras Póstumas". Datada de 17 de janeiro de 1857 (note bem, antes da publicação de "O Livro dos Espíritos"), trata-se na verdade de uma carta, assinada por um Espírito conhecido por Z., recebida pela Srta. Baudin em sua residência.

Kardec informa que Z. não era um Espírito superior, mas "muito bom e muito benfazejo", que dizia às vezes "duras verdades sob a forma leve do epigrama". O trecho da carta que trata do assunto é este: "Nessa existência não verás mais do que a aurora do êxito de tua obra. Terás que voltar, reencarnado noutra corpo, para completar o que houverses

começado e, então, dada te será a satisfação de ver em plena frutificação a semente que houveres espalhado pela terra".

A carta de Z. é, acima de tudo, um documento destinado a fazer com que Kardec tivesse calma na empreitada. Ao que parece, o Codificador, diante da profundidade da doutrina nascente, desejava vê-la rapidamente estabelecida. Tinha pressa. Vivia ultimamente sob a expectativa formidável do aparecimento de uma nova aurora, que mudaria a face da terra. O "Livro dos Espíritos" estava no prelo. Somente em abril seria lançado para o público. Três meses podem não ser nada, mas para alguém que há alguns anos vem trabalhando numa obra sem precedentes, podem parecer uma eternidade.

Esta parece ter sido uma das razões pelas quais o Espírito escreveu a Kardec. Vejamos este trecho: "Eu queria, primeiramente, falar-te da tua obra, a que mandaste imprimir. Não te afadigues tanto, da manhã à noite; passarás melhor e a obra nada perderá por esperar". Z. sentia o amigo Kardec sob a pressão daquele instante. Muito justo. Mas deveria acalmar-se e saber esperar. "És muito capaz de levar a bom termo a tua empresa e tens que fazer grandes coisas. Nada, porém, de exagero em coisa alguma".

Uma segunda vez Kardec ouviria dos Espíritos sobre a sua possível reencarnação. Foi em 10 de junho de 1860, em sua residência, tendo servido de médium a Sra. Schmidt. As circunstâncias são agora diferentes. "O Livro dos Espíritos" havia sido publicado e fazia grande alvoroço, mas o clero romano se preparava para grandes embates contra o Codificador e a obra. Kardec pressentia-o e isso muito o preocupava. Sofria as pressões de uma grande guerra que se avizinhava.

O Espírito que lhe fala, agora, é o *de Verdade*. Um dos objetivos — senão o principal — é tranquilizá-lo. Diz ele: "Prossegue em teu caminho sem temor; ele está juncado de espinhos, mas eu te afirmo que terás grandes satisfações, antes de voltares para junto de nós "por um pouco".

Kardec quis saber o que o Espírito queria dizer com "por um pouco". Ouviu a seguinte resposta: "Não permanecerás longo tempo entre nós. Terás que volver à terra para concluir a tua missão, que não podes terminar nesta existência. Se fosse possível, absolutamente não sairias daí; mas, é preciso que se cumpra a lei da Natureza. Ausentar-te-ás por alguns anos e, quando voltares, será em condições que te permitam trabalhar desde cedo. Entretanto, há trabalhos que convém os acabes antes de partires; por isso, dar-te-emos o tempo que for necessário a concluí-los".

Em "O Céu e o Inferno" há uma terceira citação sobre a possível reencarnação de Kardec. O Dr. Demeure, contemporâneo do Codificador, tendo desencarnado, é por este evocado e diz-lhe palavras de estímulo. De passagem, afirma que quanto mais cedo ele (Codificador) desencarnasse

mais rapidamente voltaria. Mas adverta-lhe de que um desencarne antes do tempo seria considerado suicídio.

Note o leitor que os textos dão margem a várias interpretações. Primeiramente, não será descabido entender que, para tranquilizar o coração idealista de Kardec, tenham os Espíritos anunciado a ele uma possível reencarnação. Talvez, assim, ele ganhasse mais fôlego para continuar o trabalho e levá-lo até o fim. Isso parece implícito em ambas as mensagens. Nas duas ocasiões, o Codificador vivia momentos de extrema apreensão. Em outras tantas, vivê-lo-ia também e da mesma forma seria orientado pelos Espíritos a ter duas coisas básicas: tranquilidade e coragem.

Os intérpretes literais do texto, entretanto, anotam que os Espíritos falavam de reencarnação. Reforçam, dizendo ter Kardec também assim concluído, chegando mesmo a prever a época de seu retorno, que se daria "no fim deste século ou no princípio do outro". Esta tese, porém, vem em reforço da primeira. Para tranquilizar Kardec era preciso que ele raciocinasse em termos de reencarnação. Assim, teria a necessária tranquilidade para prosseguir, sem a pressa prejudicial e sem esmorecer. "Se não concluir tudo agora, não importa, poderei fazê-lo depois" — pensaria.

O retorno de Kardec, por outro lado, não teria de ser obrigatoriamente no corpo de carne. Como Espírito, ele continuaria ligado à obra e ao seu destino, influenciando os que o sucedessem. É certo que nesta condição seu poder seria sensivelmente diminuído, mas esta é uma circunstância natural.

Vamos, porém, em frente.

A VISÃO DOS BIÓGRAFOS DE KARDEC

Henri Sausse, primeiro biógrafo de Kardec, em sua pequena e incompleta obra não se refere ao assunto. André Moreil, no seu "Vida e Obra de Allan Kardec", publicado em Paris em 1961, pela Editora Sperar, apenas o menciona, sem ter dele nenhuma conclusão. Sobre a primeira mensagem, Moreil faz a seguinte e curiosa anotação: "Em 17 de janeiro, durante uma sessão em casa do senhor Baudin, sendo médium a Srta. Baudin, o Espírito ralha com ele". Ou seja, Moreil também compreende que o Espírito deseja tranquilizá-lo, acima de tudo. O fato de referir-se a uma nova reencarnação não é significativo. O importante era fazer Kardec retomar a sua calma natural.

A respeito da segunda menção sobre a volta de Kardec, Moreil apenas a reproduz, sem nenhum comentário.

Zeus Wantuil e Francisco Thiesen, na obra em três volumes intitulada "Allan Kardec", editada pela FEB, da qual o segundo era então presidente, mencionam o assunto no volume III, sem no entanto se deterem a estudá-lo com profundidade. Limitam-se a reproduzir as palavras dos Espíritos e a relacioná-las com passagens evangélicas. Nada mais. Entretanto, é crível acreditar que estes autores entendiam que Kardec não houvera reencarnado. Em apoio a esta tese vem a existência de algumas mensagens, publicadas pela FEB, atribuídas a Kardec-Espírito (embora tais mensagens não contem com o consenso dos espíritas brasileiros, por razões diversas). Na própria obra em foco, aparece em seu final uma mensagem dita do Codificador datada de 1979!

A CONFUSA IRMANDADE DO PURO CRISTIANISMO

Existiu em Birigui, Estado de São Paulo, um senhor de nome João Lopes Hidalgo, lavrador simples que, segundo os seus seguidores, seria nada mais nada menos do que a reencarnação de Kardec. Não aprendeu a ler nem escrever nas escolas, mas teria sido ensinado diretamente por Jesus. Escreveu ainda assim muito e tudo está recolhido em um grosso volume com o estranho título de "Profecia Natural Mediante Humano". Tudo isso em 1933. Em 1939, junto com outros, criou ele a Irmandade do Puro Cristianismo.

Veja, leitor, a explicação contida no referido volume: "A primeira revelação foi feita com Moisés, a segunda com Nosso Senhor Jesus Cristo e a terceira, com o Espírito de Elias, que reencarnou com o nome de João Batista e agora veio duas vezes para poder completar o seu trabalho. Na primeira mensagem da terceira revelação ele veio com o nome de Hipólite Leon Belizard Rivail (assim está lá), sendo o nome espiritual "ALLAN KARDEC", e na segunda mensagem com o nome de João Lopes Hidalgo, sendo o seu nome espiritual "HUMANO", o Consolador do mundo".

O livro é um verdadeiro emaranhado de confusas contradições. Isto mesmo, não se trata apenas de confusões e contradições, mas de contradições que se confundem. Foi feito, sem dúvida, na tentativa de

trazer o ridículo ao Espiritismo. Nada dele se aproveita, a não ser a comprovação de que há espíritos desencarnados que sabem como enganar outros espíritos encarnados. E como!

Comprove o leitor. Logo na introdução do livro encontramos este período: "Pois, sendo todos os Corpos, Reinos, Espécies ou coisas criadas ou por criar, filhos naturalmente do insondável Corpo Infinito, cujo Espírito cria, transforma e dá vida a todas as partículas harmoniosas de seu corpo orgânico; aqui vos apresento a interpretação interna deste Gigante dos Gigantes dos corpos criados, produto infinito de sua própria Natureza". É ou não um emaranhado de confusas contradições?

Quer mais? Aí vai. "Quando um corpo físico se encontra em estado mais ou menos pronunciado de desequilíbrio de vida ou doente, prova por seu próprio estado manifestativo, que está em desarmonia com a corrente fundamental e eterna da vida natural, provindo o referido efeito da falta e necessária higiene espiritual, convenientemente adaptada e plenamente observada por este corpo, bem seja em estado inconsciente ou forçosamente impelido". Este trecho foi escrito por seu principal discípulo, conhecido por Paco, o que demonstra como todo o grupo estava envolto nas artimanhas dos mesmos espíritos obsessores.

Pois bem, o senhor João Lopes Hidalgo foi informado (e acreditou) que era a reencarnação de Kardec e que sua condição de humilde lavrador escondia a do diretor espiritual do Planeta Terra! Sim, acima dele apenas Jesus, um tal de Rutenberg e...Deus. E abaixo, o seu discípulo Paco.

Qualquer um poderá verificar (se conseguir ler até o fim) que a obra em foco é uma tentativa deformada de substituir "O Livro dos Espíritos". Infelizmente, aqueles que compõe a Irmandade do Puro Cristianismo não conseguem enxergar as impurezas tão evidentes da obra.

CHICO XAVIER É ALLAN KARDEC?

A afirmação de que Chico Xavier é a reencarnação de Allan Kardec está de volta aos nossos dias. Ela é feita pelo Sr. Adelino da Silveira, de São José do Rio Preto, em seu recente opúsculo intitulado "Kardec Prossegue", trazendo na capa uma fusão fotográfica mostrando o Codificador e o médium mineiro. Adelino é declaradamente chiquista. Ele mesmo o afirma.

E mais do que isto, é um crente convicto de que Kardec e Chico Xavier são a mesma personalidade.

Não é a primeira vez que esta afirmação acontece. Arthur Massena foi dos primeiros a levantar essa hipótese, na década de 70. Fê-lo na qualidade de presidente da

Sociedade de Medicina e Espiritismo, do Rio de Janeiro. Ele, que não é médico e sim jornalista, auto-intitulou-se pesquisador e promoveu um verdadeiro estardalhaço sobre o assunto.

Seu trabalho afirmando, gratuitamente, que Chico é Kardec reencarnado foi repudiado pela imprensa espírita. Até o médium mineiro se viu envergonhado com a questão. Em conversas com Herculano Pires, Chico colocou-se contra a hipótese, não por humildade — note-se! — mas por bom-senso. D^aOrquídea, viúva do Batista Lino, Jorge Rizzini e o parapsicólogo Henrique Rodrigues podem confirmar que Chico lhes disse, na ocasião, que ele seria a reencarnação de Maria, a louca.

O livro do Adelino da Silveira foi publicado com um único objetivo: tornar pública a opinião (não mais do que opinião) de que Chico e Kardec são a mesma personalidade. Não fora isso, não teria grande importância, mesmo porque os casos ali narrados são em sua maioria conhecidos. Para

chegar a livro, foi preciso compô-los em corpo maior, ainda assim com sobra de papel e uso de gramatura 120g. Apesar disso, o livro só revela uma opinião, que nem chega a ser uma crença espírita, pois a crença espírita é baseada na razão que sabe e conhece e não na que crê porque crê.

A análise das mensagens sobre a reencarnação de Kardec é nula. Adelino parte de um ponto de vista já formado e tenta validá-lo através de conclusões apriorísticas. E, numa forma adocicada mas subjetiva, busca ganhar o leitor para si. A razão disso é simples. Trata-se de um "chiquista"



Chico Xavier, na foto com Waldo Vieira: eu não sou Allan Kardec reencarnado!

convicto, ele mesmo o afirma. Como tal, leva consigo a certeza de que é amigo não só do Chico, mas do Espírito Superior que é Allan Kardec. Ele não conversou com o Chico sobre o assunto, revela. Faltou-lhe coragem. Sabia que se o fizesse receberia uma reprimenda. Não quis passar pela prova. Mas montou um livro para dizer ao Chico aquilo que não fez pessoalmente. Longo caminho. Bastaria ao Adelino analisar as características individuais do Chico e de Kardec, para verificar quão diferentes e distantes estão. Uma reencarnação como pesquisador vigoroso, estudioso, metuculoso, suficientemente corajoso para de público fazer soar a trombeta que balançaria os corações encastelados nas crenças envelhecidas, repetimos, uma reencarnação como esta dificilmente poderia ser sucedida por outra, em um curto espaço de tempo, diametralmente oposta. Sem demérito ou qualquer outro sentimento menor, mas falando com sinceridade, Chico está mais para Maria, a Louca, do que para Allan Kardec.

Divaldo Pereira Franco também pensa assim. São suas estas palavras, ditas durante entrevista no VIII Congresso da USE: "A personalidade de Chico, em uma análise dos próprios conteúdos doutrinários, difere frontalmente da linha direcional do caráter e do comportamento de Kardec.

A tarefa do Chico foi desdobrar as informações da Codificação, ampliando-lhes o significado. Quando Kardec disse que logo mais reencarnaria, não quer dizer que seja ainda neste século. A questão de tempo é relativa. Não podemos anuir que ele seja a reencarnação de Kardec. Isso não o tornaria maior ou menor".

O que foi dito é suficiente. Podemos parar por aqui.

KARDEC E A MAÇONARIA

A história registra lutas maçônico-espíritas em defesa dos direitos e da liberdade. Em alguns momentos, adeptos do Espiritismo e obreiros da Maçonaria se deram as mãos para

perseguir um objetivo comum, como ocorreu no Brasil do final do século passado, por ocasião das perseguições político-religiosas a ambas as doutrinas. Em inúmeras outras ocasiões, espíritas e maçons se uniram em Lojas e Centros pela defesa da Verdade. O traço de união mais forte entre as duas doutrinas talvez seja a luta que desenvolvem para eliminar a mediocridade humana,

mediocridade essa muito bem definida por Ingenieros no seu livro "O Homem Mediocre".

ANTIGOS MAÇONS NA

REVISTA ESPÍRITA

A história da Maçonaria e do Espiritismo tem traços e raízes muito parecidas, cujo desdobramento forneceria material de análise e estudo. O início do relacionamento entre essas duas doutrinas pode ser creditado à publicação, na Revista Espírita, de material colhido na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas sobre o assunto, após a manifestação mediúnica de personagens importantes da Maçonaria, destacando-se a figura de Jacques DeMolay (leia-se Demole). Vamos, pois, aos fatos.

A data é 25 de fevereiro de 1864. O local: a sala de reuniões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, na capital francesa. Na semana anterior, exatamente no dia 19 de fevereiro, o Espírito de Guttemberg havia dissertado através do médium Leymarie sobre a revolução estabelecida com a criação da imprensa. De suas palavras, entre outros pontos, dois se destacaram: a Maçonaria e a arquitetura.

Guttemberg se referiu à Ordem Maçônica de forma enfática, afirmando que "a Maçonaria é a idéia escrita, inteligente, pertencente a todos os homens tinidos por um símbolo, tomando Hiram por patrono e constituindo essa franco-maçonaria tão atacada, que levou em si o germe da liberdade. Ela soube semear seus monumentos e os símbolos do passado no mundo inteiro, substituindo a teocracia das primeiras civilizações pela democracia, esta lei da liberdade".

Diga-se, a bem da verdade, que a comunicação de Guttemberg provocou a manifestação do Espírito de Robert de Luzarches, em defesa da arquitetura, em discordância da posição do descobridor da imprensa esposada na mensagem. E provocou, também, a discussão sobre as relações entre Maçonaria e o Espiritismo, como se vai ver.

A reunião do dia 25 tinha entre os presentes algumas autoridades maçônicas da época (seus nomes foram omitidos), convidadas a participar da sessão. Foi, então, formulada a seguinte questão aos Espíritos: "Que concurso pode o Espiritismo encontrar na Maçonaria?" Em consequência, foram registradas três mensagens escritas: uma nova, de Guttemberg, recebida por Leymarie; a de Jacques DeMolay pela médium senhorita Bréguet, e a do Sr. Vaucanson, pelo médium D'Ambel.

A Maçonaria vivia, então, considerável progresso, aparecendo com destaque em inúmeros acontecimentos mundiais, especialmente na luta pela liberdade dos povos e a instalação da democracia. A manifestação de

Guttemberg demonstra que o Espírito estava bem informado sobre o que se passava na Maçonaria, com relação ao Espiritismo. Vejamos.

"Falastes da Maçonaria e tendes razão de esperar nela encontrar bons elementos. Que é o que se pede a todo maçom iniciado? Crer na imortalidade da alma, no Divino Arquiteto, ser benfeitor, devotado, sociável, digno e humilde. Ali se pratica a igualdade na mais larga escala. Há, pois, nessas sociedades uma afinidade com o Espiritismo de tal modo evidente que salta aos olhos.

"A questão do Espiritismo foi posta em ordem do dia em várias lojas e eis o resultado: leram volumosos relatórios muito confusos a este respeito, mas não o estudaram a fundo, o que fez que nisto, como em muitas outras coisas, discutissem matéria que não conheciam, julgando por ouvir dizer, mais do que pela realidade. Contudo, muitos maçons são espíritas e trabalham muito na propaganda desta crença. Todos escutam, e se o hábito diz *não*, a razão diz *sim*.

"Esperai, então. Porque o tempo é um recrutador sem igual; por ele as impressões se modificam e, necessariamente, no vasto campo dos estados abertos nas lojas, o estudo espírita entrará como complemento; porque isto já está no ar. Riram, falaram; não riem mais: meditam.

"Assim, então, tereis uma pepineira espírita nessas sociedades essencialmente liberais. Por elas entrareis plenamente neste segundo período, que deve preparar as vias prometidas. Os homens inteligentes da Maçonaria vos bendirão por sua vez; pois a moral dos Espíritos dará corpo a essa seita tão comprometida, tão temida, mas que tem feito mais bem do que se pensa.

"Tudo tem um parto laborioso, uma afinidade misteriosa; e se isto existe para o que perturba as camadas sociais, é muito mais verdadeiro para o que conduz o progresso moral dos povos."

Kardec e os demais membros da Sociedade permaneceram atentos às manifestações dos Espíritos. A mensagem seguinte veio assinada por Jacques DeMolay, expoente da tradição maçónica, que hoje dá nome ao movimento jovem formado por meninos do meio maçónico. DeMolay foi chefe da famosa Ordem dos Templários e morreu queimado injustamente por decisão do rei Felipe o Belo, de França, a 19 de março de 1314, ao lado do seu amigo Geoffroy de Charnay e de 37 outros membros da ordem.

"A seu pedido, diz Françoise Terseur, morreram voltados para Notre Dame. Segundo a tradição, Jacques DeMolay do alto da pira anunciou que o papa e o rei compareceriam no Tribunal de Deus antes que o ano terminasse. Com efeito, o papa morreu a 20 de abril e o rei a 29 de novembro desse mesmo ano. Tal coincidência é significativa, tanto mais que outras houve que envolveram e ainda envolvem com um halo de mistério a própria existência templária coroada por um processo iníquo."

A mensagem de Jacques DeMolay está recheada de revelações e uma delas diz respeito às duas vezes que derramou seu sangue na praça pública de Paris. Ou seja, teve ele ali duas vidas sacrificadas na luta pela liberdade.

Vamos, pois, ao relato do antigo templário.

"Meu caro irmão em doutrina (o Espírito se dirige a um maçom espírita presente), venho com felicidade responder ao benévolo apelo que fazes aos Espíritos que amaram e fundaram as instituições maçônicas. Para cimentar essa instituição generosa, duas vezes derramei o meu sangue; duas vezes as praças públicas dessa cidade ficaram tintas de sangue do pobre Jacques DeMolay. Caros irmãos, seria preciso dá-lo uma terceira vez? Direi, feliz: não. Já vos foi dito: quanto mais sangue, mais despotismo e mais carrascos! Uma sociedade de irmãos, de amigos, de homens cheios de boa vontade, que só desejam uma coisa, conhecer a verdade para fazer o bem. Eu não me havia ainda comunicado nesta assembléia. Enquanto falaste de ciência espírita, de filosofia espírita, cedi o lugar aos Espíritos que são mais aptos a vos dar conselhos sobre esses vários pontos e esperava pacientemente, sabendo que chegaria a minha vez. Há tempo para tudo, como há um momento para cada um. Assim, creio que soou a hora e é o momento oportuno. Assim, posso vir dizer-vos a minha opinião tocante ao Espiritismo e a Maçonaria.

"As instituições maçônicas foram para a sociedade um encaminhamento à felicidade. Numa época em que toda idéia liberal era considerada um crime, os homens necessitavam de uma força que, inteiramente submissa às leis, não fosse menos emancipada por suas crenças, por suas instituições e pela unidade do seu ensino. Nessa época a religião ainda era, não mãe consoladora, mas força despótica que, pela voz de seus ministros, ordenava, feria, fazia tudo curvar-se à sua vontade; era um assunto de pavor para quem quisesse, como livre pensador, agir e dar aos homens sofrendores alguma coragem e ao infeliz, algum consolo moral. Unidos pelo coração, pela fortuna e pela caridade, nossos templos foram os únicos altares onde não se havia desconhecido o verdadeiro Deus, onde o homem ainda podia dizer-se homem, onde a criança podia esperar encontrar, mais tarde, um protetor e o abandonado, amigos.

"Vários séculos se passaram e cada um juntou algumas flores à coroa maçônica. Foram mártires, homens letrados, legisladores, que aumentaram a sua glória, tornando-se seus defensores e conservadores. No século dezanove o Espiritismo vem, com seu facho luminoso, dar a mão aos comendadores, aos rosacruzistas e com voz trovejante lhes diz: vamos, meus irmãos; eu sou verdadeiramente a voz que se faz ouvir no Oriente e à qual o Ocidente responde: glória, honra, vitória aos filhos dos homens! Ainda alguns dias e o Espiritismo terá transposto o muro que separa a maioria da

parede do templo dos segredos; e, nesse dia, a sociedade verá florescer no seu seio a mais bela flor espírita que, deixando suas pétalas caírem, dará uma semente regeneradora da verdadeira liberdade. O Espiritismo fez progressos, mas no dia em que tiver dado a mão à Maçonaria, todas as dificuldades estarão vencidas, todo obstáculo retirado, a verdade estará esclarecida e o maior progresso moral será realizado e terá transposto os primeiros degraus do trono, onde em breve deverá reinar."

Na mesma reunião, manifestou-se o Espírito do francês Vaucanson, o qual, quando de sua última encarnação havia desenvolvido um tear que tomou o seu nome e fora maçom atuante. Sua mensagem destaca o valor da Maçonaria. Vejamos este trecho:

"A Maçonaria, contra a qual tanto gritaram, contra a qual a igreja romana não teve bastante anátemas, e que, nem por isto, deixou de sobreviver, a Maçonaria abriu de par a par as portas de seus templos ao culto emancipador da idéia. Em seu seio todas as questões mais sérias foram levantadas e antes que o Espiritismo tivesse aparecido, os veneráveis e os grão-mestres sabiam e professavam que a alma é imortal e que os mundos visível e invisível se intercomunicam. É aí, nos santuários onde os profanos não são admitidos, que os Swedenborg, os Pasqualis, os Saint-Martin obtiveram resultados fulminantes; é aí, onde a grande *Sofia*, essa etérea inspiradora veio ensinar aos primogênitos da humanidade, os dogmas emancipadores onde 89 bebeu seus princípios fecundos e generosos; é aí onde, antes dos vossos médiuns contemporâneos, precursores da vossa mediunidade, grandes desconhecidos, tinham evocado e feito aparecerem os sábios da antigüidade e dos primeiros séculos desta era; é aí... Mas eu me detenho. O quadro restrito de vossas sessões, o tempo que se escoar, não me permitem alongar-me, como desejava, sobre esse assunto interessante. A ele voltaremos mais tarde. Tudo o que direi é que o Espiritismo encontrará no seio das lojas maçônicas numerosa falange compacta de crentes, não crentes efêmeros, mas sérios, resolutos e inabaláveis em sua fé.

"O Espiritismo realiza todas as aspirações generosas e caridosas da Maçonaria; sanciona as crenças que esta professa, dando provas irrecusáveis da imortalidade da alma (...) O Espiritismo é uma irresistível corrente de idéias, que deve ganhar todo o mundo. É questão de tempo. Ora, seria desconhecer o caráter da instituição maçônica, crer que esta concorde em se anular, representar um papel negativo em meio ao movimento que impele a humanidade para a frente, crer que ela apague o facho, como se temesse a luz..."

EXTRATO DE DUAS DOUTRINAS

Muitos maçons, quando decidem tornar-se espíritas, são tomados de grande constrangimento. O mesmo acontece com os espíritas, quando penetram pelas portas das lojas maçônicas. E por que isto acontece? Simplesmente porque as grandes doutrinas, qual a maçônica e a espírita, só podem ser compreendidas de fato quando sobre elas o homem emprega o discernimento e as acolhe com bom senso.

Vide o que falam dos maçons e por decorrência da Maçonaria por aí afora. Quantos preconceitos agem e estimulam parcela considerável da sociedade em ver na Maçonaria aquilo que ela jamais foi! Esta mesma visão cômoda e estrábica é utilizada em relação ao entendimento da Doutrina Espírita, por aqueles que igualmente não a conhecem senão do que mal e péssimo ouviram falar.

Quando o espírita se torna maçom, posta-se diante do inusitado, do inesperado, do surpreendente. Não é a mesma coisa que acontece com o católico e tantos outros profíctes de crenças várias. Falo de uma criatura que, em sua cultura, traz com certa firmeza o conceito anti-símbolo, da não aceitação daquilo que é fundamento da doutrina maçônica. Diante dessa situação, passa o espírita a questionar-se intimamente e não raro sofre com a possibilidade de estar negando a sua fé original. Alguns, muito cedo, abandonam os caminhos maçônicos pela incapacidade de compreender além das aparências...

E o maçom, não viveria experiência semelhante e inversa ao se tornar espírita? Com certeza, sim, viveria, porque o ambiente espírita não contém os elementos naturais dos templos maçônicos. Um certo temor há de assaltar o maçom nos momentos iniciais de sua chegada ao centro espírita e da tomada de consciência do que é e de como se conduz essa doutrina para ele pouco conhecida.

E UM SÓ OBJETIVO

Os pensadores maçons são unânimes em afirmar que Maçonaria não é religião! E já aqui encontramos o primeiro ponto de contato com o Espiritismo: boa parte dos pensadores espíritas afirmam o mesmo: o Espiritismo não é religião! Existe, de certa forma, entre os espíritas uma longa discussão sobre ser ou não religião. Há, porém, consenso de que a religião tradicional, com seus rituais, suas formas e fórmulas, seu simbolismo, sua estrutura hierárquica, enfim, sua postura de herdeira da divindade, essa religião se choca com o pensamento espírita e a ela, portanto, o Espiritismo não se liga.

Todavia, é preciso ir mais fundo, descer além das águas médias. O Espiritismo retoma o termo religião em sua raiz e aí percebe que a palavra exprime primitivamente o ato de religar o ser com o seu criador. Religião é essencialmente aquilo que permite estabelecer uma comunhão entre o ser e aquele que o gerou. Vai mais além, diz ainda que este ato de religar prescinde de qualquer meio formal, ou seja, para a criatura se ligar com o criador basta que desenvolva uma ação pessoal, individual. E esta ação se expressa no ato de pensar. Para o Espiritismo, o pensamento é o meio pelo qual o ser estabelece comunhão com o Supremo Arquiteto do Universo.

A questão dos símbolos, porém, parece dividir espíritas e maçons. O Espiritismo prescinde dos símbolos e rituais, considerando mesmo a sua desvalia; não estaria ele em oposição à Maçonaria simbólica, onde os símbolos ocupam posição de destaque para a apropriação do conhecimento? Os maçons consideram seus templos a representação do universo e, portanto, de todo o conhecimento humano. Ao negar a simbologia, o ritualismo e a liturgia, não estaria o Espiritismo negando a própria Maçonaria?

Vamos por parte. Seria nadar em erro afirmar categoricamente que o Espiritismo nega os símbolos. O Espiritismo não pode negar aquilo que faz parte da existência humana, que está na natureza, que convive com o ser criado desde o seu nascimento, acompanhando-o por sua evolução infindável. Se é verdade que o Espiritismo não nega os símbolos, como ele os vê, então? Como entender o fato de dispensá-lo de seus centros espíritas?

A interpretação da postura do Espiritismo frente aos símbolos leva ao entendimento de que todo símbolo é nocivo quando prende o ser a ele, quando acorrenta o pensamento do homem, impedindo-o de voar, subir, crescer. Quando isso acontece, o indivíduo se torna escravo dos símbolos e não senhor deles. Foi baseado no comportamento de religiões envelhecidas e na certeza da importância da razão para o desenvolvimento do homem, que o Espiritismo se expressou contrário à ritualística e à

simbologia. Esses dois elementos serviram a muitas religiões para dominar o homem. Ao estabelecerem a necessidade de certos símbolos para chegar a Deus, tais religiões castraram a razão do homem, aprisionando-o ao rito e ao símbolo. Quando o homem não se sente capaz de superar os símbolos, de soltar-se de qualquer dependência deles, para alçar vôos mais altos; quando qualquer elemento simbólico pode se pôr na condição de condutor do homem; quando, enfim, os símbolos não têm outra função senão a de prender o pensamento da criatura, servindo aos desígnios de dominação, estes símbolos devem ser eliminados e o homem posto em liberdade. Liberdade, sim, pois, sem liberdade o homem não é homem, mas objeto!

O que são os símbolos para os maçons? O que oferece a doutrina maçônica como definição de sua função? Os símbolos são elementos destinados a aprisionar o pensamento ou a liberá-lo? Sua função é a de prender o ser, impedindo-o de caminhar por seus pés, ou é de direcioná-lo, através do conhecimento que exalam?

A Maçonaria simbólica é, historicamente, o paradigma da liberdade, a sua defensora heróica, como afirmaram, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, Guttemberg e Vaucanson. Assim, os símbolos maçônicos jamais poderiam ter essa função ambígua de esclarecer e prender, de enriquecer e empobrecer ao mesmo tempo; ou eles fariam uma coisa ou outra, as duas, jamais!

Os símbolos são, para a Maçonaria, a concentração de conhecimento, ética e moral. Segundo esta instituição, eles só têm sentido e valor se relembram ao maçom seus compromissos no campo social e nos aspectos mais íntimos do ser.

Ao funcionar como centro de conhecimento, eles executam aquilo que o Cristo disse: conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. Eles libertam e garantem a liberdade quando são estudados em seu sentido profundo. Não têm em si, evidentemente, poder de libertar, mas têm a função de lembrar que o caminho da liberdade está na forma como se comportam os homens, ética e moralmente, e na direção que estabelecem para a vida.

Assim como os espíritas nos seus redutos, os maçons nos templos colhem benefícios de variada ordem. E um aspecto nos parece importante para destaque. A prática continuada dos ritos e a presença permanente frente aos símbolos pode levar muitos a desenvolverem em si mesmos um comportamento mecanicista e por isso mesmo perigoso. Expliquemos: depois de um certo tempo, o rito e o símbolo passam a não ter mais participação do raciocínio, senão esporadicamente. E, quando isso ocorre, em presença deles o homem agirá como aquelas pessoas que oram simplesmente com os lábios, e não com o pensamento. E o perigo é

esquecer a função dos símbolos e ritos, deixando-se embalar nas suas formas exteriores, apenas.

Semelhante perigo correm os espíritas, também, porque eles aprendem a usar a razão constantemente, mas podem deixar de fazê-lo e assumir postura macânica dentro dos seus centros quando os valores internos não mais os levarem a pensar.

Concluindo, pois, os símbolos na Maçonaria não estão em contradição com o Espiritismo, nem este em contradição com aquela. A doutrina maçônica em relação aos símbolos é coerente e lógica; é também o que pensa o Espiritismo. O não uso de símbolos e rituais nos centros espíritas não fere a doutrina maçônica, porque é uma questão de opção dos espíritas, que agem em perfeita coerência com os preceitos de Allan Kardec. Por sua vez, o rito e os símbolos na Maçonaria não se contrapõem aos espíritas, pois que são coisas distintas na forma, mas unas na essência. Cada doutrina, em seu campo específico de atuação, deve se manter qual se apresenta, incólume a interferências. Fraternas, porém, quanto à convivência.

A IDENTIDADE É MAIOR

QUE AS DIVERGÊNCIAS

A Maçonaria não surgiu como religião e não é religião. Em seus templos são acolhidos seres de todas as ordens, raças e cores, desde que acreditem num poder supremo e aceitem seus regulamentos. Tem o Espiritismo também identidade com a Maçonaria neste ponto, porque nos centros espíritas são recebidas pessoas sem nenhum critério de seleção e nenhuma determinação que não seja aquela de observar as normas próprias da doutrina.

Maçonaria e Espiritismo são duas doutrinas praticamente novas, se se considerar a Maçonaria como é vista hoje, cujas bases foram construídas no

século XVIII. Dentro deste mesmo raciocínio, o Espiritismo, 140 anos mais novo, é uma doutrina que está apenas se instalando. E, no entanto, ambas já fizeram grandes obras em prol da humanidade e, sem dúvida, na

medida em que seus adeptos alcançam mais discernimento quanto às suas doutrinas, mais elas influenciarão a evolução social e individual.

Novas são estas doutrinas, dissemos. A Maçonaria, porém, considera que suas raízes estão plantadas nos distantes tempos do Egito e da Grécia. O maçom ouve os ruídos de sua doutrina séculos e séculos antes. Uma certa inconformação os assalta quando encontram homens que não conseguem ver além deste horizonte tão próximo em que se deu o nascimento da Maçonaria moderna.

O maçom bebe da água viva e clara do misticismo antigo, onde o pensamento realizou obras ainda hoje inimagináveis. Passeia ele pelos subterrâneos onde os grandes mestres da alquimia desenvolviam prodígios, na grande saga realizada pelo orbe terreno. Admiram-se com a ação dos grandes mestres da arquitetura ou das construções e se apoiam na sua sabedoria, que dividia os obreiros segundo a sua capacidade e oportunidade de evolução. Olham pela janela do tempo como quem assiste a uma superprodução cinematográfica, vêem seus antepassados dirigindo as grandes ordens, em defesa da justiça e do saber.

Fato semelhante ocorre com o Espiritismo e seus adeptos. A sua doutrina é nova, sim, como corpo e organização, como conhecimento estruturado, pois tem seu marco inicial no ano de 1857, quando o mundo voltou seus olhos para a admirável Paris do grande Napoleão e viu lançada uma obra chamada "O Livro dos Espíritos". É dali que parte o denominado Espiritismo codificado pelo pedagogo e maçom Allan Kardec. Mas... eis novamente o ponto de encontro entre o Espiritismo e a Maçonaria... os adeptos do Espiritismo e o próprio codificador voltam seus olhos para o passado e lá divisam as raízes da sua doutrina. Encontram fatos e conhecimentos acumulados que justificam a afirmativa de que o Espiritismo existe desde que o homem existe. Fatos mediúnicos, processos reencarnatórios, um mundo de seres invisíveis, leis naturais, energias, pensamentos e interação de dois mundos, tudo isto é plenamente visto



O templo maçônico é o reduto dos símbolos que expressam fundamentos ético-morais.

pelos espíritas quando olham para trás e estudam o passado, este mesmo passado que os maçons olham com seus próprios olhos e divisam com seu modo de pensar.

O conhecimento, do qual o homem tem apenas uma parcela, às vezes funciona como o bom senso, tão bem definido por Descartes, que disse: o bom senso é a coisa mais bem repartida deste mundo e os homens têm dele uma parcela tal que julgam não precisar de mais... Sim, há homens que usam desarrazoadamente a parcela de conhecimento que possuem, visto parecer-lhes possuir todo o bom senso que existe. Os maçons olham para o passado e o analisam segundo a estrutura do seu pensamento, elaborado pela doutrina maçônica. O que vêem e a forma como vêem é-lhes específica. Os espíritas olham para o passado e o vêem segundo o conhecimento e o pensamento estruturado que possuem. E da mesma maneira, o que vêem e como vêem é-lhes original! Só o fanatismo fará imaginar que toda a razão do mundo está apenas de um dos lados.

Há um perigo muito semelhante a rondar espíritas e maçons e que podemos denominar o perigo do universo estreito ou da mediocridade de caráter. Assim como há espíritas que imaginam que tudo o que precisam podem encontrar entre as quatro paredes de seu centro espírita, há maçons que ainda hoje acreditam que o universo não passa das paredes de seu templo. Imaginam ter ali tudo o que precisam. São seres de universo acanhado, restrito, e de comportamento perigosamente mecanizado ou domesticado.

Passemos agora do particular para o geral. Deixemos por ora os detalhes e analisemos o conjunto das duas doutrinas. É hora de perguntar para que vieram o Espiritismo e a Maçonaria. Estas doutrinas, não temos nenhuma dúvida em afirmar, se identificam nos propósitos e só se afastam nas formas. A Ordem Maçônica é uma enorme oficina que forja construtores sociais; o Espiritismo é a doutrina do homem de bem. Ambas têm uma trajetória de lutas pela melhoria do mundo, e muitas e muitas vezes seus adeptos se deram as mãos para juntos superarem os óbices que a intransigência dos poderosos puseram no seu caminho.

Maçonaria e Espiritismo são instituições guardiãs e disseminadoras do conhecimento, profundamente comprometidas com a moral e a ética. Historicamente, a sua luta é contra o homem medíocre, este animal domesticado de José Ingenieros¹. O homem medíocre é este ser cabisbaixo, honesto por conveniência, "desprovido de asas e penacho, incapaz de voar até um píncaro, ou de lutar contra um rebanho. Sua vida é uma completa cumplicidade com a vida alheia".

A mediocridade é a pior das chagas sociais. É ela que permite a permanência indefinida da injustiça; é ela que possibilita a instalação da

¹Em sua obra "O Homem Medíocre".

miséria e da fome. Os homens medíocres "seguem o caminho que menores resistências oferece, nadam a favor de toda corrente e variam com elas; no seu rodar, águas abaixo, não há mérito, mas simples incapacidade de nadar águas acima. Crescem, porque sabem adaptar-se à hipocrisia social..."

Espiritismo e Maçonaria lutam contra essa domesticidade servil, que às vezes teima em instalar-se em seu próprio reduto, através dos parasitas de toda sorte, que farejam oportunidades e vestem a capa da humildade. Muitas vezes, em convívio com os propósitos sadios destas duas doutrinas, a mediocridade se instala e se adapta, ganha cargos e finge ser profunda, mas como erva daninha dificulta o crescimento do homem de caráter.

"Os pobres de caráter não resistem, diz Ingenieros, cedem à hipnotização. A perda de sua dignidade se inicia quando lançam os olhos sobre a prebenda capaz de estremecer o seu estômago, ou de enevoar a sua vaidade, inclinando-se ante mãos que hoje lhes outorgam os favores e as que, amanhã, manejarão a sua rédea".

Certa vez, perguntaram a Lombroso "qual é o homem normal?". E o célebre criminalista italiano respondeu, para surpresa geral: "bom apetite, trabalhador, ordenado, egoísta apegado aos seus costumes, misoneísta, paciente, respeitoso a toda autoridade — animal doméstico".

Bovio traçou da seguinte forma o homem médio procurado insistentemente por Quetelet: "É dócil, acomodaticio em todas as pequenas oportunidades, adaptabilíssimo a todas as temperaturas de um dia variável, avisado nos negócios, resistente às combinações dos astutos; mas, deslocado de sua medíocre esfera e ungido por uma feliz combinação de intrigas, ele se desmorona sempre, precisamente porque é um equilibrista e não leva em si as forças do equilíbrio".

José Ingenieros finaliza, definindo que a função do "homem medíocre é a paciência imitativa; a do homem superior é a imaginação criadora".

CONCLUSÃO

Espiritismo e Maçonaria são doutrinas cujas pernas se apoiam na terra e os braços se estendem ao universo. A Fraternidade Branca dos maçons é a representação dos seres invisíveis dos espíritas. A Maçonaria deseja formar o caráter do homem não apenas para a sua existência transitória

terrena; deseja-o integrado nesse universo esplendoroso da multiplicidade de formas, seres, vidas e ideais. Nesta mesma trilha segue o Espiritismo. E o conhecimento é a grande mola desta tarefa. Por isso, as duas doutrinas nele se estribam. Leon Denis, sábio francês, espírita e maçom, dizia: "saber é o supremo bem e todos os males provêm da ignorância".

A INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS SERIA UM ERRO DE KARDEC?

Há uma ala de pensadores espíritas que não admite a intervenção dos Espíritos na vida terrena, conforme se acha descrita em

"O Livro dos Espíritos". Crêem que isto apenas confirma a cultura cristã de desvalorização do homem. Com quem está a verdade?

Há aspectos na Doutrina Espírita que, se contrariados, põem em risco todo o edifício doutrinário. As partes se interligam no Espiritismo e é isto que faz com que seja impossível afetar uma sem atingir às demais. A lógica disto reside exatamente neste aspecto: todos os pontos doutrinários resultam do desencadeamento de uma idéia que tem início em Deus e termina no Ser, depois de transitar pelo Universo.

O capítulo IX, de "O Livro dos Espíritos", ao tratar da "Intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo", faz surgir um pouco mais desse fio de Ariadne com o qual está costurada a doutrina. Trata-se de um momento na obra onde aparece com enorme clareza o inter-relacionamento dos seres pensantes do Planeta e, por correlação, dos demais mundos onde a vida inteligente se manifesta.

A relação entre seres iguais, uns no corpo material denso e outros no corpo material quintessenciado surge no referido capítulo como conseqüência lógica das Leis da Natureza, pois ambos os seres se diferenciam apenas pela densidade da matéria com que se revestem. Os Espíritos fora do corpo físico gozam de uma liberdade não conferida àqueles que circunstancialmente estão presos ao corpo físico oferecido pelo Planeta, no estágio em que se encontra.

A diferença de corpo não elimina quaisquer semelhanças existentes; o corpo físico é um obstáculo transitório, a inibir circunstancialmente aquele que a ele está ligado. Se inibe, porém, não impede a manifestação segundo a liberdade parcial. Inibindo, ainda assim aparece como mola propulsora a desafiar a própria inteligência a se desenvolver, superando as

próprias limitações do corpo físico. Esta idéia longe está de ser motriz da tristeza para o Ser; quando a inteligência acorda para o desafio, é ela razão para fazê-lo progredir.

Fora do corpo físico, ainda assim submetido a um corpo etéreo e por tudo material, situado em faixa vibratória que permite uma melhor condição de liberdade, o Espírito é um Ser pensante; encarnado na Terra, continua a sê-lo, com as diferenças anotadas. Qualquer Ser pensante, ao realizar o ato de pensar, projeta para o exterior aquilo que lhe vai na alma e esta projeção tem uma vida mais ou menos breve, conforme a força de expressão do pensamento. O Ser é aquilo que ele pensa.

Pensar não é privilégio apenas do Espírito fora do corpo físico, mas de todos os Espíritos. O pensamento exprime-lhes o desejo, vontade etc. No mundo dos pensamentos, estes se tocam, estabelecendo ligações ou seccionando-as, porque o pensamento se projeta em ondas físicas e carrega consigo uma carga de energia qualificada. Quando seres pensantes convivem, seus pensamentos se interrelacionam, estabelecendo vínculos.

Não sendo o corpo físico impeditivo para a relação dos Espíritos via pensamento, estes realizam, portanto, um processo de interferência mútua, onde as influências acontecem de ambas as partes. Por disporem os Espíritos de melhores condições de liberdade, naturalmente, durante as relações utilizam de sentidos que os encarnados não dispõem, como ver, ouvir e — em algumas circunstâncias

—lerem os pensamentos dos encarnados. Em algumas circunstâncias, porque para realmente conseguir ler o pensamento de outros o Espírito precisa dispor de uma certa evolução, do contrário não o conseguirá.

Se os Espíritos fora do corpo físico têm condições diferentes dos encarnados, estes, contudo, não deixam de possuir mecanismos de defesa e proteção contra as más influências. Desta maneira, a justiça divina surge intacta no processo, permitindo que uns convivam com outros em regime de permuta e às vezes até de violências, com a finalidade maior de fazer avançar os seres.

Reclamam os negadores da intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo de que se não bastasse aos encarnados os seus próprios males, têm ainda de conviver com essa companhia indesejável. Isto é como querer reclamar da presença de uma molécula de oxigênio a mais na água. Faz parte da realidade. Olhar para a situação e interpretar o Espiritismo como sendo porta-voz da tristeza do homem é de fato negar todo o seu conteúdo libertador.

O fato de haver convivência permanente e continuada entre Espíritos em corpos diferentes e mesmo as dificuldades de estabelecer a origem

primeira de pensamentos não são motivo de sofrimento para ninguém, mas uma conseqüência natural da realidade do Universo em que vivemos.

As influências são, a princípio, mútuas. A grande presença de Espíritos desencarnados ao redor do homem, permitindo-lhes certa liberdade, não lhes garante supremacia absoluta nem elimina uma das vias dessa estrada de mão dupla. Não fosse isso uma grande verdade e estaríamos convivendo com um quadro assustador de ascendência espiritual sobre os encarnados. Esse quadro, conquanto real e em muitos aspectos extremamente rígido

—e, ainda hoje, totalmente ignorado pela multidão — nem de perto se aproxima daquele extremo.

A realidade apresentada pelo Espiritismo está revestida da lógica que envolve a doutrina por inteiro. Os laços que costuram as partes mantêm o todo uníssono, permitindo-nos repetir com Herculano Pires de forma enfática que até aqui a doutrina não foi ultrapassada e também não teve nenhum de seus membros seccionados. As razões que determinam os negadores da intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo a se posicionarem derivam de postulados equivocados.

KARDEC E O DESAFIO DA IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

Os Espíritos deixam de ser fantasmas e se tornam humanos quando o homem compreende que deve conhecê-los muito bem e ir à profundidade de seus pensamentos. Enfim, quando passa a conviver com eles com naturalidade, sem posturas piegas, da mesma forma que convive com seu semelhante.

Causa enormes dificuldades ao centro espírita comum quando o Espírito assina a mensagem com o nome de um personagem famoso, seja ele o de um grande escritor, filósofo, líder religioso, poeta, artista e outros. Conforme seja o bom-senso dos dirigentes, o centro pode tomar caminhos variados, indo da rejeição pura e simples da mensagem (coisa rara e muito difícil) à sua aceitação sem maior análise.

A manifestação do Espírito é ainda um ponto delicado entre os homens, mesmo entre os espíritas. Diante dele, em presença ou apenas por lembrança, muita gente assume a postura de quem se encontra frente a um ser especial, de poderes às vezes ilimitados. Comporta-se com enormes receios e infundadas preocupações. Qualquer possibilidade de desagradar o Espírito é logo afastada e esta gente assume disposição de concordância com tudo aquilo que possa vir dele, Espírito.

Tem-se visto esse comportamento estender-se para além do próprio centro espírita, indo atingir a imensa gama de criaturas que se faz divulgadora do Espiritismo: palestrantes, escritores, jornalistas, dirigentes e outros mais. A postura comum é de proteção ao Espírito, refietindo-se na defesa de seu pensamento e na defesa do médium.

O homem tem imensas dificuldades em analisar o produto do pensamento do Espírito: sua mensagem. Tem a mesma dificuldade em estabelecer um julgamento do médium, naquilo que diz respeito ao seu papel como tal. As causas dessa situação estão, acima de tudo, no imenso desconhecimento das informações fornecidas por Allan Kardec sobre tudo o que diz respeito ao assunto.

Costuma-se tomar o médium por alguém acima de qualquer suspeita. O mesmo ocorre com o Espírito manifestante. A situação cresce em importância quando o médium adquire uma certa respeitabilidade e o Espírito que o guia se destaca. Aí, médium e guia passam a uma situação especial e qualquer desconfiança com relação a ambos pode ocasionar sérias conseqüências para quem cometer tal imprudência.

"Todos os males são fruto da ignorância", afirmava Leon Denis. Os médiuns pouco versados no conhecimento da mediunidade também costumam tomar o caminho paralelo: deixam-se levar muitas vezes pelo Espírito e pela multidão de acólitos suspeitíssimos. Salvam-se os que cultivam bons sentimentos e, por isso mesmo, constróem sua proteção

sobre o alicerce do bem. Os vaidosos, orgulhosos etc, ficam à mercê das vontades alheias.

O conhecimento da sociedade dos Espíritos, das leis que regem o Universo e dos mecanismos que controlam a intercomunicação dos seres dos dois lados da vida foi explicitado por Kardec como a melhor forma de conhecer os Espíritos. O codificador foi às vezes repetitivo no assunto, com sói acontecer com os bons educadores, a fim de eliminar as dúvidas e reduzir a margem de erro nesta tão complicada relação.

A consciência do assunto, no entanto, tardará muitíssimo para se generalizar. Se alguém se arrisca a analisar publicamente uma mensagem ou um livro mediúnico, apontando falhas, vai com certeza angariar muitas antipatias. Ocorre idêntico fenômeno com aqueles que descobrem as falhas do médium. A atitude do analista é vista como um comportamento condenável.

"Isso por si só demonstra o completo desconhecimento da obra kardequiana. Médiuns, Espíritos e acólitos assumem a condição de ofendidos e, para maior defesa sua costumam qualificar a crítica como agressão a si, à doutrina e à instituição a que estão ligados. Com isto, formam uma aura de proteção e aparecem aos olhos da sociedade como infelizes e injustiçados.

Analisar a identidade e o pensamento dos Espíritos não é apenas necessidade mas verdadeira obrigação. "E isto que exige um muito grande estudo da parte dos espíritas esclarecidos e dos médiuns (diz um Espírito no *Livro dos Médiuns*); em distinguir o verdadeiro do falso é que devemos prestar toda nossa atenção".

São Luiz, no mesmo Livro, foi ainda mais explícito. Disse ele: "Qualquer que seja a confiança legítima que lhes inspiram os Espíritos que presidem a seus trabalhos, há uma recomendação que não nos cansaremos de repetir e que vocês deverão trazer sempre presente no pensamento que se entregam aos estudos, que é de pesar e meditar, que é de submeter ao controle do mais severo raciocínio todas as comunicações que receberem; de não se esquecer, desde que um ponto lhes pareça suspeito, duvidoso ou obscuro, de pedirem as explicações necessárias para se certificarem".

Qualquer análise que se queira fazer de obra mediúnica, seja de uma simples mensagem ou de um livro, deve levar em consideração três aspectos objetivos: o Espírito, o médium e o conteúdo da mensagem. Nestes três pontos residem os elementos que permitirão um julgamento final. O estudioso sério fará sua análise sem nenhum preconceito, isto é, não partirá de pontos que possam, de antemão, proteger qualquer dos três aspectos.

"Submetendo todas as comunicações a um exame escrupuloso (afirma Kardec no *Livro dos Médiuns*), escrutando e analisando o pensamento e as

expressões como fazemos quando se trata de julgar uma obra literária, rejeitando *sem hesitar* tudo o que peca pela lógica e o bom-senso, tudo o que desminta o caráter do Espírito que é considerado a manifestar-se, desencorajamos os Espíritos enganadores, que acabam por retirar-se, uma vez convencidos de que não nos podem enganar."

Os ESPÍRITOS, A PRINCÍPIO, NÃO SÃO BONS NEM MAUS

Quando o professor Herculano Pires referiu-se criticamente a André Luiz por sua menção ao que denominou "Espíritos ovóides", muita gente ficou espantada. Alguns até perderam o encanto que tinham pelo respeitado professor, por considerarem que ele feria o simpático Espírito e atingia em cheio ao médium Chico Xavier. Esqueceram-se dos singulares estudos que Herculano já havia feito sobre o médium de Uberaba e do respeito recíproco que ambos nutriam um pelo outro.

Herculano, no entanto, fazia simplesmente o que Kardec ensinara. Disse o professor em seu livro *Vampirismo*: "André Luiz refere-se a *ovóides*[^] espíritos que perderam o seu corpo espiritual e se vêem fechados em si mesmos, envoltos numa espécie de membrana. Isso lembra a teoria de Sartre sobre o *em-si*, forma anterior do ser espiritual, que rompe ao se projetar na existência por necessidade de comunicação. A ação vampiresca desses ovóides é aceita por muitos espíritas amantes de novidades. Mas essa novidade não tem condições científicas nem respaldo metodológico para ser integrada na doutrina. Não passa de uma informação isolada de um espírito. Nenhuma pesquisa séria, por pesquisadores competentes, provou a realidade dessa teoria".

Deve-se ver os Espíritos como olhamos para os homens: com naturalidade. Afinal, são os Espíritos os homens de ontem, hoje sem o corpo físico denso da Terra. Qualquer pessoa que nos tente convencer de absurdos será por nós rebatida. Do mesmo modo se deve agir em relação ao que dizem ou escrevem os Espíritos, rejeitando "sem hesitar", como grifou Kardec, o que fere a lógica e o bom-senso.

Os que temem desagradar os Espíritos e sofrer deles represálias demonstram ignorância em relação às leis da natureza e à qualidade dos Espíritos. Ademais, esse temor é, quase sempre, resultado de uma educação imperfeita, que nos leva a desenvolver comportamentos absurdos em relação ao que se convencionou chamar sobrenatural e todo o conteúdo que disso resulta.

É preciso ver o seguinte: um Espírito de boa qualidade não se ofenderia com aquele que lhe mostrasse o erro em que estaria incorrendo. "Os bons Espíritos (afirma Kardec no *Livro dos Médiuns*) não se ofendem jamais, pois que eles mesmos o aconselham e porque eles nada têm a temer do exame; somente os maus se ofendem com isso e dele dissuadem porque têm tudo a perder e por isso mesmo provam o que são".

Assim, pois, a análise que se deve fazer em relação ao Espírito precisa considerar fatores como *linguagem, conteúdo e elementos de identificação* que oferecem, tais como assinatura, referência a fatos que possam ser comprovados etc.

Kardec, livro citado, reconhece que a "identidade dos Espíritos é uma das mais discutidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo", não deixando de assinalar que "em muitos casos, a identidade absoluta é uma questão secundária e sem importância real". Alguns espíritas viram aí razões para abandonar qualquer tentativa de identificação de Espíritos, preferindo navegar em justificativas do tipo: o Espírito depois do desencarne se modifica e altera o pensamento que tinha, não sendo, pois, obrigatório que se manifeste como era conhecido.

Isso serviria para justificar centenas de obras assinadas por personalidades famosas do passado, cujo estilo e outros fatores de identificação não condizem com as obras que essas personalidades deixaram. E preciso convir, entretanto, que a identificação é absolutamente desnecessária apenas quando "se trata (informa Kardec) de instruções gerais", o que não se aplica a mensagens assinadas por nomes conhecidos, mesmo porque tais mensagens têm, entre outras funções, a de comprovar a imortalidade da alma.

Aqueles que se estribam em tais argumentos estão, na verdade, corroborando mensagens dadas por Espíritos enganadores, os quais não têm outra intenção que não seja a de provocar o ridículo. Certas mensagens são extremamente absurdas, porque, além de não permitirem nenhuma identificação, contêm pensamentos que jamais seriam expressados pelos verdadeiros Espíritos. Ocorre o mesmo, por exemplo, com a produção de telas mediúnicas atribuídas a autores famosos, sem nenhuma qualidade artística. Dir-se-ia que o Espírito regrediu depois que passou para o outro lado.

Os Espíritos enganadores se revoltam quando são identificados como tais. Os verdadeiros Espíritos oferecem, quase sempre espontaneamente, "provas irrecusáveis de sua identidade (informa Kardec, livro citado), pelo caráter que se revela na linguagem, pelo emprego de palavras que lhes eram familiares, pela citação de certos fatos, de particularidades de sua vida...". O Codificador lembra que a semelhança da caligrafia e da assinatura são boas provas de identidade do Espírito, mas recomenda

prudência também aí. Note bem: "além de que não é dado a todos os médiuns obter esse resultado, isso nem sempre é garantia suficiente; há falsificadores no mundo dos Espíritos como no nosso".

Perceba o leitor como Kardec se refere com naturalidade aos Espíritos, sempre estabelecendo uma relação entre eles e os encarnados, porque julga que isso facilita o conhecimento da vida deles. Aliás, diz que para compreendê-los melhor precisamos vê-los como vemos a sociedade humana.

Finalizando a questão da identidade, diz Kardec que "os Espíritos perversos são capazes de todos os ardis e

quanto mais o nome sob o qual o Espírito se apresenta é elevado, mais deve inspirar desconfiança. Quantos médiuns tiveram comunicações apócrifas assinadas com o nome de Jesus, de Maria ou de um santo venerado!"

Esse fato pode ser observado com facilidade em nossos dias e ocorre até em grandes instituições doutrinárias envolvendo pessoas tidas por insuspeitas.

Kardec encontrou na linguagem um dos meios mais eficazes de se conhecer o caráter do Espírito Comunicante

E enfatiza isso dizendo: "A linguagem dos ESPÍRITOS esta sempre em relação ao grau de sua elevação. " Espíritos superiores jamais utilizam termos chulos ou expressam pensamentos baixos, porque isso e um sinal indubitável de inferioridade". E diz que se um Espírito nos quisesse enganar, bastaria conversarmos com ele algum tempo para julgá-lo". Tamanha era a convicção de Kardec que ele afirmou: ...não existe uma comunicação má que possa resistir a uma critica rigorosa . Kardec resume no livro *dos Médiuns*, em 26 itens, os principais aspectos a serem observados para reconhecer a qualidade dos Espíritos comunicantes, destacando-se: bom-senso do analista, linguagem dos Espíritos, sentimentos expressos na mensagem, prudência ou imprudência ao revelar conhecimentos, objetividade, clareza e concisão nas mensagens, nomes revelados nas assinaturas propósitos dos Espíritos, tipos de conselhos oferecidos Pelos Espíritos e outros.

DE MENSAGENS

"É preciso não esquecer — afirma Kardec no *Livro dos Médiuns* — que entre os Espíritos há, como entre os homens, os falsos e os meio sábios, os orgulhosos, os presunçosos e os sistemáticos. Como apenas aos Espíritos perfeitos é dado conhecer tudo, há para os outros assim como para nós, mistérios que cada um explica a seu modo, segundo suas idéias, e sobre as quais eles podem ter opiniões mais ou menos justas; têm o amor-próprio de fazê-las prevalecer e gostam de reproduzi-las em suas comunicações. O erro está em que alguns de seus intérpretes aceitaram muito levemente opiniões contrárias ao bom-senso e delas se tornaram divulgadores responsáveis."

O Codificador oferece aos estudiosos, bem no final do *Livro dos Médiuns*, a oportunidade de exercitarem o bom-senso analisando três mensagens atribuídas ao mesmo Espírito (São Vicente de Paula), mas apenas uma tinha características perfeitas que o Espírito assinaria em baixo.

A apreciação das mensagens demonstra que é preciso, às vezes, uma certa argúcia para se perceber o engodo que o Espírito engendra. A astúcia do autor levaria muitos a aceitarem as mensagens, porque lhes passaria facilmente despercebidas as intenções camufladas do autor, que se apresentava com o nome do famoso religioso. Vamos, portanto, às três mensagens.

I^A MENSAGEM

"Não, não se pode trocar de religião quando não se tem uma que possa, ao mesmo tempo, satisfazer o senso comum e a inteligência que se tem, e que possa sobretudo dar ao homem consolações presentes. Não, não se troca de religião, tomba-se de inépcia e dominação na sabedoria e na liberdade. Vamos, vamos, nosso pequeno exército!

Vamos e não temam as balas inimigas; as que hão de matá-los não foram ainda feitas, se vocês estiverem sempre do fundo do coração no caminho de Deus, isto é, se vocês quiserem sempre combater pacífica e vitoriosamente pelo conforto e pela liberdade."

2^A MENSAGEM

"A criação perpétua e incessante de mundos é para Deus como um gozo perpétuo, porque ele vê sem cessar seus raios tornarem-se cada dia mais luminosos em felicidade. Não há número para Deus, como não há o tempo.

Eis porque centenas ou milhares não são mais nem menos para ele, tanto um como outro. E pai cuja felicidade é formada pela felicidade coletiva de seus filhos e, em cada segundo da criação, ele vê uma nova felicidade vir fundir-se na felicidade geral. Ele não tem nem parada nem suspensão neste movimento perpétuo, esta grande felicidade que fecunda a terra e o céu. Do mundo, não conhecemos senão uma ínfima fração e vocês têm irmãos que vivem sob latitudes onde o homem não chegou ainda a penetrar. O que significam estes frios mortais que barram os esforços mais ousados? Vocês julgam que lá estejam o limite do seu mundo, quando vocês já não podem avançar com seus pequenos meios? Vocês poderão portanto medir exatamente o seu planeta? Não pensem nisso. Há em seu planeta mais lugares ignorados do que lugares conhecidos. Mas como é inútil propagar mais suas más instituições, todas as suas más leis, ações e existências, há um limite que os detêm aqui e ali e que os limitará até que vocês tenham de transportar as boas sementes que fez seu livre-arbítrio. Oh! não, vocês não conhecem este mundo que chamam de Terra. Vocês verão em sua existência um grande começo de provas desta comunicação. Eis que a hora vai soar em que haverá uma outra descoberta além da última que foi feita; eis que vai alargar-se o círculo da Terra conhecida e quando toda a imprensa cantar este Hosana em todas as línguas, vocês, pobres crianças, que amam Deus e que procuram sua voz, terão sabido antes mesmo do que aqueles que darão seu nome à nova terra".

3ª MENSAGEM

"Meus filhos, nosso mundo material e o mundo espiritual que tão pouco conhecem ainda, formam como dois pratos da balança perpétua. Até aqui nossas religiões, nossas leis, nossos costumes, e nossas paixões fizeram de tal modo pender o prato do mal para suspender o do bem, que se viu o mal reinar soberano sobre a terra. Desde séculos é sempre a mesma queixa que se exala da boca do homem e a conclusão fatal é a injustiça de Deus. Há mesmo os que vão até à negação da existência de Deus. Vocês vêem tudo aqui e nada lá; vêem o supérfluo que fere a necessidade, o ouro que brilha junto à lama; todos os mais chocantes contrastes que deveriam provar-lhes sua dupla natureza. Onde vem isto? De quem a culpa? Eis o que é preciso procurar com tranqüilidade e com imparcialidade; quando desejamos sinceramente encontrar um bom remédio, encontramos-lo. Pois bem! apesar deste domínio do mal sobre o bem, por própria culpa de

vocês, porque não vêm o resto seguir direito a linha traçada por Deus? Vocês vêm as estações se descontrolar? Os calores e os frios se chocarem inconsideradamente? A luz do Sol esquecer-se de clarear a Terra? A Terra esquecer em seu seio os grãos que o homem depositou nela? Vocês vêm a cessação dos mil milagres perpétuos que se produzem sob nossos olhos, desde a nascença da hastezinha de erva, até o nascimento da criança, o homem futuro? Mas se tudo vai bem da parte de Deus, tudo vai mal da parte do homem. Qual o remédio para isto? É bem simples: aproximarem-se de Deus, amarem-se, unirem-se, compreenderem-se e seguir tranqüilamente a rota da qual vemos os marcos com os olhos da fé e da consciência".

As duas primeiras mensagens foram consideradas apócrifas, por Kardec. Apenas a última mereceu sua aprovação. Sobre a primeira, perguntou ele: "Quem reconhecerá São Vicente de Paula nesta linguagem, nestes pensamentos descosidos e desprovidos de sentido?" E no entanto quantos, em nossos dias, não se deixam embalar por mensagens de igual teor, oferecendo proposições absurdas, capazes de corar o próprio Codificador? Sobre a segunda, disse Kardec: "Sob o ponto de vista do estilo, esta comunicação não suporta a crítica; as incorreções, os pleonasmos, os modos defeituosos, saltam à vista de quem quer que seja mesmo pouco letrado; mas isto nada provaria contra o nome com o qual está assinada, visto que estas imperfeições poderiam ser devidas à insuficiência do médium, como o demonstramos. O que é criado pelo Espírito é a idéia; ora, quando ele diz que há em nosso planeta mais lugares ignorados do que conhecidos, que um novo continente vai ser descoberto, é para um Espírito que se diz superior, dar provas da mais profunda ignorância. Sem dúvida se pode descobrir para lá dos gelos alguns cantos da terra desconhecidos, mas dizer que estas terras são povoadas e que Deus as esconde dos homens a fim de que eles não levem para lá suas más instituições, é ter muita fé na confiança cega daqueles aos quais ele ensina tais absurdos".

Finalmente, para a terceira reservou Kardec a seguinte observação: "Esta comunicação foi obtida no mesmo círculo; mas quão diferente da precedente! não somente pelos pensamentos mais ainda pelo estilo. Tudo nela é justo, profundo, sensato e certamente São Vicente de Paula não a desaprová; eis porque podemos atribuir-lha sem receio".

UMA PREVISÃO DE ALLAN KARDEC²

Por duas vezes o Brasil espírita acompanhou intensa polêmica acerca da mediunidade de cura. A primeira foi com José Arigó, o médium da faca enferrujada. A segunda com Edson Queiroz. Em ambas, o preconceito e o orgulho impediram que os homens que formam a inteligência espírita aprofundassem o estudo dessa mediunidade impressionante, que permite a cura ou o consolo dos sofredores, mas que, também, oferece provas irrecusáveis da presença das forças extraterrenas no mundo dos chamados seres vivos.

Em seu livro "Arigó — vida, mediunidade e martírio", escrito quando o famoso médium mineiro estava ainda encarnado, Herculano Pires afirma: "não se pode resolver o problema Arigó no quadro dos conflitos religiosos, onde, aliás, ele já se situou espontaneamente como espírita. Não se pode resolvê-lo, também, no quadro das disputas filosóficas. Mas no quadro das investigações científicas ele pode e deve ser resolvido. Vários motivos se opõem a essa solução, entre nós: os preconceitos culturais, que afastam os homens de ciência das investigações dessa natureza; os preconceitos religiosos, que criam barreiras ao interesse de alguns cientistas mais arejados, ameaçando-os surdamente com perigosas conseqüências sociais; a mentalidade estreita que preside às atividades de nossas insipientes organizações científicas e, naquelas em que há maior arejamento, a pobreza, a falta de recursos financeiros e técnicos para um empreendimento de vulto, como seria o exame aprofundado no caso Arigó".

Herculano foi um dos raros homens do nosso tempo capazes de subtrair-se às influências do preconceito em suas análises, agindo com espírito durkheimiano. Isto está demonstrado na maneira como ele — Herculano — encarou o estudo do "caso Arigó". Mais do que isso, na luta que empreendeu para que o "médium da faca enferrujada" não sofresse as conseqüências do preconceito religioso, filosófico e científico e tivesse a sua mediunidade estudada naquilo que ela pode oferecer à cultura moderna.

Incompreendido, preso, afrontado, Arigó passou ante o olhar míope de nossa gente.

É, no mínimo, estranho que o preconceito seja tão íntimo de alguns espíritas. A doutrina é avançada e aberta o suficiente para fazer seus adeptos se sobreporem ao comum dos homens. Não obstante, os fatos mostram muitas vezes o contrário.

² Trabalho revisto e atualizado. Publicado, originalmente, em 1983, pela Editora Espírita Correio Fraterno do ABC, em forma de opúsculo. Foram distribuídos, na ocasião, 5.000 exemplares, gratuitamente.

Evidentemente, o conhecimento doutrinário, longe de ser um cárcere que aprisiona, tem sido uma verdadeira plataforma para vôos amplos para alguns. Porém, há uma parcela de adeptos incapaz de estender suas asas para o infinito.

O "caso Arigó" foi revivido pelo médium Edson Cavalcante de Queiroz. A mesma mediunidade reapareceu pouco mais de dez anos depois da morte trágica do mineiro de Congonhas do Campo. Infelizmente, ocorreu com Edson o mesmo que aconteceu com Arigó: o fenômeno jamais foi estudado com o rigor científico que merecia.

Edson reviveu em tudo Arigó. Apenas uma diferença os separou: Arigó foi um homem de pouca instrução e Edson foi médico ginecologista. O fato de ter sido médico, porém, não alterou a absurda tentativa de enquadrá-lo.

MÉDICOS-MÉDIUNS UMA PREVISÃO DE ALLAN KARDEC³

Por duas vezes o Brasil espírita acompanhou intensa polêmica acerca da mediunidade de cura. A primeira foi com José Arigó, o médium da faca enferrujada. A segunda com Edson Queiroz. Em ambas, o preconceito e o orgulho impediram que os homens que formam a inteligência espírita aprofundassem o estudo dessa mediunidade impressionante, que permite a cura ou o consolo dos sofredores, mas que, também, oferece provas irrecusáveis da presença das forças extraterrenas no mundo dos chamados seres vivos.

Em seu livro "Arigó — vida, mediunidade e martírio", escrito quando o famoso médium mineiro estava ainda encarnado, Herculano Pires afirma: "não se pode resolver o problema Arigó no quadro dos conflitos religiosos, onde, aliás, ele já se situou espontaneamente como espírita. Não se pode resolvê-lo, também, no quadro das disputas filosóficas. Mas no quadro das investigações científicas ele pode e deve ser resolvido. Vários motivos se opõem a essa solução, entre nós: os preconceitos culturais, que afastam os homens de ciência das investigações dessa natureza; os preconceitos religiosos, que criam barreiras ao interesse de alguns cientistas mais arejados, ameaçando-os surdamente com perigosas conseqüências

³Trabalho revisto e atualizado. Publicado, originalmente, em 1983, pela Editora Espírita Correio Fraterno do ABC, em forma de opúsculo. Foram distribuídos, na ocasião, 5.000 exemplares, gratuitamente.

sociais; a mentalidade estreita que preside às atividades de nossas insipientes organizações científicas e, naquelas em que há maior arejamento, a pobreza, a falta de recursos financeiros e técnicos para um empreendimento de vulto, como seria o exame aprofundado no caso Arigó".

Herculano foi um dos raros homens do nosso tempo capazes de subtrair-se às influências do preconceito em suas análises, agindo com espírito durkheimiano. Isto está demonstrado na maneira como ele — Herculano — encarou o estudo do "caso Arigó". Mais do que isso, na luta que empreendeu para que o "médium da faca enferrujada" não sofresse as conseqüências do preconceito religioso, filosófico e científico e tivesse a sua mediunidade estudada naquilo que ela pode oferecer à cultura moderna.

Incompreendido, preso, afrontado, Arigó passou ante o olhar míope de nossa gente.

É, no mínimo, estranho que o preconceito seja tão íntimo de alguns espíritas. A doutrina é avançada e aberta o suficiente para fazer seus adeptos se sobreporem ao comum dos homens. Não obstante, os fatos mostram muitas vezes o contrário.

Evidentemente, o conhecimento doutrinário, longe de ser um cárcere que aprisiona, tem sido uma verdadeira plataforma para vôos amplos para alguns. Porém, há uma parcela de adeptos incapaz de estender suas asas para o infinito.

O "caso Arigó" foi revivido pelo médium Edson Cavalcante de Queiroz. A mesma mediunidade reapareceu pouco mais de dez anos depois da morte trágica do mineiro de Congonhas do Campo. Infelizmente, ocorreu com Edson o mesmo que aconteceu com Arigó: o fenômeno jamais foi estudado com o rigor científico que merecia.

Edson reviveu em tudo Arigó. Apenas uma diferença os separou: Arigó foi um homem de pouca instrução e Edson foi médico ginecologista. O fato de ter sido médico, porém, não alterou a absurda tentativa de enquadrá-lo em medicamentos recentíssimos, como fez com a Gabromicina, quando não tinha sequer sido distribuído à propaganda".

Sobre a Kanamicina, disse o Dr. Medeiros: "trata-se de um medicamento japonês e já tive oportunidade de observar que a sua aplicação às vezes provoca reações assustadoras, mas passageiras. Acredito que a sua condenação foi precipitada, sem maiores, observações". Ao concluir, afirmou que Arigó a aplicava eficientemente...

Outra condenação dos senhores médicos, nos dois casos, foi contra o procedimento dos jornalistas espíritas que cobriam as atividades de Arigó e, posteriormente, Edson Queiroz. Acusaram-nos de sensacionalistas e, portanto, nocivos à causa espírita. Preferiam que nada fosse publicado e a

opinião pública mantida, assim, no anonimato. Demonstraram, pois, serem portadores de uma visão acanhada da própria causa e do que seria bom ou ruim para ela.

Afirmaram serem precipitadas as conclusões dos jornalistas quando estes davam por curada uma intervenção do médico-médium Edson Queiroz. A alegação era de que apenas os médicos tinham poder para isso. Tudo não passava, porém, de jogo de palavras,



O médium Edson Queiroz, à direita, em foto de 1983.

conturbado pela incapacidade que tinham de analisar as reportagens dos jornalistas e suas conclusões. Ou melhor, a conclusão publicada, nunca dada por eles, mas expressa por aqueles que, médicos ou não, acompanhavam os casos.

Por outro lado, era preciso que soubessem que nem sempre o diploma acadêmico confere superioridade às pessoas. Exatamente sobre esse assunto, durante uma discussão pela Revista Espírita, Kardec disse: "Na verdade, o diploma é um salvo-conduto, que não só permite aos oficiais de saúde arrancar os olhos dos clientes, mas aos médicos matá-los sem remorso e sem responsabilidade!"

Apesar disso, os críticos viviam assustados com a coragem dos que não lhes perguntavam se podiam ou não emitir parecer sobre questões médicas. Como diria Herculano Pires, livro citado, "tudo isso faz lembrar os casos históricos de quebra dos formalismos e das normas habituais no meio religioso e no meio científico: (...) Pasteur, que não era médico, ensinando assepsia. (...) Os homens em geral se esquecem de que a vida é muito mais vasta e mais rica do que supomos".

Condenaram, ainda, as apresentações públicas do médico-médium Edson Queiroz. E para isto levantaram citações soltas de Kardec, apanhadas ao sabor da pinça, para confundir os fatos no que foram acompanhados por alguns desprevenidos. Para comprovar, eis duas citações utilizadas em artigo condenando Edson Queiroz (jornal "Espiritismo e Unificação", julho de 1983):

"O verdadeiro Espiritismo jamais se dará em espetáculo nem subirá ao tablado das feiras".

"A faculdade mediúnica, mesmo restrita às manifestações físicas, não foi dada ao homem para ostentá-las no teatro de feira e quem quer que se pretenda ter às suas ordens os Espíritos, para exhibir em público, está no caso de ser, com justiça, suspeitado de charlatanismo ou de mais ou menos hábil prestidigitação".

Ambas as citações foram pinçadas do "Livro dos Médiuns". Com uma falha, apenas: estão incompletas!

Para compreender a primeira é indispensável analisar todo o item 31 do capítulo III, 1ª parte, do "Livro dos Médiuns". A frase solta adquire o sentido que os contraditores pretendem dar, facilitando a condenação do médium. Era o que desejavam os adversários, que assim evitavam o imenso trabalho de estudar o caso.

No item 31 citado, Kardec procura demonstrar que o ensino do Espiritismo no tocante à mediunidade não pode se processar como o ensino da química ou da física. Por uma simples razão: no Espiritismo "lida-se com inteligências", os Espíritos, e elas não estão à disposição das pessoas como o está a matéria bruta para as ciências naturais. Desse modo, quem desejar utilizar os Espíritos como meio de vida fácil ou para atividades pueris terá o dissabor de ver-se abandonado por eles.

Como se observa, isso nada tinha a ver com a atividade mediúnica de Edson Queiroz, porque ele colocava sua mediunidade a serviço de uma causa séria com a coragem suficiente para arriscar sua própria reputação profissional, coisa que, convenhamos, poucos seriam capazes de imitar.

A segunda citação padece do mesmo mal. No seu contexto original, item 308 do "Livro dos Médiuns", faz parte de um conjunto de argumentos utilizados por Kardec para chamar a atenção para as fraudes deliberadas, conscientes, daqueles que desejam enganar a fé pública e auferir lucros financeiros. Além do mais, a citação foi feita com a exclusão de dois trechos importantes para a compreensão do pensamento do Codificador:

1 — a citação é um parágrafo cuja última sentença foi suprimida. Ei-la: "Que se tenha isso por certo todas as vezes que se vejam anúncios de pretensas sessões de Espiritismo ou de Espiritualismo a tanto por pessoa e que se recorde o direito que se adquire ao entrar";

2— o parágrafo seguinte complementar ao item 308 foi também suprimido na citação. Diz ele: "De tudo o que precede, concluímos que o desinteresse absoluto é a melhor garantia contra o charlatanismo; se não assegura sempre a boa qualidade das comunicações inteligentes, priva os maus Espíritos de um poderoso meio de ação e fecha a boca de certos detratores".

Pelo que se viu, as atividades de Edson Queiroz, na época em que se desenvolviam de forma a mais desinteressada possível — e este foi o seu período mais profícuo — não se destinavam a espetáculo público ou a ludibriar a boa fé das pessoas. O médium não cobrava, as reuniões públicas não constituíam atividade normal e, sim, extraordinária, prestando-se à comprovação do fenômeno, enquanto que o atendimento reservado era a regra.

Enganaram-se, pois, os que viram nas atividades de Edson Queiroz na Federação Espírita do Estado de São Paulo ou em outros locais o interesse ao exibicionismo, já que elas visavam alcançar um fim nobre, como o despertar da consciência para uma outra realidade da vida. No livro "Edson Queiroz, o novo Arigó dos Espíritos", de Nazareno Tourinho, editado pelo Correio Fraternal⁴, tive ocasião de escrever sobre a reunião da Federação. Os interessados poderão compulsá-lo, sobretudo para conhecerem com mais detalhes tudo o que o médium realizou na melhor fase de sua mediunidade.

Milhares de pessoas acorriam diariamente ao médium, em Recife, onde tinha a sua sede. Iam em busca de solução para angustiosos problemas que a medicina oficial não conseguia solucionar. Enquanto esperava pela presença dos homens de ciência, para que pesquisassem sua mediunidade, Edson atendia a quase todos e não cobrava sequer as gases e esparadrapos que eram gastos aos milhares. Tudo era feito sob a bandeira luminosa do desinteresse, base única da verdadeira caridade ensinada pelo Espiritismo.

Os críticos, reduzidos a seus preconceitos e orgulho, sequer perguntavam pela fonte financeira que subsidiava aqueles gastos enormes. Enfim, não há mesmo porque nos determos na análise comportamental dos que não viram mas também não gostaram. Suas objeções não eram sérias.

"No caso Arigó — afirma Herculano Pires — os espíritas que não mantiveram sua mente aberta à realidade, procurando reduzi-la apenas ao seu esquema particular de regras doutrinárias, foram surpreendidos pela eclosão de novos aspectos da manifestação mediúnica."

A afirmação coube perfeitamente ao caso Edson Queiroz, porque ele repetiu Arigó, inclusive, nas perseguições de que foi vítima em tão pouco tempo de atividade.

Em Guaratinguetá, Arigó se manifestou por Edson Queiroz, abraçou alguns amigos e relembrou o abandono a que foi relegado pelos espíritas nas horas mais cruciais de seu sofrimento. Ao finalizar, pediu às instituições espíritas que não fizessem o mesmo com Edson. Em vão!

⁴Editora Espírita Correio Fraternal do ABC, proprietária do jornal Correio Fraternal do ABC, com sede em São Bernardo do Campo, SP. Particpei da direção do jornal por 14 anos e coordenei a área editorial desde o início de funcionamento da editora, até 1989.

Herculano diz que a defesa de Arigó seria a "defesa da própria mediunidade". Infelizmente, lamentava, as instituições espíritas mais fortes, "de braços cruzados, limitavam-se a alguns protestos e pedidos de ajuda a este ou aquele poder".

A situação foi a mesma com Edson Queiroz, agravada pela exclusão de que foi vítima, da Federação Espírita Pernambucana, onde militou no início de sua atuação mediúnica.

ANÁLISES DOUTRINÁRIAS E UMA SURPREENDENTE REVELAÇÃO

O fato mais importante em Edson Queiroz não foi o que ele significou como pessoa humana, mas o que representou para a mediunidade na condição de médico. Sob este aspecto, os espíritas interessados podem estudá-lo contando, inclusive, com um trabalho de Allan Kardec sobre o assunto.

A crítica leiga não tem obrigação de conhecer os estudos existentes na literatura espírita, acerca da mediunidade, como a têm os espíritas. Não obstante, encontramos nos meios espíritas criaturas bem postadas que cometem os mesmos erros dos leigos ao emitirem opiniões em que demonstram desconhecer até os estudos mais simples.

Um certo doutor, que se diz espírita, crítico loquaz das atividades mediúnicas e porta-voz da Associação Médico Espírita de São Paulo, após reunir alguns argumentos em desfavor do médium e contrariar a opinião de mais de trezentas pessoas que com ele assistiram o trabalho na Federação Espírita do Estado de São Paulo, apelou para os postulados espíritas e disse ("Folha Espírita", junho e julho de 1983):

"Vale lembrar-lhe, com todo o respeito, Dr. Edson, que nos livros da codificação kardequiana não existe, não consta MÉDIUM CIRURGIÃO. Mesmo em toda a coletânea da Revista Espírita não é encontrada qualquer menção ao MÉDIUM CIRURGIÃO.

"Existe sim — prossegue — como se pode ler em Obras Póstumas, página 38, item 52, LAKE, 2ª edição, 1979, as seguintes palavras de Kardec: "A mediunidade curadora consiste na faculdade que certas pessoas possuem de curar pelo simples toque, imposição das mãos, pelo olhar, por um simples gesto, *sem o auxílio de qualquer medicamento*". (O grifo é dele.)

Pois bem, nós vamos demonstrar a seguir que aquele doutor não conhece a Revista Espírita e certamente não teve tempo ainda de estudar toda a

Doutrina Espírita. Chamamos a atenção do leitor para o final do texto supra, que o referido doutor fez questão de sublinhar na intenção, certamente, de deixar patente sua contrariedade com os remédios receitados por Edson Queiroz e por julgar que esse tipo de receita é também antidoutrinária, apesar de Kardec haver incluído os médiuns receitistas na classificação do "Livro dos Médiuns".

SURPRESAS INTERESSANTES

QUE VÃO SURGINDO

Afirma o doutor que Kardec não prevê no "Livro dos Médiuns" a classificação de médium-cirurgião. Admitamos seja verdade. Perguntamos, pois: que mal há nisso? Afinal, aceitar como doutrinário apenas o que Kardec teve condições e tempo de analisar é trancar a doutrina em limites que se chocam com os próprios princípios espíritas.

E verdade. Kardec não menciona médium-cirurgião no seu principal livro sobre a mediunidade. Mas, basta conhecer o universo dos fenômenos mediúnicos para dar-se conta da completa impossibilidade de enfeixar em um único volume todas as variações fenomênicas. Apesar disso, Kardec conseguiu reunir um número enorme de classes mediúnicas e analisá-las quase todas.

A afirmação do doutor é, por outro lado, uma mostra de estreiteza de vistas muito grande. O fenômeno em médiuns do tipo Arigó e Edson Queiroz não é unitário mas complexo. A mediunidade nestas criaturas se manifesta de forma múltipla, como bem focalizou Herculano Pires. A xenoglossia ou mediunidade de línguas está neles presente ao lado da vidência, da psicografia, da incorporação etc. Eles são médiuns que ora escrevem e falam, vêem e ouvem, produzem efeitos físicos ou são inspirados, funcionam consciente ou inconscientemente. Umas vezes são receitistas, outras agem como médiuns cirurgiões. Esta multiplicidade é que forma o complexo mediúnico que apresentam. É impossível, portanto, analisá-los por apenas um dos prismas; muito menos determinar a faculdade cirúrgica pela qual Arigó e Edson deveriam ser julgados.

Todos os fenômenos mediúnicos de Edson Queiroz estão mencionados no "Livro dos Médiuns", menos a cirurgia. O que é que leva certas criaturas a desprezar os demais fenômenos e ficar somente com este último?

Ainda que não conste no "Livro dos Médiuns" a classificação de médium-cirurgião, o fenômeno aí está para ser analisado. Nada existe que justifique uma condenação da faculdade sem pesquisa adequada. "O Livro dos Médiuns" não constitui uma ortodoxia, de modo a condenar tudo o que ali não conste.

"O Livro dos Médiuns" constitui a base a partir da qual se devem erguer todos os estudos, pesquisas, análises no campo mediúnico. É de se admitir que tudo o que contrarie esta obra seja condenado. Mas, em relação ao fenômeno da mediunidade cirúrgica, onde estão as provas? Não existem, porque os que deveriam reuni-las, caso o conseguissem, se perdem no labirinto das acusações tolas e na manifestação de opiniões pessoais, que não passam disso.

Kardec não se deparou com a faculdade moderna da mediunidade cirúrgica, caso contrário a teria estudado sem qualquer preconceito. Os espíritas atuais deveriam mirar neste exemplo do Codificador. Muitos dos que afirmam que é preciso ter prudência, não seguem o Codificador na totalidade de suas ações. Preferem acusar, antes mesmo do estudo. Assustam-se com a simplicidade do fenômeno e estarrecem-se diante da manipulação do bisturi sem assepsia e sem anestesia. O movimento da tampa da chaleira e a queda da maçã eram também simples, mas a inteligência rara pôde descobrir ali preciosas leis.

O fenômeno mediúnico foi para Kardec de interesse constante, tanto no que diz respeito à sua divulgação (a Revista Espírita é um verdadeiro manancial de fatos mediúnicos) quanto de estudo (os fatos mediúnicos estão presentes em todas as obras do Codificador, com especial ênfase para "O Livro dos Médiuns"). A ausência nominal dos médiuns cirurgiões aí não é por si excludente.

O caso Arigó suscitou igual dúvida, mas Herculano logo avisou: "esse quadro explosivo não se enquadrava e não se enquadra nas classificações habituais. Parecia desafiar o "Livro dos Médiuns". O tempo se incumbiu de esclarecer a questão, mostrando que Arigó apresenta um verdadeiro complexo mediúnico, em que estão presentes quase todos os tipos de classificação mediúnica doutrinária".

O sábio doutor que pretende existam somente os médiuns que curam por imposição de mãos, sem tocar nos pacientes e sem receitar remédios, há de começar a surpreender-se pelo seguinte: no capítulo 16, 2ª parte, do "Livro dos Médiuns", Kardec estuda os chamados *médiuns especiais*. Diz ele: "Além das categorias de médiuns que acabamos de enumerar, a mediunidade apresenta uma variedade infinita de matizes que constituem o

que chamamos de médiuns especiais e que apresentam aptidões particulares ainda não definidas, abstração feita das qualidades e dos conhecimentos do Espírito que se manifesta".

As afirmações do Codificador são absolutamente claras e mostram o complexo que a mediunidade constitui. Assim como não há duas pessoas exatamente iguais, não há dois médiuns absolutamente idênticos. Kardec, com argúcia, deixou as portas abertas para o aparecimento de novas classes de mediunidade.

O citado capítulo apresenta, pois, duas surpresas: a primeira delas ainda no seu início, parágrafo segundo, onde Kardec informa que os Espíritos se ocupam de coisas de sua preferência, podendo-se concluir de sua elevação ou inferioridade. A certa altura, diz: "... entre os que dão comunicações inteligentes, há espíritos poetas, músicos, desenhistas, moralistas, sábios, médicos etc."

Eis, pois, como Kardec se refere pela primeira vez aos Espíritos médicos, relacionando-os entre os que se manifestam. É de se admitir que um Espírito médico, ao manifestar-se, trate de coisas da medicina e não da crise econômica...

Mais adiante, item 193, cujo título é "Segundo o gênero e a especialidade das comunicações", Kardec classifica: "*Médiuns Receitaistas*: sua especialidade é de servir mais facilmente de intérpretes aos Espíritos para prescrições médicas. Não devemos confundi-los com os *médiuns curadores* porque eles não fazem absolutamente mais do que transmitir o pensamento do Espírito e não têm por si próprios, nenhuma influência. Muito comuns". Todos os grifos são de Kardec.

Como se observa, o sábio doutor que grifou anteriormente as palavras de Kardec, insinuando a inexistência deste tipo de mediunidade descrito acima, está enganado e ignora os estudos mais elementares. Desconhece, inclusive, que Kardec fora em diversas ocasiões assistido por Espíritos médicos, entre eles o doutor Demeure (Revista Espírita, agosto de 1862). Zeus Wantuil, um dos autores da obra "Allan Kardec", edição FEB, a qual critiquei em alguns pontos, assim se refere ao caso: "Assistido, sem dúvida, por Espíritos Superiores, Rivail teve a visão completa e definitivamente restabelecida, e pelos anos a fora, desde a sua convocação pelo Alto até o seu desenlace, os olhos lhe foram quais janelas abertas que lhe possibilitaram erigir a monumental obra do Consolador".

O fato curioso nessa doença de Kardec é que um especialista, por ele consultado, lhe garantiu que ele sofria de "amaurose", afirmando-lhe que deveria se consolar porque não tinha cura. Foi preciso o desmentido de uma sonâmbula e o diagnóstico por ela feito corretamente.

MAIS SURPRESAS INTERESSANTES APARECEM

A incursão pela literatura espírita, como se vê, nos mostra um quadro diferente daquele que às vezes nos querem apresentar. Muitas coisas atribuídas ao Codificador são irreais. Kardec é, de fato, um grande desconhecido. Quando não se sabe pouco de sua doutrina, faz-se mau uso do que se aprendeu.

Outro caso interessante a respeito da mediunidade encontramos na Revista Espírita, outubro de 1867. Não se trata de cura por imposição de mãos, mas com uso de receituário mediúnico obtido às vezes em circunstâncias peculiares. A médium, uma senhora de reputação na sociedade francesa, possuía conhecimentos de medicina, embora não fosse médica. Apesar disso, Kardec denomina -a médium-médico. O caso é "sui generis" e constitui-se fato de desdobramentos imprevisíveis, sendo, portanto, oportuno.

Antes, é preciso deixar claro que a médium — Condessa de Clérambert — não fugiu à regra no que se refere à incompreensão de sua mediunidade. Foi perseguida, criticada violentamente, tudo isto apesar da reputação inabalável. Nada, porém, foi suficiente para impedir que praticasse a mediunidade de cura, auxiliando os necessitados. Dispondo de recursos financeiros suficientes para viver comodamente, madame Clérambert fazia de sua mediunidade um apostolado.

O caso foi tratado por Allan Kardec após a morte da médium. Foi-lhe trazido por pessoa de confiança e posteriormente confirmado na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, onde a médium se manifestou oferecendo pormenores a respeito de suas atividades e respondendo a questões interessantes ali formuladas.

No relato do caso, Kardec afirma que "aos conhecimentos adquiridos, de que ela certamente fazia uso em seus tratamentos, juntava ela uma faculdade de intuição que não passava de uma mediunidade inconsciente, porque muitas vezes ela tratava por correspondência e, sem ter visto os pacientes, descrevia a doença perfeitamente; aliás, ela mesma dizia receber instruções, sem explicar a maneira por que lhe eram transmitidas. Muitas vezes tinha tido manifestações materiais, tais como transportes,

deslocamento de objetos e outros fenômenos deste gênero, posto não conhecesse o Espiritismo".

Observe-se por este relato o seguinte: Kardec se refere à médium como alguém dotado de seriedade e que estava a serviço de uma causa digna. E afirma que ela algumas vezes participava de manifestações físicas, que ele chama de "materiais". Coisa curiosa, o tal doutor-crítico, numa das ocasiões em que condenou o médium Edson Queiroz, utilizou-se exatamente do argumento de que, no caso das curas deste médium serem realizadas através de efeitos físicos, deveriam ser tidas por nocivas porque, dizia, Espíritos que proporcionam efeitos físicos são de categoria inferior. Ingenuidade! Primeiro, por admitir que todos os efeitos físicos são realizados por Espíritos inferiores e, segundo, por não admitir possam estes Espíritos, em alguma ocasião, estarem a serviço de Espíritos Superiores. Vê-se como Kardec, num simples relato, destrói estas fantasias.

Vamos em frente. Diz o Codificador:

"Um dia um de seus doentes lhe escreveu que lhe tinham sobrevivido abscessos e para lhe dar uma idéia, tinha traçado o padrão numa folha de papel; mas, tendo esquecido de juntá-la à carta, a senhora respondeu pela volta do correio: Não tendo vindo o padrão que anunciais em vossa carta, acho de encontrar um esta manhã em minha gaveta, o qual deve ser semelhante ao vosso e que vos remeto. Com efeito, esse padrão reproduzia exatamente a forma e o tamanho dos abscessos".

Uma pausa. Quem preparou o padrão utilizado pela médium? Como a médium poderia ter certeza do seu valor? Teriam sido os Espíritos inferiores os autores da façanha? Eis aí algumas perguntas que os críticos preferirão dar de ombros a responder.

"Ela nem tratava pelo magnetismo, nem pela imposição das mãos, nem pela intervenção ostensiva dos Espíritos, mas pelo emprego de medicamentos que, no mais das vezes, ela mesma preparava conforme as indicações que lhe eram fornecidas. (...) Ela curou radicalmente um grande número de epiléticos e doentes de afecções agudas ou crônicas, abandonados pelos médicos.

"A Sra. Clérambert — prossegue Kardec — não era um médium curador, no sentido ligado à expressão, mas um *médium-médico*. Gozava de uma clarividência que lhe fazia ver o mal e a guiava na aplicação dos remédios, que lhe eram inspirados, secundada, além disso, pelo conhecimento que tinha da matéria médica e, sobretudo, das propriedades das plantas".

O resto é o que se sabe.

Este fato foi narrado em reunião da Sociedade, ao fim da qual e após uma evocação, a Sra. Clérambert compareceu para responder às seguintes perguntas:

"1 - Que pensais da notícia que acaba de ser lida e das reflexões que a acompanham?

"2 - Qual a origem do vosso gosto nato pelos estudos médicos?

"3 - Por que via recebíeis as inspirações que vos eram dadas para o tratamento dos doentes?

"4 - Como Espírito, podeis continuar a prestar os serviços que prestáveis como encarnada, quando éreis chamada para um doente, com o auxílio de um médium?"

A resposta da Sra. Clérambert às perguntas formuladas é de grande importância para este estudo. Vamos, pois, a ela.

"Agradeço-vos, senhor presidente, as palavras benevolentes que tivestes a bondade de pronunciar em minha intenção e aceito de boa vontade o elogio feito ao meu carácter. Creio ser a expressão da verdade, e não terei orgulho ou falsa modéstia de o recusar. Instrumento escolhido pela Providência, sem dúvida por causa de minha boa vontade e da aptidão particular, que favorecia o exercício de minha faculdade, não fiz senão o meu dever, consagrando-me ao alívio dos que reclamavam o meu socorro. Algumas vezes acolhida pelo reconhecimento, muitas vezes pelo esquecimento, meu coração não se orgulhou mais com os sufrágios de uns, do que sofreu com a ingratidão de outros, desde que eu sabia muito bem ser indigna de uns e colocar-me acima de outros.

"Mas chega de se ocupar de minha pessoa. Vamos à faculdade que me valeu a honra de ser chamada em meio a esta Sociedade simpática, onde se gosta de repousar a vista, sobretudo quando se foi, como eu, vítima de calúnia e dos ataques malévolos daqueles cujas crenças foram feridas, ou cujos interesses prejudicados. Que Deus lhes perdoe, como o faço eu mesma!"

Após estes esclarecimentos, o Espírito passa a narrar como sua faculdade mediúnica se desenvolveu e de que forma fez uso desse instrumento precioso a nível humano e científico. Vejamos.

"Desde minha infância, e por uma espécie de atração natural, ocupei-me do estudo das plantas e de sua ação salutar sobre o corpo humano. De onde me vinha esse gosto ordinariamente pouco natural em meu sexo? Então eu o ignorava, mas hoje sei que não era a primeira vez que a saúde humana era objeto de minhas mais vivas preocupações: eu tinha sido médico. Quanto à faculdade particular que me permitia ver à distância o diagnóstico das feições de certas doenças (porque eu não via por todo o mundo) e prescrever os medicamentos que deviam dar saúde, era muito semelhante à de vossos médiuns médicos atuais. Como eles, eu estava em relação com um ser oculto que se dizia Espírito, e cuja influência salutar ajudou-me poderosamente a aliviar os infortunados que me reclamavam. Ele me havia prescrito o mais completo desinteresse, sob

pena de perder instantaneamente uma faculdade que constituía a minha felicidade. Não sei porque razão, talvez porque teria sido prematuro desvelar a origem de minhas prescrições, ele igualmente me havia recomendado, da maneira mais formal, que não dissesse de quem recebia as recomendações que dirigia aos meus doentes. Enfim, ele considerava o desinteresse moral, a humildade e a abnegação como uma das condições essenciais à perpetuação de minha faculdade. Segui seus conselhos e dei-me bem.

"Tendes razão, senhor, — fala, agora, em relação ao futuro, a Sra. Clérambert — de dizer que os médicos serão chamados um dia a representar um papel da mesma natureza que o meu, quando o Espiritismo tiver tomado a influência considerável que, no futuro, fá-lo-á instrumento universal do progresso e da felicidade dos povos! Sim, certos médicos terão faculdades desta natureza e poderão prestar serviços tanto maiores quanto os seus conhecimentos adquiridos lhes permitirão mais facilmente assimilar espiritualmente as instruções que lhes forem dadas. É um fato que deveis ter notado, que as instruções que tratam de assuntos especiais são tanto mais facilmente e tanto mais largamente desenvolvidas, quanto mais os conhecimentos pessoais do médium se aproximarem da natureza daqueles que ele é chamado a transmitir. Assim, certamente eu poderia prescrever tratamentos aos doentes que a mim se dirigiam para obter a cura, mas não o faria com a mesma facilidade com todos os instrumentos; ao passo que uns facilmente transmitiriam minhas indicações, outros só o fariam incorretamente ou incompletamente. Entretanto, se meu concurso vos pode ser útil, seja em que circunstância for, terei prazer em vos ajudar em vossos trabalhos, segundo a medida de meus conhecimentos, ah! muito limitados fora de certas atribuições especiais".

Aí está a comunicação da ex-médium. Com a clareza e as evidências capazes de desfazer os equívocos das interpretações interesseiras, que gostam de torcer as informações para alcançar objetivos escusos.

A seguir, Kardec tece considerações acerca do fenômeno mediúnico manifestado na Condessa de Clérambert, estendendo-se em análises que vão desde a confirmação desse tipo de mediunidade até ao fato de, no futuro, poder-se encontrar os médicos-médiuns em tal quantidade que se tornem comuns. Em suma, faz uma projeção de que os médiuns de cura seriam futuramente os médicos.

Referindo-se à ex-médium, diz o Codificador: "Em nossa opinião, era o tipo do que poderia ser entre muitos médicos; de que muitos poderão ser, sem dúvida, quando entrarem na via da espiritualidade, que lhes abre o Espiritismo, porque muitos verão desenvolver-se em si faculdades intuitivas, que lhes serão um precioso auxílio na prática". O Codificador vai falar, em seguida, de sua expectativa sobre este promissor futuro.

"Dissemos e repetimo-lo, seria um erro crer que a mediunidade curadora venha destronar a medicina e os médicos. Ela vem lhes abrir uma nova via, mostrar-lhes, na natureza, recursos e forças que ignoravam, e com as quais podem beneficiar a ciência e os doentes; numa palavra, provar-lhes que não sabem tudo, desde que há pessoas que, fora da ciência oficial, conseguem o que eles mesmos não conseguem. Assim, não temos a menor dúvida de que um dia haja *médicos-médiuns*, como há *médiuns-médicos* que, à ciência adquirida juntarão o dom de faculdades mediúnicas especiais".

Poderíamos encerrar este estudo aqui. As palavras de Kardec são suficientemente fortes para esclarecer uma questão que alguns teimam em tornar escura, opaca, em virtude de interpretações facciosas e que só servem para dificultar a divulgação do Espiritismo, além de lançar sobre suas próprias personalidades o descrédito.

Não obstante, prosseguiremos um pouco mais. O texto do Codificador traz ainda mais subsídios para os que se interessam de boa vontade pelo assunto. Esclarecendo que tais médiuns não poderiam agir sem os Espíritos e que estes contam com as virtudes do médium para os assistir, Kardec afirma que a atividade mediúnica de cura tem dois aspectos, igualmente importantes: a cura em si e a divulgação do Espiritismo. Confira.

"... Como Espíritos, trabalham para a humanidade e não vêm servir a interesses egoístas individuais; como em tudo o que fazem, agem em vista da propagação das doutrinas novas, são-lhe necessários soldados corajosos e devotados, e nada têm que fazer com poltrões, que têm medo da sombra e da verdade. Assim, secundarão os que, sem resistência e sem premeditação, colocarem suas aptidões a serviço da causa que se esforçam por fazer prevalecer".

Na seqüência de sua análise, o Codificador lança-se sobre a questão financeira, que implica na sobrevivência do médico tornado médium, também. Vejamos, pois, como ele questiona e responde às próprias perguntas.

O desinteresse material, que é um dos atributos essenciais da mediunidade curadora, será, também, uma das condições da medicina mediúnica? Então, como conciliar as exigências da profissão com uma abnegação absoluta?

"Isto requer algumas explicações, porque a posição não é a mesma. A faculdade do médium curador nada lhe custou; não lhe exigiu estudos, nem trabalho, nem despesas; recebeu-a gratuitamente, para o bem dos outros, e deve usá-la gratuitamente. Como antes de tudo é preciso viver, se, por si mesmo, não tem recursos que o tornem independente, deve achar os seus meios no seu trabalho ordinário, como o teria feito antes de conhecer a

mediunidade; não dá ao exercício de sua faculdade senão o tempo que lhe pode consagrar materialmente...

"Muito outra seria a posição dos médicos-médiuns. A medicina é uma das carreiras sociais que se abraça para dela fazer uma profissão, e a ciência médica só se adquire a título oneroso, por um trabalho assíduo, por vezes penoso; o saber do médico é, pois, uma conquista pessoal, o que não é o caso da mediunidade. Se, ao saber humano, os Espíritos juntam seu concurso pelo dom de uma aptidão mediúnica, é para o médico um meio a mais para se esclarecer, para agir mais segura e eficazmente, pelo que deve ser reconhecido, mas não deixa de ser sempre médico; é a sua profissão, que não deixa para fazer-se médium. Nada há, pois, de repreensível, em que continue a dela viver, e isto com tanto mais razão quanto a assistência dos Espíritos por vezes é inconsciente, intuitiva, e sua intervenção se confunde, às vezes, com o emprego dos meios ordinários de cura.

"Porque um médico tornou-se médium e é assistido por Espíritos no tratamento de seus doentes, não se segue que deva renunciar a toda remuneração, o que o obriga a procurar os meios de subsistência fora da medicina e, assim, renunciar à profissão... Não se dá o mesmo com o desinteresse moral que, em todos os casos, pode e deve ser absoluto".

Kardec passa a esclarecer, agora, quais são, em sua opinião, as razões que o levam a admitir a substituição dos médiuns de cura pelos médicos-médiuns.

"Dissemos que a mediunidade curadora não matará a medicina nem os médicos, mas não pode deixar de modificar profundamente a ciência médica. Sem dúvida, haverá sempre médiuns curadores, porque sempre os houve, e esta faculdade está na natureza; mas serão menos numerosos e menos à medida que aumentar o número de *médicos-médiuns*, e quando a ciência e a mediunidade se prestarem mútuo apoio. Ter-se-á mais confiança nos médicos quando forem médiuns, e mais confiança nos médiuns quando forem médicos.

"Não podem ser contestadas as virtudes curativas de certas plantas e de outras substâncias que a Providência pôs ao alcance do homem, colocando o remédio ao lado do mal. O estudo dessas propriedades é do campo da medicina. Ora, como os médiuns curadores só agem por influência fluídica, sem o emprego de medicamentos, se um dia devessem suplantam a medicina, resultaria que, dotando as plantas de propriedades curativas, Deus teria feito uma coisa inútil, o que é inadmissível. Há, pois, que considerar a mediunidade curadora como um modo especial e não como um meio absoluto de cura".

O mútuo apoio preconizado por Kardec deve principiar nas instituições especializadas existentes nos meios espíritas. Antes, porém, é preciso que

essas instituições estejam sob a direção de pessoas inteligentes, de boa vontade e despidas de preconceito para com a própria mediunidade. Infelizmente, em alguns casos, isso não ocorre. Pelo contrário, são essas instituições do meio espírita que fecham as portas ao futuro, negando o valor da mediunidade e criando uma ortodoxia para atender a interesses particulares, de tal forma que se torna quase impossível mesmo a união da mediunidade com a ciência.

Pior do que o preconceito dos adversários do Espiritismo é o preconceito dos próprios espíritas.

PERISPÍEITO, TERMO TAMBÉM INVENTADO POR KARDEC

E conhecida a criação dos termos Espiritismo e espírita, mas Kardec não ficou apenas nesses dois. Inventou também perispírito para designar aquilo que os Espíritos chamavam de "princípio intermediário".

Não mais do que 26 vezes aparece no Livro dos Espíritos a palavra perispírito. Em apenas três o termo é utilizado pelos Espíritos que ditaram a obra. Quem o utilizou primeiro foi na verdade o Codificador, com o objetivo de deixar clara a informação sobre a existência de um corpo intermediário entre o espírito e a matéria.

A primeira vez que os Espíritos se referem à existência do corpo intermediário é na questão 27 de "O Livro dos Espíritos". Fazem-no, porém, de maneira indireta. Dizem eles: "...ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o Espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o Espírito possa exercer ação sobre ela".

Kardec desenvolvia então as primeiras noções sobre os fluidos, de modo que não julgou oportuno entrar, naquele momento, com o aspecto que dizia respeito à individualidade do Espírito. Lembre-se que a marca do pedagogo está impressa na Codificação, onde a doutrina é desenvolvida por gradação e os assuntos têm uma espécie de fio que os interliga. E assim do início ao final da Codificação.

O termo perispírito surge pela primeira vez como subtítulo entre as questões 92 e 93. A seguir, no desdobramento da questão 94. A resposta dos Espíritos à questão 93, Kardec aduz a fonte onde foi buscar o termo perispírito. Eis como as coisas se passam.

"Envolve-o (o Espírito) uma substância vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira".

Kardec dá o seguinte esclarecimento: "Envolvendo o gérmen de um fruto há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar **perispírito**, serve **de** envoltório ao Espírito propriamente dito".

Para chamar a atenção para a palavra, Kardec tratou de sublinhá-la no texto acima, passando a utilizá-la daí por diante, como o faz imediatamente na questão 94a: "Assim, quando os Espíritos que habitam os mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro?" Sem validar o termo, mas sem condená-lo, também, os Espíritos responderam: "É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos."

Kardec volta a utilizar o termo apenas na síntese que faz das questões 134 e 135, quando afirma que "o homem é, portanto, formado de três partes essenciais: ... 3^a - o princípio intermediário, ou **perispírito**, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Tais, um fruto, o gérmen, o perisperma e a casca".

Note-se, contudo, que os Espíritos sempre que se referiam ao corpo espiritual falavam de "laço", "substância", "envoltório" etc. O Codificador definiu-lhe o termo e este acabou consagrado pelos autores encarnados e desencarnados, inclusive os Espíritos da Codificação, que na questão 141 o utilizam pela vez primeira. Ei-lo: "...Um, sutil e leve: é o primeiro, ao qual chamamos **perispírito**; ..."

É de se perceber que os Espíritos enfatizam o termo em negrito e fazem questão de se referir ao seu criador, Kardec, para designar o invólucro do Espírito. Outras duas vezes, no mesmo livro, os Espíritos voltarão a utilizar o termo.

Cabe um esclarecimento aqui. Bons e muito bem intencionados espíritas fazem confusão entre o ensinamento da Codificação e o que dizem algumas religiões orientais. Para o Espiritismo, o Espírito só possui um corpo intermediário entre ele e a matéria e não como chegam a escrever e afirmar aqueles que, com base em outras doutrinas, falam de diversos corpos! Assim, corpo mental, astral etc. não fazem parte do ensinamento espírita, a não ser quando utilizados como sinônimo de perispírito.

O ENCONTRO DE COELHO NETO COM ALLAN KARDEC

Em Portugal, o clero apressou-se em transformar em católico a Guerra Junqueiro tão logo sua morte foi confirmada, anunciando que a possível conversão teria ocorrido durante a agonia daquele que foi um dos maiores combatentes da Igreja. No Brasil, a família de Coelho Neto, considerado o Príncipe dos Trovadores brasileiros, tenta em vão, há mais de setenta anos, retirá-lo das hostes espíritas para a qual se converteu num dia frio de junho. Mas, como aconteceu com Guerra Junqueiro, cujos amigos e escritores se uniram e uníssonos desmentiram o clero, por certo a família de Coelho Neto não há de

alcançar o seu desejo pelo simples fato de que a conversão de seu chefe não se trata de uma fantasia.

No jornal "A Voz do Espírito", edição de novembro/ dezembro de 1993, Clóvis Nunes cometeu um sério deslize ao defender os familiares do escritor Coelho Neto, considerando que sua conversão ao Espiritismo não aconteceu. A conversão teria sido um equívoco cometido pelos espíritas. Clóvis cita encontros com os familiares, documentos em seu poder e um punhado de argumentos para confirmar sua opinião. Esqueceu-se, porém, de aprofundar-se um pouco mais no assunto, para no mínimo assegurar-se da verdade antes de proclamá-la, como é conveniente a um bom pesquisador.



Coelho Neto

A notícia da adesão ao Espiritismo de Coelho Neto correu rápida na manhã de sete de junho de 1923. O "Jornal do Brasil" daquele dia trouxera a colima que ele habitualmente escrevia, só que agora com o título "Conversão", na qual o célebre escritor, como se respondesse a um repórter, narra as peripécias de seu combate ao Espiritismo, desenvolve uma história como se passasse em sua própria casa e declara-se ao final adepto da nova doutrina. Clóvis Nunes, baseado nas informações da família do convertido, diz que tudo não passou de um equívoco. Equívoco? Como? Então era um conto, uma ficção? A família de Coelho Neto afirma que sim e diz que o autor jamais teve uma filha chamada Júlia e nem uma neta de nome Ester.

Diante disso — e acreditando-se na informação da família — vamos admitir que realmente o escritor tenha produzido uma peça de ficção. Restaria uma pergunta: para quê? Afinal de contas, sua ojeriza ao Espiritismo era conhecidíssima. Faria ele, então, um conto favorável a esta doutrina, sem mais nem menos? E porque colocou o título "Conversão"? Onde foi buscar tão bons conceitos filosófico-espíritas? São perguntas que não podem deixar de ser respondidas diante da análise do texto em questão, Bem como não se pode descurar do "tom" da narrativa: firme, convincente, como se o escritor quisesse, através de um depoimento demonstrar uma nova e importante mudança em sua vida.

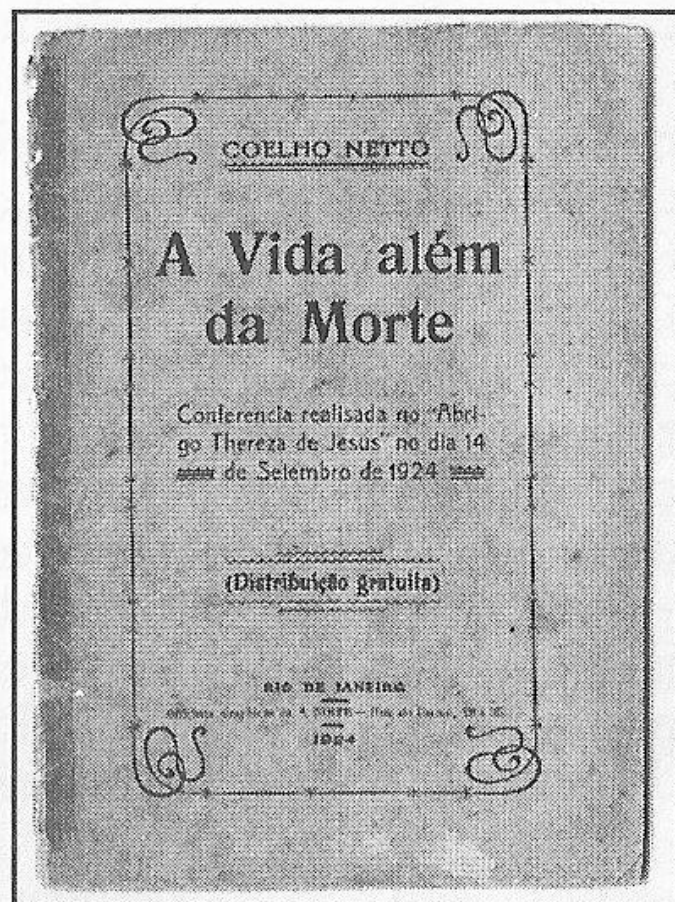
A VIDA ALÉM DA MORTE VEM REAFIRMAR

A CONVERSÃO DO NOTÁVEL ESCRITOR

A publicação de "Conversão" foi feita no dia sete de junho de 1923. Apenas 12 dias depois, a famosa revista "Verdade e Luz", de São Paulo, então dirigida pelo grande advogado Lameira de Andrade reproduzia o texto de Coelho Neto, como matéria de capa, com foto inclusive do escritor. Aquela revista, portanto, fundada no século passado por Antonio Gonçalves da Silva "Batuíra", foi a primeira a falar do assunto, pois, sua edição é de 18 de junho de 1923. Vejam bem, na capa da revista estava estampada a foto de Coelho Neto.

Entusiasmado com o fato, Lameira de Andrade escreve: "Coelho Neto, o acadêmico brilhante; o primoroso esteta das "Rapsódia", o fino estilista de "O Inverno em Flor" vem de bandear-se para o campo onde levantamos nossa tenda!" E prossegue analisando o fato em relação com o seu personagem, após o que conclui: "Perdoe-nos Coelho Neto tudo isso que a seu respeito dizemos. Não é a crítica — o que estaria além de nossa competência e em desacordo com os moldes de nossa revista. É simplesmente um reflexo do entusiasmo feliz com que batemos palmas à conversão ao Espiritismo de um dos mais formosos espíritos desta terra brasileira"

O assunto mexeu, sem dúvida, com as hostes espíritas e não espíritas. Depois de "Verdade e Luz" outros



Reprodução da capa da conferência de Coelho Neto, impressa em 1924, nas oficinas do jornal A Noite, Rio de Janeiro.

jornais e revistas espíritas trataram da conversão de Coelho Neto O fato em si era uma bomba, como também seria se Guerra Junqueiro tivesse realmente se convertido ao catolicismo romano. Se se tratasse de um simples conto em que o conteúdo nada tivesse a ver com o autor, por certo que providências teriam sido tomadas para o desmentido. Porém, não se conhece nenhuma publicação — nem sequer no "Jornal do Brasil" e menos ainda na imprensa espírita — em que ele, Coelho Neto, tenha vindo pessoalmente desdizer aquilo que hoje se diz o equívoco de interpretação dos espíritas.

Vamos em frente!

Aqui vem o melhor. Enganam-se aqueles que imaginam que a conversão de Coelho Neto ao Espiritismo tenha se baseado somente na publicação que fizera no então mais importante jornal do país! Na verdade, o próprio convertido veio, algum tempo depois, confirmar a sua adesão às idéias de Flammarion, Dellane e Bozzano. Atente-se para o fato: em 24 de setembro de 1924, portanto, quase 16 meses após a notícia do "Jornal do Brasil", Coelho Neto proferiu uma conferência no "Abrigo Tereza de Jesus", no Rio de Janeiro, à qual ele intitulou "A Vida Além da Morte". Esta conferência foi imediatamente transformada em opúsculo e distribuída a várias partes do Brasil. Tenho em meu poder um exemplar original, assim como tenho de todos os documentos aqui citados.

Ora, o autor que jamais contradisse a notícia de sua conversão, por ele mesmo publicada, foi além. Fez uma conferência longa, belíssima, numa instituição espírita e falou sobre um dos temas mais importantes e caros ao Espiritismo: a vida além da morte! Em 1940, a Livraria Allan Kardec Editora (Lake), de São Paulo, republicou em opúsculo a conferência de Coelho Neto e em 1964 tirou uma nova edição. Ambas foram distribuídas aos milhares! O livro "Escritores e Fantasmas", de Jorge Rizzini, é o único que transcreve integralmente a conferência, no capítulo sobre o escritor.

Coelho Neto começa assim: "A diretoria do Abrigo Tereza de Jesus agradeço, do mais íntimo do coração, a honra e o carinho com que, nesta piedosa casa, me recebe. A todos vós, que me ouvis, paz!" Mas, é no final da conferência que ele nos apresenta a nota mais forte, que esclarece as razões de sua conversão ao Espiritismo: a morte de um filho querido! Leia-se estas suas palavras: "Que apóstolo foi esse que pregou à minh'alma a doutrina, toda de consolo e esperança, que é hoje a base de minha fé? De onde veio o missionário suave. Não veio: foi!"

Adiante, diz o escritor: "Mancebo, não conheci outro mais forte, nem mais puro, de ânimo tão enérgico, de coração tão meigo". Mais à frente: "O atleta ali jazia traiçoeiramente derrubado, de olhos muito abertos, fitos em um horizonte inatingível à nossa visão mesquinha, horizonte de luz, limiar do Infinito, porta da Eternidade." O filho morreu! Coelho Neto quis, mas não

pôde mantê-lo ali, vivo no corpo de carne. E conclui: "Foi ele, com sua alma límpida, sublime na morte heróica, que me fez antever a vida superior...". Jorge Rizzini, no livro citado, afirma: "O romancista refere-se ao seu extremado filho Emanuel, o popular "Mano", uma das glórias do atletismo brasileiro, morto em outubro de 1922".

Finalizando: diante do exposto, a desconversão de Coelho Neto ao Espiritismo, sempre tentada por uma parcela de sua família, feita exclusivamente com base no seu depoimento intitulado "Conversão" deixa de ter sentido. Depoimento ou conto, fato ou não, a publicação do "Jornal do Brasil" tem menor importância para o caso do que a sua conferência no Abrigo Tereza de Jesus. Afinal, o grande escritor brasileiro deixou claro que o Espiritismo foi a grande conquista de sua vida, por volta dos 60 anos de idade. Coelho Neto foi, portanto, espírita!

CORES E SENSações DO MUNDO DOS ESPÍRITOS

Certas épocas do ano trazem a lembrança sensações de tristeza e recordações, dores e lamentos, saudades, medo, enfim tudo aquilo que está ligado às experiências vividas e que faz parte da cultura do indivíduo. O Dia de Finados, por exemplo, é a marca ocidental do que se acabou, do derradeiro, daquilo que não volta mais. É, também, o dia do mistério, da noite profunda, de coloração totalmente negra; depois da morte é o desconhecido, o vazio, o nada, o incerto, o descanso, a paz eterna.

No dia de finados, quase todos vão ao cemitério. Muitos, por estranha obrigação; alguns, por medo ou interesse — sabe-se lá quando se vai morrer e se neste dia haverá quem acenda uma vela para o pobre defunto? Há os que, por saudade no coração, empunham flores e velas e as depositam no túmulo, juntamente com suas preces. Não deixarão de aparecer aqueles que, por nada fazerem, lá irão para lembrar um pouco da vida fútil de tantos que já faleceram.

Nas imediações de quase todos os cemitérios do Brasil, vendedores oferecem de tudo: flores, velas, comidas, orações especiais, um mundo de coisas místicas que as pessoas acabam consumindo, útil ou inutilmente. Se naquele dia chover, será o Eterno manifestando sua tristeza; se fizer sol, melhor, mas nenhum dos rostos que forem ao campo santo haverão de estar sorrindo, porque, de qualquer modo a simples presença naquele local serve de lembrança de que a sombra da morte ronda a vida.

Esse caldo cultural faz parte de uma tradição predominantemente católica que, de uns tempos para cá, vem sendo invadida por uma nova forma de saber, transformadora e renovadora, que elimina o desconhecimento e, portanto, elimina também tudo aquilo que se forma ao redor da ignorância, da falta de saber. E a invasão do Espiritismo, que modifica as cores da morte e transforma em coisa palpável a até aqui distante vida dos Espíritos. O homem ocidental aprendeu que a morte é o fim da vida. Pois o Espiritismo demonstra que esta morte detestada não é mais do que um momento acidental na vida, um instante em que o ser muda de condições, deixa a terra e viaja rumo a um outro estágio. A vida, portanto, não se extingue, sequer teria um milésimo de segundo de parada total. O corpo físico quando expira deixa a impressão ilusória de coisa que se acaba. O ser verdadeiro desliga-se dele, abandona-o porque ele não mais serve para uso e prossegue sua existência.

Em razão disso, as cores da morte se modificam; o preto, sinônimo do mistério, do desconhecido perde importância para o Espiritismo. Agora, não só a morte não é mais um mistério como a própria situação da pessoa após

a morte deixa de ser completamente desconhecida. E por isto que a cor preta perde sua razão. Em lugar dela surgem os tons claros, as cores leves, que dão beleza e calor à nova existência.

Com o Espiritismo, as pessoas já podem ver o final do túnel. O medo da morte deixa de existir, pois, só se tem medo daquilo que se desconhece e a morte não é mais o mergulho no desconhecido. Uma vez que a pessoa olha para a frente e visualiza uma continuidade de vida, mesmo que a princípio pareça algo extraordinário e — digo mais — mesmo que há muitos céticos isso não seja mais do que uma criação da mente, a verdade é que a vida, sob a ótica espírita, já não é a mesma. Ela cresce de importância e passa a valer muito mais. Essa nova realidade modifica o comportamento do ser.

E o que se faz depois da morte? Que tipo de vida se tem do outro lado? O que somos e o que fazemos quando abandonamos o corpo físico, que os nossos familiares e amigos levam para o cemitério? Eis aí questões sobre as quais já se tem hoje noções muito precisas, como esta invasão salutar do Espiritismo. São noções novas, que modificam antigas interpretações e dão à vida uma dimensão jamais vista, além de oferecerem à pessoa uma razão muito forte para uma mudança de comportamento de tal maneira a adaptá-lo à nova realidade.

Os fatos demonstram que a vida do outro lado é, em primeiro lugar, real. Nada de sonho. Os seres são palpáveis, têm corpo, falam, locomovem-se, habitam locais definidos, enfim, possuem uma individualidade que não se acabou com a morte. Amam, choram, sorriem e vibram, como se estivessem do lado de cá, mas já agora possuem uma visão mais ampla do mundo e da vida. Têm preocupações consigo e com os amigos e familiares, ocupam-se de atividades as mais variadas, estudam e até planejam o futuro, diante da necessidade de novas encarnações.

Invisíveis aos nossos olhos, os Espíritos vivem! E como. O fio da vida não se quebra, a morte não existe, tudo o que existe é vida. O corpo, quando fica imprestável, é abandonado, portanto, a vida continua no ser que se liberta do corpo e nem por um ínfimo instante deixa de existir. Não importa o destino que se dê ao corpo, isso não tem nenhum valor para o Espírito. Assim acontece com todos os bens materiais que deixa na terra.

A idéia de vida contemplativa não cabe dentro dessa realidade. A alma ou Espírito tem uma vida dinâmica, ativa, de outra forma se sentiria inútil e não teria progresso. A vida de lá tem muita semelhança com a daqui, mas se desenvolve numa circunstância diferente, onde o pensamento tem um peso maior e mais forte. O Espírito adiantado no progresso locomove-se à força de seu pensamento e somente os Espíritos que ainda não descobriram essa força precisam de auxílio para se locomoverem. Ora usam as próprias

pernas, ora se apoiam nos Espíritos Superiores, ora, enfim, utilizam de veículos construídos para tal fim.

O mundo espiritual tem sons e cores. Assim como na terra temos dias fantásticos de sol e calor, onde a natureza brilha com toda a sua força, o mundo dos Espíritos tem os seus brilhos, seu calor e beleza naturais, e muitos dos mortais que podem vê-lo em determinadas circunstâncias — como os médiuns, por exemplo — não têm vontade de retornar à terra. Gostariam de ficar por lá e viver as delícias que aquele mundo apresenta.

A coloração, o brilho e as sensações de paz e felicidade inerentes ao mundo dos Espíritos são o resultado do clima de justiça e moralidade, das virtudes que existem nos Espíritos adiantados. Lá, não há superioridade à custa do poder econômico ou político; esse tipo de justiça, próprio da terra e assim mesmo criticado entre nós, esbarra lá numa justiça que emana da força moral: o Espírito adiantado se faz respeitar pela própria presença, sem que seja preciso fazer para isso qualquer exigência.

Eis, pois, uma visão da vida e da morte capaz de mudar o comportamento e, a partir disso, fazer mais feliz a humanidade. Ave, Kardec!

KARDEC, AS INSTITUIÇÕES

E O ESPIRITISMO

Em todos os tempos, a lei natural e a lei civil estiveram duelando; a prevalência da lei civil sobre a natural garante a segurança do homem mas não lhe permite viver em acordo com sua própria condição íntima.

A institucionalização do Espiritismo é um movimento irrefreável. Distante de sua condição natural de ser livre, o homem não mais concebe viver, progredir e expandir suas idéias senão pela criação de organismos jurídicos, aos quais as idéias de propriedade e de poder estão igualmente unidas. Esta é a razão pela qual se vê surgirem sucessivamente instituições espíritas no país.

lá Rousseau dizia: "...aquilo que o homem perde pelo contrato social é a sua liberdade natural e um direito ilimitado a tudo o que ele tenta e que pode atingir; o que ele ganha é a liberdade civil e a propriedade de tudo o que possui". As instituições cumprem no devido tempo a afirmação do notável francês.

Ao abrigarem os homens, as instituições realizam uma inevitável troca: para compensar a segurança que lhes oferece limitam-lhes a liberdade. Nas instituições, o homem não é senhor de si; está submetido aos postulados plenamente aceitos pela maioria. Mas a condição talvez mais degradante da liberdade imposta pela instituição está no controle das opiniões dos homens que pertencem à instituição.

Uma vez inscrito em seu quadro, o homem com prazer passa a pertencer à instituição; a sua voz deixa de ser "sua" para ser "dela"; não pode, portanto, negar sintonia com os objetivos da instituição, porque, aí, terá princípio a dissolução dela. Para controlar eficazmente isso, a instituição se distribui por todos os seus compartimentos e, até, além deles: todos os seus membros são, também, eficazes vigias, treinados pelo documento maior, o código civil, no qual se estribam para justificar o controle.

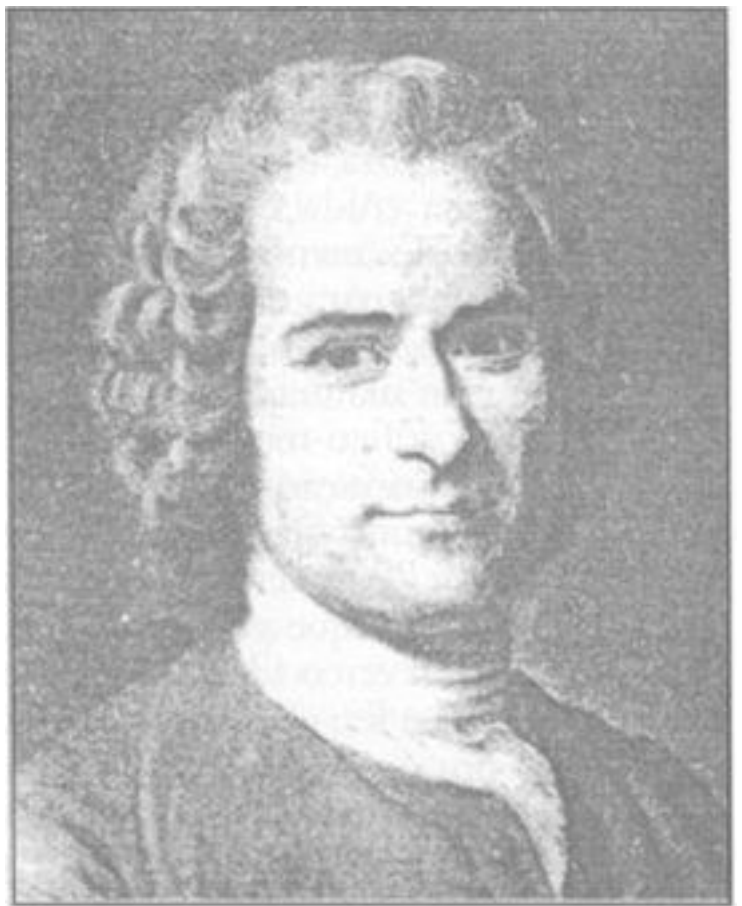
As instituições castram, repetindo Rousseau, a liberdade natural, mas compensam plenamente com a oferta de segurança, à qual somam inúmeros benefícios, todos transitórios, é verdade. A compensação parece ser suficiente, porque cada vez mais o homem prefere estar sob as asas da instituição a carregar nos ombros o desafio de atingir objetivos por si mesmo. Assim, dentro de uma instituição espírita, submetida ao código civil, o homem vive um duplo desafio: a doutrina propõe que ele aprenda a caminhar com suas próprias pernas, mas a instituição o leva à dependência de suas leis e normas, o que resulta em dependência quanto ao futuro.

Aqueles que conseguem sobrepor-se ao parasitismo intelectual naturalmente desenvolvido na instituição será mais capaz de vencer o desafio e desamarrear-se dos laços que o prendem à instituição; os que não forem suficientemente capazes disto estarão na dependência daquilo que a instituição, como ser coletivo, for capaz de conquistar por ele. Mas, aí, esbarra no seguinte: nenhuma instituição pode obter conquistas individuais, pois o ser coletivo não se rebaixa ao nível do ser particular.

Outro aspecto inevitável das instituições é que elas conseguem "conscientizar" seus membros a pensarem nela como guardiã deles mesmos. E conscientizados, passam eles a terem para com ela a relação edipiana, segundo a qual os homens têm plena certeza de que ela, a instituição, é a mãe desvelada, mas também a amante insubstituível. Servindo-me ainda de Rousseau, diria que, por isso mesmo, "logo que esta multidão se reúne em um corpo,

não se pode ofender a um dos membros sem atacar o corpo, e ainda menos insultar o corpo sem que os membros se ressintam".

A instituição, por consenso, c soberana, está acima de todos os membros; ela se municia desta força para manter a fraternidade. Chega-se a dizer que a fraternidade só pode existir com todos concordando com as leis da instituição; aqueles que discordam devem ser punidos com a exclusão, para não prejudicar a maioria. A fraternidade aí não consiste no sentimento expansivo, advindo da condição qualitativa da palavra; fraternidade é, então, substantivo concreto c como tal significa a própria instituição.



Jean-Jacques Rousseau, idealizador do contrato social.

Tal supremacia se transforma, nas instituições formadas para disseminar ideais filosófico-morais, na própria mordaça dos ideais; uma vez que a verdadeira filosofia de conseqüências morais está em íntima relação com a lei natural, somente o homem em perfeito convívio com a lei natural pode compreendê-la; o membro das instituições não dispõem desta condição.

Neste aspecto é que se pode compreender porque certas instituições desenvolvem naturalmente o sentimento exaltado de amor incondicional a ela mesma, por parte dos seus membros. O ponto máximo desse amor é a paixão fanática, destruidora momentânea do raciocínio. E a relação edipiana cuida de dar as cores definitivas ao comportamento dos membros quando se trata de defender a mãe-instituição: para eles, só existe justiça quando a mãe é colocada acima de qualquer parte discordante de seus códigos e de sua manifestação.

Os ideais filosófico-morais também se submetem às leis internas da instituição: antes deles foram estabelecidas as leis c as leis a tudo regulam, inclusive a disseminação dos ideais. E se os ideais derem margem à má interpretação da lei interna será porque a lei não foi bem compreendida. Deve-se, então, rever o ideal, mesmo porque o ideal é mais elástico que a lei: ele sempre permite acomodações, a lei, não.

Os membros que não servem para a instituição devem ser excluídos; neste caso, precisam procurar outra instituição. Caso prefiram ficar à margem de qualquer uma delas serão tomados por insociáveis pelos membros das

instituições, assim como são insociáveis aqueles que jamais aceitaram pertencer a qualquer instituição. E todos os insociáveis de uma sociedade são vistos como inimigos, que podem pôr em risco as instituições. Eis o consenso que demonstra que a idéia de instituição é tão forte na sociedade que o homem não concebe viver fora dela.

Toda esta visão se aplica por completo às instituições qualificadas por espíritas. Não podem elas fugir desta realidade porque os seus membros são antes de mais nada seres humanos, culturalmente formados para a vida institucionalizada. Devem, pois, espontaneamente reproduzir na instituição as leis e o comportamento próprio dela. Com isto, terão garantida para si a segurança de que precisam para se locomoverem no terreno espiritual.

A severidade das leis da instituição não é mais branda por ser ela declarada espírita. É tão forte quanto em qualquer outra instituição. Não pode ser diferente. Antes de ser criada a instituição fez-se o código civil. Assim, portanto, ela, a instituição não foi feita para a doutrina, mas a doutrina foi feita para ela. As normas internas, reguladoras da vida dos membros, estão acima de qualquer suspeita e devem ser obedecidas. Aí não se conta com interferências doutrinárias, que são, afinal, interferências idealísticas, elásticas, acomodáveis. As leis da instituição são eficazmente mais rígidas.

Na instituição espírita, os membros têm acesso ao ensino do ideal, mas o ideal submetido à lei interna. Não há possibilidade de convívio de duas leis, divergentes entre si, no mesmo ambiente. Assim, o ensino do ideal tende a acomodá-lo ao código interno e o membro deve compreender o ideal segundo os referenciais do código interno. A dúvida não pode existir quando se trata de matéria disciplinadora, para que a instituição não corra riscos. E a maioria das dúvidas acaba por ser enquadrada entre as matérias disciplinadoras.

A compensação para as dúvidas está na aceitação da maioria; esta, por constituir o poder, tende a acomodar as dúvidas e a transformar-se em garantia para todos. O grupo deve acreditar que todos estarão juntos em futuro mais ou menos próximo, e seguramente em condições melhores que as atuais. Desta crença nasce um estado de paz interna e o aumento do sentimento individual de segurança. Sim, porque a própria segurança pode ser vista de duas maneiras: uma é a forma pela qual é oferecida; ela, aí, apresenta uma medida; outra é a maneira pela qual é sentida por cada um dos membros.

A lei natural está contida na Codificação. Mas a lei natural não está na instituição. Nesta, já o disse Rousseau, o homem a perde para ganhar a liberdade civil. E, pois, tremenda contradição pretender ensinar lei natural em ambiente artificial. A prática fica contraditada pela falta de condições

reais de experimentação. Já a lei civil torna-se mais fácil manter, por estar mais de acordo com a cultura geral dos membros.

Liberdade natural e liberdade civil tornam-se, pois, dois movimentos. Se a lei interna da instituição não prevalecer, estes dois movimentos poderão desencadear uma luta e alcançar uma verdadeira guerra. É preciso, assim, fazer prevalecer a lei interna e assegurar a continuidade da instituição.

A lei natural é provocadora; é, por natureza, revolucionária. Em todos os tempos ela provocou o desequilíbrio de forças. E nada pior para a vida de uma instituição que o desequilíbrio de forças, que a colocaria em perigo, e aos seus membros, e ao ideal. Jesus representou a lei natural. Mas, a paz do homem pedia segurança e segurança somente com a institucionalização. Kardec fez retornar a lei natural. Ainda uma vez pede o homem segurança. O caminho, pois, inevitável é a institucionalização, já que sem ela não há segurança e sem segurança o homem não crê em quase nada... O Cristo ensinou a deixar ao amanhã as suas preocupações; este comportamento é coerente com a lei natural. Kardec reforçou o ensino mostrando a influência dos Espíritos e o entrelaçamento dos fatos. Conquanto pareça entender isto, o homem põe à mostra sua insegurança ante a prática perfeita destes conhecimentos e, por isso, se abriga sob as asas das instituições para obter segurança.

A instituição se reforça na mente dos espíritas quando estes a vêem reproduzida no espaço espiritual na forma de Colônias, que se mostram bem mais terrenas que espirituais, com seus códigos civis e normas operacionais. O retrato que se faz delas é sintomático em relação à segurança, porque dispõem as Colônias de todo um aparato para defender seus habitantes. E quanto maior for o perigo por que passam, maior é a força dos aparatos de defesa.

Segurança e paz são, assim, indissolúveis. Todo perigo significa possibilidade de perda da paz. Toda segurança significa garantia de manutenção da paz. A lei natural, todavia, oferece perigos porque exige participação, integração do indivíduo com a natureza. A paz aí parece

muito distante, quase uma quimera. Fica, pois, mais fácil ao homem optar pela paz da instituição e criar todas as condições aparentes de felicidade para justificar a instituição.

Assim, tem o homem espírita dois caminhos: manter-se à parte das instituições ou integrar-se a qualquer delas. Neste último



caso, deve empreender esforços no sentido de melhorar ao máximo a vida dentro das instituições, para que o ideal realize ali o melhor que for possível. Tudo o mais haverá de conquistar quando estiver acima delas e em condições de liberdade natural.

Vinícius:

pela liberdade de pensamento.

TRATAMENTO DAS DIVERGÊNCIAS

"Os estúpidos, — dizia Camilo Castelo Branco — guerreiam barbaramente o talento". E complementava: "são os vândalos do mundo espiritual".

Pedro de Camargo, que ficou conhecido por Vinícius, num discurso de grande profundidade pronunciado em um centro espírita da capital paulista, por volta de 1950, afirmou que a liberdade de pensamento é uma das grandes bandeiras do Espiritismo. Por isso mesmo, entendia ele que as divergências não prejudicavam a doutrina, como queriam alguns; antes, davam a ela a dinâmica que a enriquecia.

Como, porém, compreender as divergências naturais em uma casa espírita? E, mais do que isto, como conviver com elas sem ferir os princípios de liberdade que o Espiritismo preserva? Este é um dos desafios que os homens ainda precisarão provar que praticam.

Toda instituição espírita tem dois códigos internos: um é a sua carta maior, o Estatuto, pelo qual orienta-se em consonância com as leis do país; o outro é a Doutrina Espírita, presente nas obras da Codificação. Costuma-se unir parte da doutrina ao Estatuto, como forma de definir rumos, mas isto não elimina o fato de que as duas são códigos distintos e atuam no centro espírita.

A princípio, os dois códigos não se misturam, mas costuma-se recorrer a ambos quando se tem necessidade de defender idéias divergentes. O Estatuto, porém, é um instrumento cuja força difere da doutrina, por permitir certas atitudes drásticas em relação ao desentendimento. Ele oferece poderes de mando e às vezes de desmando, cujas conseqüências podem ser amplamente prejudiciais à liberdade.

Sendo a casa espírita o local por excelência da vivência dos princípios doutrinários e sendo natural que as pessoas desenvolvam seus

pensamentos nem sempre convergentes, o desafio da liberdade se faz permanente, impondo aos homens uma conduta coerente com o ensino do Espiritismo.

As razões das divergências jamais serão motivos suficientemente capazes de justificar os atos de intolerância. Não há dúvida de que boa parte delas, se bem analisadas, permitiriam perceber a possibilidade de convivência continuada. Ocorre que isto implica em ter os divergentes convivendo lado a lado, coisa nem sempre admitida.

Quando, portanto, o homem recorre à lei maior da casa espírita, o Estatuto, para excluir os divergentes, quase sempre o faz sob a capa da justiça, sem nenhuma dúvida. Mas, justiça dos homens! Se recorresse, antes, aos códigos doutrinários, verificaria que eles vão desembocar na solidariedade, tolerância e fraternidade, implicando dizer que certas medidas drásticas, do ponto de vista da lei civil, seriam evitadas até que não houvesse, de fato, outra alternativa.

Veja bem: quando recorre ao Estatuto, o homem está reafirmando aquilo que Rousseau dizia, ou seja, que código civil prepondera sobre a liberdade natural. Implica dizer que o Estatuto acaba sendo mais importante que o código doutrinário, situando-se, pois, acima deste último, o que, para nós, espíritas, é sumamente preocupante.

Lamentável é quando o homem, no meio espírita, reproduz as atitudes injustas do meio social e concebe alimentar uma lista de irmãos excluídos, apenas porque pensam diferentemente dos modelos oficialmente aceitos. E, muito pior ainda, é quando inclui nesta lista criaturas exemplarmente produtivas, num combate surdo contra o talento e não contra a infidelidade. Caímos aí na dura assertiva do ilustre intelectual português que, depois de morto, ganhou uma respeitável presença nos meios espíritas!

A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA DO MOVIMENTO ESPÍRITA NOS CURSOS DOUTRINÁRIOS

Houve um tempo em que o movimento espírita discutia, com bastante ênfase, a oportunidade da criação nos Centros Espíritas dos "Cursos Regulares". E conhecida a posição contrária de muitos dirigentes espíritas, que agiam principalmente até meados do presente século, no sentido de não permitir que tal

fato viesse a acontecer, entendendo que o ensino regular da doutrina seria um elemento desfavorável

à sua propagação. Pensavam estes que qualquer conhecimento doutrinário deveria ser adquirido através de esforços individuais, com um apoio mínimo do Centro

Espírita, através apenas de palestras, estudos não sistematizados, livres, portanto, realizados de maneira aleatória.

Contrários a eles, haviam aqueles que entendiam, baseados inclusive em afirmações de Allan Kardec, que o ensino regular viria a proporcionar enormes avanços na divulgação doutrinária e, mais do que isso, na compreensão precisa do Espiritismo. Bezerra de Menezes, como se sabe, tentou materializar este pensamento, criando na Federação Espírita Brasileira um curso regular em fins do século passado, sendo, porém, desestimulado pela falta de interessados no assunto.

Cerca de meio século se passou, até que, em 1950, estes cursos se estabeleceram em São Paulo, tendo no Sr. Edgard Armond um de seus defensores e principais responsáveis. Timidamente, a princípio, e depois com certa rapidez, os cursos regulares se firmaram, espalhando-se em muitas casas espíritas. Estava, pois, vencida a batalha de sua introdução. Pouco a pouco, todas as resistências foram superadas e, em seu lugar, surgiram outras solicitações: ao invés da postura contrária apareceram propostas de ensino regular levando em consideração as circunstâncias especiais de cada casa doutrinária, sua posição geográfica, a cultura e o grau de conhecimento dos freqüentadores, etc. A necessidade de observar com rigor os postulados espíritas no ensino apareceu como bandeira, desfraldada por espíritas de peso, entre eles, Herculano Pires, que condenavam desde a disposição de serem distribuídos certificados de conclusão dos cursos, pela sua inoportunidade e pelos riscos que tal fato acarretava, até a introdução nos mesmos não só de termos como do conhecimento esotérico.

A nenhum adepto de bom senso pareceria de bom alvitre o curso diplomar, por exemplo, um médium; mas, existiam aqueles que, motivados pelo ensino leigo, entendiam que tal certificado não traria nada de negativo para a doutrina. Etapas como essa também foram vencidas. As campanhas contra pensamentos dessa natureza tiveram êxito, reduzindo ao silêncio (parece que definitivo) os bem intencionados defensores do diploma e que tais. Entramos, pois, em outra fase: a da expansão dos cursos regulares com mais força e do aparecimento de propostas de cursos em diversos pontos do movimento espírita nacional. Alguns mais refinados, outros mais populares, o fato é que a questão interessou inclusive o Plano Espiritual, que em algumas ocasiões remeteu mensagens de estímulo e de crítica.

Estímulo a que os cursos regulares pudessem interessar a um número cada vez maior de pessoas; crítica, nos momentos em que, por exemplo, o perigo da elitização rondava estes cursos, através de propostas vindas de fontes bem intencionadas mas sem o devido cuidado.

Entramos, finalmente, numa fase também importante

— a da preocupação com o aprimoramento da parte programática dos cursos, tendo em vista diversos fatores, entre eles, o de oferecer aos estudiosos uma visão realista e não deformada da História do Movimento Espírita. Realista, por ser necessário informar sobre os caminhos do movimento sem valorizar as cisões ou mitificar os personagens proeminentes dessa história; mostrar os percalços sem negar a oportunidade de conhecimento de quaisquer deles; analisar os caminhos com a preocupação de conhecê-los em seus aspectos variados; enfim, fazer conhecer a história para que ela valorize a postura individual e coletiva dos participantes do curso.

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO ESPÍRITA

NOS PROGRAMAS DE ENSINO

Uma rápida observação sobre os diversos programas de ensino do Espiritismo nos cursos regulares nos mostrará dois aspectos relevantes: a total ausência do elemento histórico, de um lado, e a sua redução a fatos e personagens isolados, de outro. Não importa analisar as razões desse fato, mas, aí sim, o que disto resulta para os participantes.

A total ausência do elemento histórico pode ser observada nos programas em que o ensino espírita parte da valorização de informações coletadas nas obras básicas, sem qualquer preocupação com as raízes dos fatos que deram origem ao Espiritismo (quando muito, há repetições de lugares comuns) nem, com o seu desdobramento na França e além-fronteiras, principalmente no Brasil. Ao participante do curso passa-se a falsa noção de que o antes e o depois são questões desnecessárias. Assim, quando este indivíduo conclui o curso — ou mesmo no andamento deste — e se põe no trabalho doutrinário, vê-se de frente com fatos e situações inusitados e para ele às vezes chocantes, podendo levá-lo até mesmo à desistência de continuar no movimento.

Talvez tão grave quanto isto seja o ensino da história do movimento (muitas vezes confundida com História do Espiritismo), com base em fotos isolados e personagens de destaque. Por exemplo, em alguns cursos (e até em palestras isoladas), a figura de Bezerra de Menezes é tratada com tal descaracterização que acaba por ser apreendida pelos participantes como se Bezerra não tivesse vivido na terra e fosse um ser divino. No mesmo caminho seguem outros personagens e fatos diversos. Distante pelo tempo do foco dos acontecimentos, o participante é levado a ter uma imagem irreal tanto dos fatos quanto dos personagens. Se, a partir daí, tenta incorporá-los a sua vida, tomando-os como paradigmas, pode se ferir gravemente ao chocar-se com uma realidade para a qual não foi preparado ou mesmo alertado.

Embora inexistam pesquisas sobre o assunto, experiências inúmeras demonstram que ex-participantes de cursos doutrinários, tão logo se puseram a campo, ficaram perdidos no emaranhado de situações totalmente desconhecidas para eles. Situações, bem entendido, não doutrinárias mas de caráter estritamente do movimento espírita.

A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA DO MOVIMENTO ESPÍRITA

A história do movimento espírita, que tem início no primeiro imediato momento do lançamento de "O Livro dos Espíritos" e se desenrola até os nossos dias (no Brasil ela começa com a chegada das primeiras notícias da existência da doutrina) é um conjunto de fatos e personagens, em seqüência de acontecimento, que mostra o uso, pelo homem, dos novos conhecimentos. A apreensão e a aplicação desses conhecimentos vai levar os indivíduos a se tornarem adeptos e a multiplicarem a sua propagação, seja através do anúncio da existência desses novos conhecimentos, seja através da criação de grupos informais e formais de estudo da doutrina.

A História do Movimento Espírita, que em muitos momentos se mistura com a própria História do Espiritismo, é a demonstração clara da relação do homem com a doutrina e o meio em que vive. A partir do momento em que adere aos novos conhecimentos, o indivíduo passa a usá-lo como

instrumento de modificação da sociedade. A forma como o faz dá surgimento a uma nova história, ou uma nova parte da história — é a História do Movimento Espírita.

Um olhar objetivo para essa história resulta, para quem o faz, numa oportunidade de compreensão dos limites do próprio homem e pode, com certeza, levar muitos a romperem com esses limites, que é a finalidade maior da Doutrina Espírita. O conhecimento dessa história leva, no mínimo, a uma visão realística dos caminhos do homem, o que implica em viver e praticar a doutrina, divulgá-la e ensiná-la com os pés fincados e bem firmes no solo.

CONCLUSÃO

O Ensino Regular do Espiritismo se encontra, segundo pensamos, num ponto em que questões como a História da Doutrina Espírita e História do Movimento Espírita não podem ficar ausentes do estudo, bem como não podem ser manipuladas ou apresentadas no seu foco parcial ou deformado, sob pena de se ensinar Espiritismo de maneira incompleta, portanto, prejudicial ao participante e, por conseqüência, ao futuro do Espiritismo.

Compete, pois, a todos aqueles que estão, de uma forma ou de outra, ligados à área da Educação Espírita, propugnarem pela melhoria do ensino espírita nas casas doutrinárias, a partir da preocupação com o aspecto histórico e com os demais aspectos que, por qualquer razão, se encontram ausentes dos programas de ensino. Somente uma consciência mínima desta realidade poderá levar à superação de determinadas barreiras, assentadas muitas vezes em interesses de grupo, que dificultam a que a história faça parte dos currículos dos cursos doutrinários. Mais do que qualquer outro indivíduo, o espírita deve ser aquele que não teme o passado, o presente ou o futuro. Como, aliás, o cristão idealizado pelo Cristo.

NO MOVIMENTO ESPÍRITA

Embora nem sempre perguntem objetivamente, está no interesse dos dirigentes espíritas saber, sobre as entidades federativas do movimento espírita, as seguintes questões: como elas surgiram? por que foram criadas? qual o seu verdadeiro papel no movimento espírita? A resposta a estas questões é a chave para o relacionamento entre centro espírita e federativas.

O estudo da História do Espiritismo, como de qualquer ramo do conhecimento humano, é de vital importância para a compreensão doutrinária. Nela estão inseridos o homem e sua atuação, os princípios e seu surgimento, a realidade cultural e social, enfim, elementos que explicam os fatos e facilitam o seu entendimento. Muitos dos acontecimentos que às vezes parecem obscuros ou não apresentam explicações claras podem ser resolvidos à luz da história.

Em razão disso, vamos fazer um retrospecto no tempo, para buscar as raízes do movimento espírita brasileiro e, enfim, poder compreender com maiores detalhes esta árvore que hoje abriga, a milhões de pessoas, principalmente no Brasil. É preciso esclarecer que não pretendemos, neste estudo, entrar nas minúcias de todos os fatos, pela sua impossibilidade e pela impropriedade que isto significaria aqui. Vamos passar em revista alguns acontecimentos importantes, analisar os personagens neles envolvidos e sacar daí razões que possam beneficiar o nosso trabalho dentro das casas espíritas.

É preciso, também, esclarecer que vamos apresentar fatos que muitas vezes chocam com aquilo que gostaríamos de ver. Nós não criamos estes fatos, antes, eles existiram e falam por si: são, portanto, críticos. Com isto, não temos intenção de agredir aqui e ali, muito menos temos interesse de diminuir esta ou aquela instituição. Os fatos, vistos por seu prisma verdadeiro, por mais chocantes que sejam sempre possibilitam a melhoria do conhecimento doutrinário e de sua prática no centro espírita. Pior acontece com aqueles que, colocados em postos de comando, não querem saber dos acontecimentos; preferem ignorar o passado, como se o presente não fosse o resultado da ação do homem.

Desconhecer o passado pode significar, quando pouco, a má concretização do ideal doutrinário e, na melhor das hipóteses, a sua prática imperfeita, incompleta ou deficiente.

AS RAÍZES DO MOVIMENTO

ESPÍRITA BRASILEIRO

Não se pode precisar, com segurança, quando e de que modo a Doutrina Espírita aportou no Brasil. A coisa mais correta a esse respeito talvez seja mesmo o verbo aportar: o Espiritismo aqui chegou, sem dúvida, viajando de navio, na segunda metade do século passado. Imperava no País, principalmente na Corte, a influência da cultura francesa. Tudo o que vinha de Paris era considerado de classe superior. A música, a literatura e o teatro. O Espiritismo, codificado a partir do trabalho de Kardec, era também um dileto filho francês. Deu-lhe bem cedo boas vindas a intelectualidade cabocla.

A cultura indígena estava praticamente abafada. A Igreja Católica espalhou seus tentáculos por todas as partes. Os negros caminhavam para a consolidação do sincretismo de suas crenças com os ídolos católicos. Várias entidades espirituais africanas estavam perfeitamente identificadas com os santos romanos e a essência da religião negra, inclusive seus cultos através do comportamento mediúnico e da crença reencarnacionista, corriam então menor risco. Houve, sem dúvida, uma certa cumplicidade do clero com a manutenção das concepções e práticas negras, uma espécie de acordo mudo com o senhorio, de tal forma que as três partes envolvidas pudessem de alguma forma manterem-se vivas.

Foi nesse ambiente que o Espiritismo se estabeleceu: chegou, convenceu, criou fama, foi fortemente combatido, sofreu influências, permaneceu e alcançou os dias atuais. O primeiro dado conclusivo que se pode tirar é este: o Espiritismo chegou ao Brasil pelas portas da intelectualidade e com o aval do berço francês. Só mais tarde ele alcançaria as classes mais baixas da escala social, até fixar-se como uma doutrina da classe média brasileira.

Engana-se quem imagina que os fatos espíritas só aconteceram a partir da vinda da doutrina. Absolutamente. Antes mesmo de aqui chegar o primeiro passageiro com O Livro dos Espíritos na mala, já muitos acontecimentos chamados fenômenos mediúnicos ocorriam em locais isolados, muitos deles freqüentados por criaturas dispostas a tirar conclusões sérias.

Parte da intelectualidade assumida apresenta dois aspectos conflitantes: é arrojada, de um lado, e presunçosa, de outro. Para muitos daqueles que retornariam da Europa tocados pelo pensamento kardequiano pouco se lhes dava se o clero se opunha a esse pensamento. Eis aí a demonstração do arrojo. De outra parte, essa intelectualidade não titubearia em criar apêndices para o pensamento kardecista, na presunção de possuir poder

para tal. Essa ousadia precoce não demoraria a trazer certos desentendimentos para o coração da nova ordem de sociedade que viria a ser formada. Mais tarde, fato semelhante vai ocorrer com a popularização da doutrina: a classe menos esclarecida, em virtude de suas concepções religiosas e de seus preconceitos, acaba por mesclar a prática doutrinária com ídolos e comportamentos totalmente contrários aos princípios kardecistas. Atualmente, um dos pontos de maior debate reside exatamente neste aspecto. Se a origem francesa era como que um passaporte para a entrada no País de tudo o que nossos navios traziam, é certo que muito daquilo que vinha de além mar não correspondia à fama. Pouco depois de Kardec, aqui chegou a doutrina de Roustaing, envolvida da mesma aura novidadesca. O pensamento do Codificador a seu respeito não veio junto, sequer poderia ser conhecido. Mais tarde foi até posto de lado. Bem ou mal, Roustaing se estabeleceu e já na chegada instaurou divergências, sendo com toda certeza a primeira grande divergência do movimento espírita brasileiro. Esta é a segunda conclusão a que se chega. A divergência é tão profunda que vai ultrapassar os tempos, alcançando os dias atuais.

E importante relatar estes fatos porque eles vão influir decisivamente nos destinos do movimento espírita nacional, desde as instituições primeiras que aqui se formaram até os mais letrados pensadores da doutrina dos nossos dias. A Federação Espírita Brasileira, por exemplo, fundada em 1884, acabará se constituindo no principal reduto do pensamento roustaingista. Seu Estatuto vai chegar ao ponto de estabelecer como condição "sine qua non" para o associado ascender a cargos diretivos, a sua crença na doutrina de Roustaing.

Esse tipo de posicionamento, em defesa de teses discutíveis, se encontra na liberdade doutrinária um ponto de apoio, de outra parte acaba sendo fator de enfraquecimento da instituição perante o próprio movimento espírita. E acabará por definir um rumo dicotômico para este movimento — atualmente há as Federações estaduais a favor de Roustaing e aquelas que não o aceitam. Em alguns outros aspectos, fatos semelhantes acontecerão.

O APARECIMENTO DAS FEDERAÇÕES

1884. Rio de Janeiro, Capital da República, sede da cultura nacional, centro de todas as atenções do País. Aparecia a Federação Espírita Brasileira, criada a partir do desejo de alguns espíritas cariocas de unir fraternalmente as sociedades espíritas, entre eles o fotógrafo Augusto Elias da Silva, que no ano anterior havia fundado a revista "Reformador", a qual passou a ser órgão da própria Federação, desde então.

Antes da Federação várias dissidências haviam sido registradas no principiante movimento espírita brasileiro. O primeiro agrupamento espírita juridicamente legalizado no Brasil, de que se tem notícia, foi o Grupo Confúcius, criado no Rio de Janeiro em 1873. Durou pouco: menos de três anos. Divergências internas levaram ao seu fracasso. Depois foram surgindo outras: Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade; Sociedade Espírita Fraternidade, União Espírita do Brasil etc.

Por um bom período, duas instituições desenvolveram atividades paralelas de filiação de entidades espíritas: a União Espírita do Brasil e a Federação Espírita Brasileira. Ambas no Rio de Janeiro. Por fim, e não sem muitos traumas, venceu a Federação. Recorde-se que ao nascer, tanto a União Espírita do Brasil (1882) quanto a Federação Espírita Brasileira (1884) tinham por finalidade reunir debaixo de uma só bandeira os centros e sociedades espíritas do País. Só mais tarde, já neste século, estando a Federação consolidada do ponto de vista político e econômico, é que ela vai se dedicar ao trabalho junto às Federações estaduais. Note-se, ainda, o detalhe: a Federação não surgira do interesse de organização dos centros existentes, mas do desejo de alguns espíritas, individualmente, saídos por divergência, de outros grupos e que se reuniam na residência de Augusto Elias da Silva.

As lutas internas no insipiente movimento espírita de então, sempre em busca de supremacia de um grupo sobre outro, fez com que o ideal de união das sociedades espíritas permanecesse letra morta por um longo período. A Federação, já com Bezerra de Menezes à frente, não se entendia com o grupo da Fraternidade, nem com a União Espírita do Brasil e assim por diante. Eis que Frederico Júnior, na Fraternidade, recebe uma mensagem de Allan Kardec, intitulada "Instruções aos Espíritas do Brasil", que provoca grandes discussões no movimento. Sob o comando Bezerra, resolveu-se fundar uma nova sociedade, com incumbência federativa, tendo o apoio da Federação e outros grupos, exemplo esse que será mais tarde repetido em São Paulo, na fundação da USE. Durou pouco a nova instituição. Ficou Bezerra nela abandonado.

Passaram-se os anos. Em 1904, no Rio de Janeiro, a Federação Espírita Brasileira resolve comemorar o centenário do nascimento de Allan Kardec, e para tanto organiza um programa de três dias. Convida as sociedades espíritas do Brasil para estar presente. Na qualidade de Federação

estadual então existente, apenas a do Amazonas comparece, na pessoa de representantes nomeados. De São Paulo, participou o português Antonio Gonçalves da Silva "Batuíra", figura exemplar e que dirigiu na época o maior agrupamento espírita do Estado, juntamente com o jornal "Verdade e Luz", por ele fundado.

Uma decisão tomada então vai ter importância decisiva nos destinos do movimento espírita brasileiro: ficou estabelecido que se fariam esforços para a fundação de federações estaduais nos "moldes da Federação Espírita Brasileira". Isso significa que os fatores positivos e negativos da Federação passariam para as que fossem fundadas, inclusive a questão polêmica do roustainguismo. Foi o que se deu. Além disso, prosseguiria o sistema de fundar federações através de gestões individuais e não coletivas.

Atualmente, temos no Brasil as federações que aceitam Roustaing e aquelas que não o aceitam.

CRIADAS PARA UNIR O MOVIMENTO, AS FEDERAÇÕES NEM SEMPRE CUMPREM SEU PAPEL

Grande parte das dissensões iniciais, em relação a organismos como a Federação Espírita Brasileira, era resultado da luta pelo poder. Esta questão permanece nos dias atuais, mas já não se constitui em aspecto principal. Vencida esta etapa, à medida em que a consciência dos dirigentes espíritas se abria para a importância da unificação, passou-se a cobrar das federações uma atuação mais precisa. Assim, em princípios da década de 30, vozes se levantavam de várias partes do País, principalmente das regiões Sul-Sudeste, clamando por uma presença eficaz da Federação Espírita Brasileira junto ao movimento. A federação havia praticamente abandonado os seus deveres junto a este movimento, preocupando-se acima de tudo com questões de sua própria sobrevivência. Postados no pedestal de Casa Mãe, os dirigentes da Federação não davam ouvidos às reclamações, até que se iniciou um movimento contrário, que aos poucos foi tomando forças e acabou desembocando na realização de uma Assembléia Nacional Constituinte, no Rio de Janeiro, em 1926, voltada para a organização do movimento espírita brasileiro, fundando-se na ocasião a Liga Espírita do Brasil.

A notícia da realização próxima daquele evento fez os diretores da Federação saírem da inércia. Em oposição à Constituinte, ela convocou uma reunião para o mesmo ano e na mesma cidade, onde compareceram representantes de instituições espíritas, ocorrendo assim, a primeira reunião do Conselho Federativo, onde se propôs a dinamização do movimento espírita nacional. A Federação tratou de cooptar os principais elementos que levaram avante a Constituinte e por sua influência a Liga Espírita modificou seus objetivos iniciais, entregando-se às diretrizes da Federação e, mais tarde, transformando-se na entidade federativa estadual do Rio de Janeiro. Estava vencida, assim, mais uma etapa na vida da Federação e podia ela, mais uma vez, respirar aliviada.

Amainados os ânimos, rendidas as resistências, não tardou a Federação a retornar ao estado de inércia anterior, no que diz respeito à direção do movimento espírita brasileiro. O aparecimento do médium Chico Xavier e seu primeiro livro, Parnaso de Além Túmulo, constitui para a Federação uma razão mais forte de atuação: a área do livro, que ela já vinha desenvolvendo a duras penas há vários anos, recebe uma injeção forte. E onde ela concentra suas energias.

A maioria das Federações estaduais seguem-lhe os passos, no que diz respeito ao movimento regional, ou seja, quase nada realizam em prol dos centros filiados, apesar do número restrito destes. Falta-lhes uma visão real daquilo que deveriam realizar. Suas atividades se restringem a reuniões de diretorias, onde boa parte dos diretores quase nunca aparece, e à luta para pagar aluguéis e outras despesas de sobrevivência. Vale observar que as diretorias destas federações eram compostas quase sempre por pessoas de nome na sociedade, mas cujo verdadeiro ideal espírita ainda não as havia alcançado. Portanto, elas davam mais atenção aos seus compromissos sociais e profissionais do que ao comparecimento na instituição.

EM SÃO PAULO, O DINAMISMO NÃO IMPEDE

A OCORRÊNCIA DE VELHAS DEFICIÊNCIAS

A doutrina cedo alcançou São Paulo. E não tardaram a surgir figuras de proa, tomando para si a tarefa de sua divulgação. Uma delas foi um português autodidata, amigo dos estudantes da famosa Faculdade de Direito do Largo São Francisco, veloz nas pernas e no pensamento. Seu

nome: Antonio Gonçalves da Silva. O apelido: Batuíra. Depois dele, inúmeros outros marcariam o movimento espírita bandeirante.

Não se sabe até que ponto as decisões tomadas em 1904, no Rio de Janeiro, se materializaram em São Paulo. Em 1916, surgiu uma estranha instituição, fundada por outro português, Antonio José Trindade, com o nome de Sinagoga Espírita São Pedro e São Paulo. Dois anos após, passa a chamar-se Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, em virtude de uma cisão interna, que separou os seus diretores. E após ela, a Liga Espírita, a União Federativa e a Federação Espírita do Estado de São Paulo (Feesp).

É curiosa a história da Feesp. Em 1926, dirigia a revista Verdade e Luz, sucessora do jornal Verdade e Luz, fundado por Batuíra, o dr. Lameira de Andrade. Motivado pelo movimento da Constituinte Espírita e vendo o Espiritismo em São Paulo padecendo dos mesmos males do brasileiro, Lameira resolve, com o apoio de alguns dirigentes de centros espíritas, fundar na Capital a Federação Espírita do Estado de São Paulo, o que de fato consegue. Mas, durou pouco esta primeira Feesp, assim como pouco duraria a Liga Espírita do Brasil, consoante os princípios em que fora criada.

As razões desse desaparecimento estão ainda por serem devidamente apuradas. Sabe-se, entretanto, que Lameira de Andrade fora, em São Paulo, ardoroso defensor da Constituinte e que era opositor ferrenho da obra de Roustaing, tendo divulgado diversos manifestos contra suas teses e, inclusive, publicado um livro em que debatia mais profundamente o assunto.

Morta a primeira, surge, dez anos depois, a segunda Feesp, agora sob a direção de outros espíritas e sem contar com o apoio dos centros. Após um período de dura sobrevivência, em que o seu desaparecimento era mais certo do que a continuidade de sua vida, durante a qual o trabalho junto aos centros espíritas jamais vingou, a Feesp finalmente se firma como instituição, devido principalmente à chegada daquele que seria, por mais de 30 anos, o seu mais importante dirigente: Edgard Armond. Figura controvertida, esoterista e maçom, Armond soube vencer as adversidades administrativas e levar a Feesp a uma posição de destaque.

Em 1947, Armond convenceu seus pares a convocar um Congresso para dar fim à desorganização em que se achava o movimento espírita paulista. Iria repetir-se em São Paulo o mesmo caso havido no Rio de Janeiro, ao tempo de Bezerra de Menezes. Apenas o desfecho será outro, como veremos. O diagnóstico levantado mostra uma



Neste salão, na antiga sede da Feesp, realizaram-se as atividades do congresso que deu origem à USE, em 1947.

situação alarmante na época, com os espíritas desunidos e praticando mal sua doutrina nos centros espíritas. Ei-lo⁵:

"1 - Dispersão sistemática e generalizada, em caminho de desintegração, por força de interferências estranhas e de dissensões que, forçosamente, levariam à formação de cismas ou desmembramentos sectários.

"2 - Desvirtuamento da doutrina por força de interpretações capciosas e individualistas e de práticas nocivas visando interesses e ambições pessoais, com evidente desprezo dos seus postulados fundamentais, mormente os do campo moral.

"3 - Disseminação de práticas exóticas, misto de magia e de superstição, com a introdução de ritos de outros credos e cerimônias religiosas de estranho aspecto e significação, tudo o que está designado como "baixo espiritismo" mas que realmente não passa de "falso espiritismo".

"4 - Arbítrio e personalismo, imperantes na maioria das instituições, transformando-as, muitas vezes, em propriedades particulares de uns e de outros, do que resultava afrouxamento cada vez maior da comunhão geral, no campo da fraternidade.

"5 - Clandestinidade de muitas instituições existentes que, propositadamente, fugiam a uma organização regular e ao intercâmbio, para exercerem práticas condenáveis e explorações da credulidade

5 Conforme os anais do primeiro Congresso Espírita do Estado de São Paulo.

pública, causando assim confusão e profundo dano à segurança moral da expansão da doutrina.

"6 - Infiltração nas fileiras espíritas de ideologias estranhas, ligadas a movimentos políticos-revolucionários e tentativas reiteradas de dominação político-partidária, tudo incompatível com os seus princípios e com as finalidades essenciais da doutrina.

"7 - Desconhecimento completo que se tinha do vulto e da extensão do movimento espírita e do perigo que representava para a própria doutrina a expansão desordenada, sem diretrizes uniformes, sem disciplina, sem subordinação a um organismo central coordenador.

"8 - Por último, a ignorância ou o desinteresse que demonstravam inúmeras instituições a respeito do papel e das responsabilidades que o espiritismo assume, como cristianismo redivivo, na esfera da coletividade mundial."

A Federação é a mãe do Congresso. Espíritas de várias partes do Estado foram participar do primeiro grande evento unificador em terras paulistas. Foi da Federação, também, a tese vitoriosa, que resultou na fundação de uma nova entidade, a União Social Espírita, depois mudada para União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE). A USE foi a primeira entidade federativa do País a nascer da vontade coletiva, do interesse dos centros espíritas, que realmente vingou.

A ela foi entregue o destino do movimento espírita no Estado. As quatro grandes instituições federativas, então existentes: Feesp, Liga, União e Sinagoga, mais os dirigentes de centros espíritas, ao aprovar a tese de criação da USE acordaram que a ela caberia a incumbência de coordenação deste movimento. E acordaram mais, de que lhe dariam o indispensável apoio para sobreviver e alcançar seus objetivos. Com isto, as quatro se retirariam dos trabalhos federativos, deixando a USE livre para realizá-los.

Três cumpriram a palavra. A Feesp, não. Armond abrigava a idéia de que a criação da USE resolveria o impasse da ocasião, beneficiando o movimento. Mas ele queria mais: desejava unir a USE à Feesp, prevalecendo finalmente esta. Era o poder que estava em jogo. Mas o destino assim não quis. A Feesp, alimentando a esperança de prevalecer sozinha no trabalho federativo, abrigou em sua sede, por muitos anos, a USE. De um lado, cumpria o dever de apoiá-la (e o fez com o ônus material), mas de outro tinha-a sob sua mira. Também por muitos anos, o presidente da Federação era vice-presidente na USE e vice-versa — o presidente da USE era vice na Feesp.

Na década de 70, com a Feesp continuando a federar centros, paralelamente à USE, formou-se uma comissão pró-fusão das duas entidades. Antes do fim daquela década, ambas viram baldados os esforços — o Conselho Estadual da USE convenceu-se de que a fusão

seria maléfica para a USE e para o movimento espírita. A decisão acirrou os ânimos, que já estavam de fato exaltados.

O fato marcante deste processo histórico é que, tendo fundado a USE com o objetivo de incorporá-la posteriormente, a Feesp não calculou bem o futuro. Ela criou um filho, mas perdeu sobre ele o domínio antes mesmo que ele alcançasse a maioria.

A USE cresceu rápido, devido ao trabalho desencadeado logo após sua fundação. O interior do Estado, o mais abandonado do movimento, tornou-se alvo de suas atenções. Enquanto contou com colaboradores dedicados, a USE varreu o Estado, levando a consciência do trabalho unificado. Logo, surgiram os espíritas useanos, aqueles que nasceram e cresceram doutrinariamente sob o lema da unificação, suficientemente educados na filosofia política da entidade, expressa em conceitos como "a USE somos todos nós". Assim como os useanos vibravam com o sentimento democrático de sua entidade-mãe, viam na Feesp uma entidade sem as características mínimas indispensáveis ao trabalho de unificação. Esse sentimento cresceu e, nos momentos críticos, exacerbou-se.

Para os useanos, a Feesp era nada mais do que um "centrão", termo este que passou a ser, na época, sinônimo de Feesp e de certo modo com contornos pejorativos. Eles a viam com todas as características de um centro espírita que cresceu demasiadamente e tinha em suas atividades, práticas discutíveis do ponto de vista doutrinário. Não aceitavam a forma como os passes eram dados, uma das heranças de Armond. Este, atendendo aos princípios da organização, tratou de padronizar os passes, após definir-lhe diversas classificações. Aos useanos, passes padronizados passou a ser sinônimo de ritualismo. Ademais, os cursos criados pela Federação também continham os seus pontos críticos. O que mais influía, porém, era a filosofia paternalista da Feesp, que contrariava a da USE, já então plenamente aceita e estabelecida.

Um acontecimento em meados da década de 70 veio abalar ainda mais o trabalho em torno da fusão. A Feesp, inadvertidamente, lançou no mercado uma nova tradução de "O Evangelho segundo o Espiritismo", elaborada por Paulo Alves de Godoy, que continha gritantes falhas, incorrendo o tradutor em erros considerados inaceitáveis. A frente deste movimento postou-se um crítico ferrenho da Feesp, Herculano Pires. Apesar das resistências iniciais, a Feesp acabou sucumbindo ante a grita geral e não mais editou aquela tradução.

A decisão da USE, de não aceitar a fusão pretendida pela Feesp, causou entre os diretores da Federação um mal-estar indiscutível. O sentimento de perda do poder ecoou na classe dirigente da instituição com tal intensidade que decidiram dar uma resposta à USE, na forma de aprovação, para a própria Federação, do Estatuto preparado para a nova Feesp que surgiria

da fusão. Isto só fez os useanos sentirem-se mais fortes e seguros ante a decisão que haviam tomado.

Assim, a Feesp prosseguiu, agora com mais liberdade, filiando e atendendo os centros espíritas, dentro de suas características paternalistas, com as quais leva a todos os cursos, os passes padronizados, palestrantes e orientações diversas. A USE seguiu o seu caminho, livre do apoio material da Feesp e sem o compromisso da fusão. A nova situação obrigou-lhe a partir para a superação de dificuldades que até então não a preocupavam. A necessidade de uma sede própria surgiu como meta impostergável, o que lhe tomaria alguns anos de luta, até finalmente consegui-la. E assim ela vive, nos tempos atuais.

O "PACTO ÁUREO" E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

A fundação da USE, em São Paulo, em 1947, inicialmente não foi bem vista pela Federação Espírita Brasileira. Tanto é isso verdade que o representante de São Paulo junto a ela era na ocasião a União Federativa, que assim continuou por algum tempo, mesmo tendo sido criada a USE. Somente a força irresistível dos fatos levaria a Federação, mais tarde, a aceitar a USE. Havia, na verdade, entre os espíritas paulistas e cariocas tuna animosidade semelhante à que preponderava nos aspectos regionais. Como dissemos atrás, após vencer as resistências em 1926, com o advento da Constituinte Espírita, entrou a Federação em novo período de hibernação com relação aos seus deveres perante o movimento de unificação. Em 1949, essa situação estava insustentável, pois de todos os lados surgiam as reclamações contra a Federação.

O movimento que deu origem à USE espalhou-se por várias partes do País. São Paulo, como Estado-nação, já era visto como tuna grande locomotiva. As dissensões São Paulo/Rio influíam, de alguma forma, nos espíritas de ambos os Estados. Ademais, historicamente, São Paulo sempre foi um Estado mais próximo do sentimento racional, confrontando com o sentimento exageradamente místico dos espíritas cariocas. Roustaing, em São Paulo, era mal visto e encontrava, constantemente, um obstinado crítico. Em 1949, essa dura tarefa cabia ao professor Júlio Abreu Filho, o responsável pela tradução da Revista Espírita para o português. Júlio não só criticava a aceitação e imposição de Roustaing pela Federação, como também as atitudes de setis diretores no tocante às edições de obras espíritas.

Neste clima, a USE organizou e realizou dois anos após a sua fundação o Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, com a seguinte justificativa: "A

situação do Espiritismo em São Paulo, antes do aparecimento da União Social Espírita, se bem que em escala reduzida e atenuada, refletia o que se passava em todo o País. E foi analisando estes aspectos e meditando sobre suas ruinosas conseqüências que se resolveu, sem mais delongas, iniciar o urgente trabalho da unificação".

Três eram os objetivos do congresso, todos demonstrando a ineficácia da atuação da Federação: 1 - a unificação do Espiritismo nos Estados. Planos de Execução. 2 - A unificação do Espiritismo nacional.

Sistema a adotar. 3 - Estudo dos problemas de interesse fundamental e urgente para a marcha do movimento espírita nacional.

A FEB não só esteve ausente do congresso como também desenvolveu intenso trabalho para desestimular a presença dos representantes das federativas estaduais. Conseguiu-o em parte pois várias daquelas que inicialmente se comprometeram a participar acabaram desistindo. Isto, porém, não diminuiu em muito o evento. A Federação do Rio Grande do Sul, por exemplo, apresentou proposta de criação de uma Confederação Espírita Brasileira, que assumiria o papel federativo nacional,- que a FEB teimava em não realizar.

O congresso terminou por aprovar que a Federação do Rio Grande do Sul desenvolveria esforços para a criação de uma entidade federativa social e patrimonialmente autônoma. Para tanto, contataria todas as federativas estaduais e apontaria os caminhos. A Federação Espírita Brasileira agiu imediatamente, sob o argumento de ser a Casa Mater do Espiritismo, escolhida por Ismael. E mais uma vez, sozinha, derrotou a coletividade. Espíritas de diversos Estados, ainda em 1949, estando no Rio de Janeiro, assinaram um documento denominado "Pacto Áureo", em que a Federação se propunha a realizar o trabalho de unificação, dinamizando o Conselho Federativo, criado em 1926 mas adormecido desde então. O congresso de unificação de São Paulo estava, pois, morto.

O Pacto Áureo foi recebido com profundas desconfianças por muitos espíritas de São Paulo. Herculano, um dos seus críticos, chamou-o de pacto aéreo, apoiado por dezenas de outros adeptos. A Federação Espírita Brasileira, porém, silenciando-se publicamente, mas agindo sempre com eficácia nos bastidores, mais uma vez manteve sob seu domínio o poder. Ainda hoje, o Espiritismo brasileiro, em termos de organização administrativa, está sob o poder da Federação. O Conselho

Federativo é um apêndice dela. Acima dele está o Conselho da Federação, constituído de seus sócios individualmente, o qual pode, a qualquer momento, tomar atitudes contrárias aos interesses dos representantes das federativas que ali se reúnem.

ESTARIA A SITUAÇÃO EM NOSSOS DIAS

MELHOR DO QUE NO PASSADO?

Resumindo, a situação do movimento espírita brasileiro, em 1995, é mais ou menos esta: as federativas estaduais ainda estão longe de realizarem o ideal da unificação. Os centros espíritas, de uma forma geral, ainda vivem entregues a si mesmos. Algumas federativas, em virtude da adoção de certos princípios discutíveis, não têm força moral suficiente para comandar o trabalho. Por outro lado, as divisões em vários estados enfraquecem o movimento local. Em São Paulo, Pernambuco, Rio de Janeiro e Ceará existe mais de uma entidade federativa, o que provoca confrontos ideológicos perturbadores do movimento.

A luta pela sobrevivência ainda existe em algumas federativas, prejudicando o trabalho do movimento. Em outras, a falta de uma visão profunda do movimento e o desconhecimento da realidade dos centros espíritas as impede de trabalharem como deveriam.

Em São Paulo, a USE se constitui num verdadeiro monumento a ser preservado, tanto pela sua filosofia quanto pelo exemplo que representa de entidade criada pelos e para os centros espíritas. A USE não possui sócios individuais, somente coletivos, o que a diferencia de todas as demais federativas.

Não se quer dizer que a USE seja um primor de entidade, nem que ela não possua as suas deficiências. Ela as possui e deve por isto ser estimulada a melhorar sempre. Por ser o Estado de São Paulo o que maior quantidade de centros possui, é crível acreditar que boa parte deles não têm o apoio e a consciência que precisariam ter, havendo até os que desconhecem a existência da USE.

O trabalho da Feesp é conhecido principalmente na Capital. Ainda assim, é ineficaz e se desenvolve estritamente ao nível do paternalismo. A Federação, porém, não perdeu as esperanças de domínio do poder. Ela desenvolve gestões, embora sem o declarar, à procura de conseguir um lugar no Conselho Federativo Nacional. Sua atividade paralela à da USE enfraquece o movimento estadual. Na ponta de tudo está o centro espírita, unidade do movimento, que poderia ser melhor apoiado.

A USE não surgiu com o sentido paternalista que vigora na base da cultura brasileira. Seus diretores não são eleitos para levar soluções aos centros espíritas, mas para administrar o desejo e as necessidades coletivas. Este é o seu maior desafio, uma vez que coexistem no movimento centros

espíritas, ainda hoje maioria, dependentes das ações desenvolvidas pelas chamadas autoridades máximas, e outros, em menor escala, cujos dirigentes alcançaram a consciência da filosofia que estabelece: "a USE somos todos nós".



Visite nossos blogs:

<http://www.manuloureiro.blogspot.com/>

<http://www.livros-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesdeepoca-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesobrenaturais-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.loureiromania.blogspot.com/>